

UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



A CONSTRUÇÃO DISCURSIVO-PEDAGÓGICA DO GRÊMIO FOOT-
BALL PORTO ALEGRENSE PELA MÍDIA IMPRESSA (1983-2005)

Sérgio Roberto Lima Lorenz

Canoas
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVO-PEDAGÓGICA DO GRÊMIO FOOTBALL PORTO ALEGRENSE PELA MÍDIA IMPRESSA (1983-2005)

Sérgio Roberto Lima Lorenz

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Fabiana de Amorim Marcello

Canoas (RS), novembro de 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA pelas excelentes aulas e pelos recados de esperança em cada momento de encontro, seja em sala de aula, seja nos corredores da Universidade.

À professora Fabiana Marcello pela dedicação, conhecimento, talento e paciência comigo nestes últimos cinco meses.

Ao professor Alfredo Veiga-Neto por ter aberto os meus olhos para olhar o mundo de forma mais crítica e produtiva.

Aos professores Luís Henrique Sommer, Edgar Kirchof e à professora Cristianne Famer Rocha por terem aceito me conduzir nesta última aula.

Ao professor e meu colega Airton Pozzo de Mattos, pelas discussões em torno da educação, ao longo desses últimos três anos.

Aos meus amigos, professor Daniel, e o jornalista José Alberto Andrade, parceiros de trabalho, dos momentos difíceis e também, é claro, dos bons momentos da vida.

A todos os meus colegas da ULBRA que tiveram paciência comigo neste período.

À minha mãe, professora Delzimar da Costa Lima, a pessoa que cuidou de mim e dos meus irmãos, mas, sobretudo, colocou nas nossas mãos as ferramentas para nos tornarmos as pessoas que somos hoje.

À minha namorada, Candice: a sua luz e o seu sorriso me deram outras lentes para olhar o mundo.

E à minha filha amada, a Júlia: o meu presente e o meu futuro!

RESUMO

A partir dos conceitos teórico-metodológicos oferecidos por Michel Foucault na sua obra *A Arqueologia do Saber*, esta dissertação analisa a história do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense com objetivo de encontrar as rupturas que ajudaram a forjar, em torno do clube, um discurso singular que valoriza a “força”, a “raça” e a crença na “imortalidade”. Ou seja, o objetivo aqui é problematizar como foram construídas, midiaticamente, diferentes discursividades em torno do time, nos últimos 30 anos. Para tanto, como desdobramento desse objetivo maior, busquei descrever as descontinuidades enunciativas – na qualidade de *rupturas* – ocorridas em três momentos decisivos do clube, especificamente 1983, 1995 e 2005. Ainda assim, mostro de que forma, nessa produção pedagógico-discursiva, há uma constante reativação de uma “memória enunciativa”, que ajuda a construir uma crença do que é, efetivamente, ser gremista. Esta dissertação está inserida no campo da educação, na medida em que se entende que os sujeitos são constituídos e educados no âmbito da própria cultura e por meio dos mais diversos discursos pedagógicos instaurados neste espectro. Para efetivar as análises, operei, em especial, com os conceitos de *discurso*, *enunciado* e *formação discursiva*, tal como propostos por Michel Foucault em sua singular análise discursiva. Mais do que conceitos, essas noções funcionaram como ferramentas metodológicas que me permitiram descrever (em cada uma das rupturas anteriormente referidas) as dinâmicas da “ordem do discurso” gremista. O *corpus* da pesquisa constituiu-se de matérias e comentários jornalísticos publicados nos jornais Zero Hora e Correio do Povo, dos seguintes períodos: de 1º de dezembro a 31 de dezembro de 1983 (data da conquista do Mundial Interclubes pelo time gremista); de 1º de agosto a 1º de setembro de 1995 (conquista do bicampeonato da América) e, por último, de 1º a 31 de novembro de 2005 (conquista da série B do futebol Brasileiro). É possível dizer, a partir da análise do material empírico, que a singularidade do discurso gremista – que emerge em 1983 – é resultado de práticas construídas pela meticulosa tessitura entre, de um lado, a discursividade em torno do povo gaúcho e, por outro, dos saberes particulares que envolvem as diferenças entre futebol brasileiro, sul-americano e mundial (em especial, o europeu). Da mesma forma, foi possível caracterizar a década de 90 como um período no qual foram instaurados enunciados que caracterizaram (e caracterizam) o clube como um time de “alma castelhana”, “copeiro”, de “competitividade”, de “resultado” – enunciados, portanto, congruentes com um discurso “empresarial” hegemônico no futebol brasileiro na época. Por fim, mostro como o ano de 2005 marca a instauração de um discurso épico em torno do clube, principalmente da chamada “imortalidade tricolor” (uma concepção que parece caracterizar toda a história do time, mas que, ao contrário, apresenta-se como uma invenção bastante recente).

Palavras-chave: Discurso – Futebol - Grêmio – Educação

ABSTRACT

Title: The pedagogic discourse constructed by press media about Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (1983-2005)

Based on the theoretical and methodological concepts of Michel Foucault in his book *The Archeology of knowledge*, this dissertation studies the history of Grêmio Foot-ball Porto Alegrense with the objective of seeking ruptures that helped to forge, on the club, a singular discourse which valorized the “force” and “race” and the belief in the idea of immortality. The objective in this case is to question the way that this idea was built through media discourse in the last 30 years. As a result of this major objective, I described discontinuities in enunciation – as ruptures – occurred in three decisive moments of the club – 1983; 1995 and 2005. I also show in which way this pedagogical discursive production occurs. There is the re-activation of a “enunciatively memory” which help to build the faith of being gremista. This work is located in the field of education, when we consider the subjects as constituted and educated in the universe of his own culture and through several means and varied pedagogical discourse established in this spectrum. To make these analysis effective, I used the concepts of discourse, enunciation, discursive formation as proposed by Michel Foucault .These notions worked as methodological tools to describe the dynamic of the gremista discourse order. The corpus of the research was constituted by journalistic articles, commentaries published in the newspapers – Zero Hora and Correio do Povo in the period of December 1st to 31st of December, 1983 (date of conquest of the World Interclubs Championship by Grêmio), from 1st of august to September, 1st, 1985 (conquest of the America Bi- championship) and the last period 1st to 31st , November, 2005 (conquest of series B Brazilian Championship). It is possible to affirm , from the analysis of the empirical material, that the singularity of the gremista discourse emerged in 1983 as a result of built practices through meticulous integration of discourse of gaúcho people and the specific knowledge that involve the differences between Brazilian, south-American and world football (specially , the European). It was also possible to characterize the 90`s decade as a period in which it was constructed the discourses that characterized and characterize the club as a team of “castelhana soul”, “copeiro”, “competitive”, of “results” – enunciations that agrees with the homogeneous enterprise discourse in the Brazilian football of the that time. Finally, the research shows how de year 2005 mark the instauration of a epic discourse around the club, mainly the called “tricolor immortality” (a conception that seems to characterize the whole history of the ream, but at the contrary, present itself as a recent invention).

Key-words: Discourse – Football - Grêmio - Education

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| <i>Apresentação (Ou, no vestiário...)</i> | <i>8</i> |
| <i>Introdução (Para entrar em campo)</i> | <i>10</i> |
| 1. Dos conceitos em Foucault | 26 |
| 1.1 A questão do saber | 26 |
| 1.2 A proposta da História Geral | 29 |
| 1.3 O enunciado e as formações discursivas | 30 |
| 2. Futebol-arte versus futebol-força: (re)criando uma diferença no Brasil | 35 |
| 2.1 A discussão nos anos seguintes: a “era Dunga” | 40 |
| 2.2 O lance da história gremista | 43 |
| 3. 1983: o nascimento da tradição gremista | 45 |
| 3.1 Grêmio: futebol brasileiro ou futebol gaúcho? | 46 |
| 3.2 O discurso regionalista e o da tradição como centro das discussões | 53 |
| 3.3 As contradições: futebol-força mesmo? | 56 |
| 3.4 A vitória contada pelos “heróis” | 62 |
| 3.5 Sangrando para conquistar a América | 65 |
| 3.6 Criando a “Batalha de La Plata” | 68 |
| 3.7 A conquista da América: o jogo final contra a tradição uruguaia | 70 |
| 3.8 Na prorrogação: algumas considerações finais sobre 83 | 71 |

| | |
|--|-----|
| 4. Anos 90, a “era Felipão”: o surgimento do Grêmio “copeiro”, de “alma castelhana”, da “pegada”? | 75 |
| 4.1 A contemporaneidade <i>versus</i> a tradição | 78 |
| 4.2 O professor manda: “Se agente não faz assim, eles não jogam” | 85 |
| 4.3 O time da “determinação”, da “superação” | 87 |
| 4.4 A reconquista da América: reaparece o “Grêmio Heróico” | 89 |
| | |
| 5. 2005, o retorno do inferno: a configuração da imortalidade | 97 |
| 5.1 A cena enunciativa: o que foi a “Batalha dos Aflitos”? | 99 |
| 5.2 “Sete homens e um destino” | 100 |
| 5.3 “Louvado seja, Imortal Tricolor” | 103 |
| 5.4 “A <i>morir</i> , Grêmio” | 106 |
| 5.5 Aí vem o Grêmio | 110 |
| 5.6 O Grêmio do estilo gaúcho, da predestinação, do estilo argentino: o Grêmio da “imortalidade” | 112 |
| | |
| Considerações finais (O comentário final...) | 115 |
| | |
| Referências bibliográficas | 122 |

APRESENTAÇÃO

(Ou, no vestiário...)

Imparcialidade, isenção, eqüidade: palavras que perseguiram a minha formação no jornalismo. Ao longo de pouco mais de uma década, período no qual atuei efetivamente como jornalista (profissão cujo fazer é o de coletar, investigar, checar, analisar e difundir informações ao grande público, ou parte dele, através dos meios de comunicação social – rádio, jornal, revista, televisão, internet), uma pergunta me perseguia: até que ponto sou isento? Será que utilizando as técnicas metodológicas aprendidas na faculdade e no ambiente da redação, há garantia de um texto objetivo e imparcial? Estou sendo honesto com o meu interlocutor?

Após anos de reflexão, consegui chegar à resposta à última pergunta: Sim! Afinal, buscava incessantemente checar toda e qualquer informação que chegava à redação da Rádio Gaúcha (veículo de informação no qual atuei como jornalista de 1995 a 2003). Havia criado métodos que, até então, eram considerados por mim como os mais eficazes para garantir uma informação “verdadeira”. Ao longo do tempo, fui percebendo, no entanto, que não era tão isento quanto imaginava. A minha formação assegurava ao leitor, ao ouvinte, um mundo “real”, mas de acordo com a *minha* visão de mundo. Caíram as primei-

ras certezas, veio a desestabilização, a crise. Tempos ruins? Não, tempos de mudança.

Percebi, então, que precisava voltar aos bancos escolares e tentar procurar respostas mais convincentes às minhas perguntas. Fui em busca de uma especialização em Educação, pois entendia que a minha atividade como jornalista, em alguma medida, estava inserida na produção de discursos, na construção de novos objetos de pensamento e, em última instância, na constituição de uma realidade. Uma vez concluída a especialização, era preciso entrar na sala de aula. Outra decisão que desestabilizava: a de abandonar mais de dez anos de redação jornalística.

Decisão tomada, o caminho era Palmas, no Tocantins. Decidi participar da formação dos futuros jornalistas de um lugar diferente, ou melhor, com uma cultura diferente. A primeira lição que aprendi, logo nos primeiros meses, era a de que deveria conhecer o lugar, o cenário, as pessoas, e depois começar a ensinar. Foram quase três anos em Palmas: três bons anos, novos amigos, relações, muitas lições e algumas novas perguntas.

Em 2006, decidi retornar ao Rio Grande do Sul. Mais uma vez, uma transferência difícil; mais uma vez, estava “deixando as coisas para trás”. Havia, contudo, outros ensinamentos por aqui. Será que o acadêmico da ULBRA em Canoas é o mesmo do Centro Universitário Luterano de Palmas? Logo percebi que a resposta era não. Tive que derrubar mais alguns paradigmas que haviam me constituído ao longo do período no Tocantins. Deveria buscar novas formas de encaixe ao cenário, em suma, era necessário me flexibilizar. Percebi que os sistemas simbólicos que constituem a vida em um lugar colaboram na nossa formação. Veio, então, a necessidade do mestrado, precisava continuar buscando novas respostas para essas problematizações.

Levando em conta essa minha caminhada, decidi optar por uma linha de pesquisa que permitisse a utilização de alguns conceitos e experiências que se atravessaram ao longo da minha vida e junto aos quais pudesse encaixar os meus interesses (ou, quem sabe, alterá-los e desestabilizá-los).

A partir disso, decidi retomar algumas perguntas que fazia há cinco ou seis anos, porém agora “munido” de um conjunto de discussões que acabaram

por ampliar (e mesmo alterar) significativamente o rumo daquilo que vinha pensando. Neste sentido, as idéias de isenção, de imparcialidade no jornalismo foram descartadas e, no lugar delas, coube-me entender de que maneira isenção e imparcialidade são, antes disso, conceitos forjados e tecidos em meio aos (e pelos) textos que permeiam os jornais.

Mais do isso, se há alguma pergunta que me preocupa neste momento é: de que forma os discursos que nos atravessam constituem nossas práticas? Ancorado em Michel Foucault, decidi olhar para um único objeto: o futebol – especificamente para as práticas discursivas postas em circulação pela mídia impressa e que constituem o *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense*, clube “do coração” de parte expressiva da comunidade gaúcha. Aqui, confesso, o tema é de meu interesse (e teria como não sê-lo?), pois cresci em uma família de gremistas e, em boa parte da minha adolescência, freqüentei a arquibancada geral do Grêmio. Depois, já profissional, passei a trabalhar com jornalismo esportivo, o que também me mantinha, embora em outra esfera, em um outro olhar, relacionado ao futebol. Portanto, faço-me neste momento confessor de que a dissertação está impregnada de paixão pelo objeto e pelas ferramentas oferecidas por Michel Foucault. É através dessas lentes busco mais algumas respostas, sem me preocupar como fato de elas serem verdadeiras ou não, mas tenho certeza de que serão as mais honestas possíveis.

INTRODUÇÃO

(Para entrar em campo)

Estádio Nacional de Tóquio. 11 de dezembro de 1983. 18 minutos da prorrogação do Mundial Interclubes entre o *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense* e o clube alemão *Hamburgo*. Armindo Antônio Ranzolin, narrador da Rádio Guaíba, descrevia assim o lance histórico¹:

De Leon, no meio de campo. Está Caio livre pelo lado esquerdo. Recolheu, dominou cercado pelo *Wemayer*. Caio driblou pela direita, levantou para Tarciso... Tarciso deixou passar para Renato. Preparou, de perna esquerda: atirou, Gooooo! Goooooo!!!! Do Grêmio!!!!!!! Renato!!!! Caio recebeu na ponta, levantou a bola que caiu nos pés de Renato. Mário Sérgio ergue as mãos para o céu, como que agradecendo a Deus pelo gol de Renato.(GRÊMIO, 2008, s/p)

Qual gremista com idade superior a 30 anos não se recorda deste lance? Qual gremista não sente saudade do gesto do zagueiro uruguaio, com barba no rosto e expressão séria, erguendo a taça de campeão do mundo? Essa cena está na cabeça de milhares de torcedores gremistas que tiveram a oportunidade de testemunhar a final histórica entre o Grêmio e Hamburgo, na disputa do Mundial Interclubes².

² Competição que reúne o clube campeão europeu e o campeão sul-americano. O título era patrocinado pela Toyota, empresa automobilística japonesa e, por isso, disputado em Tóquio, no Japão. O Mundial não estava

Está na cabeça também daqueles que não tiveram a oportunidade de testemunhar esse fato – mas que já ouviram essa história dos pais, assistiram a produções cinematográficas, leram nos livros, ou seja, souberam do fato histórico por meio dos mais diversos veículos midiáticos que circulam hoje na cultura. Portanto, há uma geração inteira que ouviu essas histórias; uma geração que foi formada por elas, que se tornou gremista, aprendeu a torcer pelo clube; enfim, uma geração que foi, de algum modo, subjetivada por essas narrativas. Mas será que somente essa história ou há outros marcos importantes nessa narrativa? Como saber, como definir onde começa e onde termina uma história e seus efeitos?

Esta dissertação parte da hipótese de que esse lance, ou melhor, essa conquista, ajudou ao Grêmio a forjar uma produção discursiva em torno de si, ao longo dos últimos 30 anos. Uma discursividade que se transformou, ganhou novas nuances, novos sentidos, novas roupagens ao longo desse período, de acordo com os acontecimentos a ela subsequentes. O ano de 1983, portanto, foi o período no qual emergiram condições de possibilidade específicas, a ponto de permitirem a invenção de uma tradição em torno do time.

Trata-se, por certo, como todas as tradições, de uma tradição inventada, ou seja,

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com o passado histórico apropriado (HOBBSAWM e RANGER, 1997, p. 9).

Por esse conjunto de práticas, podemos entender desde o ato singelo mais prosaico, repetido a cada jogo do Grêmio que se realiza no Estádio Olímpico³ ou em qualquer outro estádio de futebol, como aquele, dos torcedores, de pendurar faixas com dizeres como: “Treino é Jogo. Jogo é Guerra!”. Tal prática é testemunhada por milhares de pessoas que assistem aos jogos do Grêmio *in loco* ou mesmo pela televisão. Trata-se de faixas que tecem, a partir de

no calendário da Federação Internacional de Futebol (FIFA), embora ela o apoiasse. Somente anos depois, a FIFA referendou o título do Grêmio e de todos os outros clubes que o disputaram nesse formato, nas décadas de 80 e 90. A partir de 2000, a FIFA passa a organizar o Mundial Interclubes.

³ Estádio privado do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, denominado como Olímpico Monumental.

sua materialidade, algo além daquilo que permitem evocar: lemas, mas também imagens de “heróis” – como aquelas que portam a imagem de Renato Portaluppi e de De Leon, erguendo a taça da Libertadores, de 1983, com o sangue escorrendo no rosto. Tais faixas, por certo, estão ligadas e fazem parte de um conjunto de práticas que permite aos gremistas, a um só tempo, garantir o vigor de um time (para futuras vitórias e conquistas) e remeter o time a um passado entendido como um lócus seguro e ideal (aquele das vitórias e conquistas).

Penso, portanto, que 1983 foi o ano do surgimento da condição para que se forjasse, em torno do clube, uma produção discursiva singular. Uma produção discursiva que, de fato, fora organizada de modo preciso naquele momento histórico. Contudo, para poder garantir existência e validade, tal produção foi (e vem sendo), a cada vez, formada e transformada ao longo dos anos posteriores.

Isso tem a ver com o próprio sentido de como as dinâmicas discursivas são instauradas, tais como entendidas por Foucault:

Suponho que não há sociedade onde não existam narrativas maiores que contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas textos, conjuntos ritualizados de discursos que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez que se conservam, porque nelas se imaginava haver algo como um segredo, uma riqueza. Em suma pode-se supor que há, muito regular nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que “se dizem” no decorrer dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos e estão ainda por dizer (FOUCAULT, 2006, p. 22).

Portanto, esse não é simplesmente um trabalho sobre o Grêmio ou sobre o futebol. Acima de tudo, este é um trabalho sobre educação – especialmente quando compreendemos por este termo as múltiplas formas pelas quais o sujeito é constituído e educado pela cultura.

Aparentemente tão simples, tão singela, tão cotidiana, tão “regionalizada”, a rede discursiva em torno do Grêmio pode parecer não ter grande importância. Afinal, o que se aprende com “o” Grêmio? Contudo, ao contrário, penso aqui que tal rede acaba por mostrar relações bastante complexas, instauradas

no domínio da cultura e que dizem respeito, de forma mais ampla, a fatores muito concretos acerca de como vimos nos situando e nos reconhecendo como sujeitos hoje. E é sobre essas relações que gostaria aqui de falar.

* * *

Fabricado pela cultura, o futebol é uma prática que envolve e reúne, em torno da televisão, milhões de pessoas a cada final de semana. As partidas são eventos geralmente construídos a partir de várias linguagens (câmeras de todos os ângulos, *closes* cada vez mais sofisticados, estratégias de repetição e projeção de imagens a fim de garantir, tanto quanto possível, a certeza derradeira sobre este ou aquele lance). Aprimoradas continuamente, as imagens televisivas visam atingir um número cada vez maior de pessoas que não vão aos estádios para assistir aos jogos *in loco*.

Além disso, o futebol está inscrito numa lógica social e econômica vigorosa. Para se ter uma idéia, espera-se que a Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no Brasil, obtenha um faturamento na ordem de 20 bilhões de dólares.

O futebol aciona um verdadeiro mercado de consumo característico da pós-modernidade. Os clubes de futebol e a mídia buscam, a cada momento, oferecer novos artefatos para serem consumidos pelos milhares de aficionados e, nesse processo, fazem circular conceitos ligados a essa maquinaria corporativista (conceitos sobre os times, sobre os patrocinadores, sobre os jogadores).

O futebol serve como construção potente de afirmação para grupos ou mesmo para nações. Não é raro ver o Brasil mobilizado em torno de uma Copa do Mundo, como se ali fosse o momento de afirmação do poder da nação (fato tantas vezes já discutido e criticado por antropólogos, sociólogos, jornalistas). Também no Rio Grande do Sul, é freqüente no discurso da imprensa, durante as coberturas de seus jogos, principalmente de Grêmio e Internacional, os dois principais clubes gaúchos, a evocação de termos como "alma gaúcha" ou representantes do que "há de melhor no Rio Grande do Sul".

Essa importância do esporte, em especial do futebol, na vida cotidiana foi registrada por Hobsbawm, em *Nações e Nacionalismo desde 1780*, quando ele explica o surgimento das Copas do Mundo, a partir de 1930.

O espaço entre a esfera privada e pública também foi preenchido pelos esportes. Entre as duas guerras, o esporte como um espetáculo de massas foi transformado numa sucessão infindável de contendidas, onde digladiavam pessoas e times simbolizando Estados-Nações, o que hoje faz parte da vida global. Até então, ocasiões como os Jogos Olímpicos e partidas internacionais interessavam principalmente ao público de classe média (apesar de os Jogos Olímpicos já começarem a assumir ares de competições nacionais, mesmo antes de 1914), e as partidas internacionais foram realmente organizadas com o objetivo de integrar os componentes nacionais dos Estados Multinacionais. Eles simbolizavam a unidade desses Estados, assim como a rivalidade amistosa entre suas nações reforçava o sentimento de que todos pertenciam a uma unidade, pela institucionalização de disputas regulares, que proviam uma válvula de escape para tensões grupais, as quais seriam dissipadas nas pseudolutas (HOBSBAWN, 1998, p. 170-171).

Para Hobsbawm, ao final do séc. XIX, o futebol, como prática da cultura proletária inglesa, ganha novas roupagens e adquire características que o marcam até hoje, em termos de importância social. “Entre meados da década de 1870, no mínimo, e meados ou fins da década de 1880, o futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos habituados e familiarizados”. Tais características vão desde: “o profissionalismo, a Confederação, a Taça, que leva anualmente em peregrinação os fiéis à capital para fazerem manifestações proletárias triunfantes, o público nos estádios todos os sábados para a partida do costume, os ‘torcedores’ e sua cultura, a sua rivalidade ritual, normalmente entre facções de uma cidade ou conurbação industrial” (HOBSBAWN, 1997, p. 296).

Assim, o discurso em torno do futebol é capaz de forjar um sentimento de coesão social, de pertencimento a uma nação, a uma entidade; é capaz de divulgar valores, comportamentos e costumes de um grupo. Como diria o jornalista Nelson Rodrigues, quando se referia ao selecionado verde-amarelo: *A seleção brasileira é a pátria de chuteiras*. Uma pátria que é criada por histórias, que necessita de conquistas para se auto-afirmar como vitoriosa, nem que seja via esporte. Não é raro entre os jornalistas, antes de uma Copa do Mundo, um clima de ufanismo generalizado, como foi o de 1982, na Copa da Espanha. Neste caso, com a derrota (não menos unificadora), com o profundo

sentimento de frustração e de pessimismo nacional – que não se deu somente no âmbito do futebol, mas também sobre as instituições que regulam o próprio futebol brasileiro e o Estado. De forma contrária, a Seleção Brasileira vitoriosa de 1970, período em que o país vivia uma ditadura, foi transformada em bandeira nacional, cantada em letras nada implícitas: *Vamos juntos, vamos! Pra frente Brasil! Salve a seleção!*

Além disso, merece ser ressaltado o quanto, já há algum tempo, o futebol, por meio de seus ídolos e “craques”, coloca em funcionamento, de forma bastante insidiosa, modelos específicos de ser sujeito. Na “fabricação de ídolos esportivos” (PILOTTO, 2000), portanto, são postas em circulação muito mais do que discursividades acerca dos atributos (desejáveis) para atletas de alto rendimento. De acordo com Ernst Van Aphen (1997), toda produção de ídolos envolve relações outras com as quais a noção de “talento” se interliga e que visam a constituição de sujeitos “exemplares”, “modelares”. Desta forma, “talento” no esporte não está afastado de um rol de atributos ligados à vida pessoal dos “ídolos” (relacionamentos amorosos, marca do carro, corte de cabelo, roupas usadas – e patrocinadas –, etc.). Ainda assim, para tal construção,

os modelos retratados são também despojados de sua interioridade. São exibidos como substitutos universais da subjetividade. Nós, observadores não vemos na imagem da estrela um eu ímpar, mas um sujeito totalmente modelado nesta fantasia universal do estrelato (APHEN, 1997, p. 239).

Assim, por mais que se trate aqui de um recorte bastante específico de um objeto discursivo (o Grêmio, na qualidade de time de futebol que carrega o título de “imortal tricolor”), trata-se de pensá-lo como um exemplar significativo acerca dos modos intrincados pelos quais os sujeitos são hoje educados na cultura, ou sobre os modos como nela são convidados a se reconhecer e a serem reconhecidos – ou seja, por relações que envolvem desde dimensões econômicas a sistemas de informação diversos, desde aquilo que sustentam e reitem sobre os valores culturais mais amplos de um tempo, quanto aquilo que, regionalmente, visam a alimentar.

Deste modo, o futebol – e o Grêmio – está relacionado e intrincado a redes mais amplas de saber-poder, que, de fato, permitem que uma série de estruturas que erigem o social e o modo como nos reconhecemos nele possa

ser acionada e, acima de tudo, *sustentada*. Noções sobre “ser brasileiro”, “ser gaúcho” (apenas para citar um exemplo) – tal como a de “ídolo”, destacada anteriormente – não pré-existem, muito menos existem sozinhas ou localizadas, mas tão-somente porque se encontram difusas, dispersas, ocupando os espaços mais diversos: da mídia à escola, das políticas federais ao conjunto de tradições e mitos que permeiam a cultura (dentre eles, aqueles tecidos pelos clubes de futebol).

Ainda assim, no caso de um trabalho que trata da análise de materiais midiáticos, é importante lembrar a tese de Benedict Andersen (1989), para quem a imprensa exerce um papel fundamental no reforço à nacionalidade, ao regionalismo e à própria tradição, justamente por colocar em circulação uma série de valores que fazem parte da comunidade, inserindo em um único espaço as mesmas notícias, mas que circulam na sociedade. Ao utilizar a expressão “*best-sellers por um só dia*”, o autor destaca, a um só tempo, a força dos jornais, em termos de venda e consumo imediato, e seu caráter produtor; produtor, acima de tudo, ficcional.

Apresentando os jogadores: os diferentes Grêmios

A história de uma nação, de um ídolo, de um clube de futebol é cheia de marcas, acontecimentos, rupturas que se constituem como descontinuidades, continuidades e identidades. O que se conta de cada um desses acontecimentos, caracterizadamente singulares, extraordinários, revela uma marca expressiva de um conjunto de histórias que se entrecruza e forma um regime de verdade sobre determinado objeto. Mesmo que essas histórias sejam escritas e contadas por autores diferentes, ou que atravessem o murmúrio que lhes caracteriza, em diferentes períodos, com frases jamais repetidas (ou repetidas *ad nauseum*), elas constituem um corpo: um corpo anônimo, cuja voz do sujeito que as enuncia é nada mais que seu efeito.

É a partir das ferramentas de Michel Foucault, em sua análise arqueológica do discurso, que proponho olhar para a história do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. O objetivo é tentar encontrar alguns momentos que ajudaram a

forjar, em torno do clube, um discurso singular que valoriza a “força”, a “raça”, a “crença na imortalidade”. Esses discursos que transformaram o Grêmio, ao longo de sua existência, em um clube “diferente” dos demais do Brasil, no seu “estilo de jogar futebol”. Se é que isso é possível de dizer...

Tal “diferença” se faz visível e enunciável nos textos da imprensa, nos materiais midiáticos que contam as grandes vitórias, nas observações dos cronistas esportivos, nos livros sobre o clube. Não aparecem, é bom salientar, em qualquer momento, mas em determinadas partes de sua história. Em determinados quadros, séries, portanto, que, como um filme, são montados e engendrados para se constituir, a cada vez, como “verdadeiros”.

O ponto de partida desta dissertação de mestrado é justamente o de tentar localizar, em três momentos históricos do Grêmio, constelações discursivas que expressam sentidos precisos em torno do clube, e que constituem, a um só tempo, *três objetos discursivos diferenciados* e por meio da construção de *três diferentes formações discursivas* que, paradoxalmente, se repetem e se excluem, se reforçam e se dissipam, se reafirmam e se transformam.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar como se construíram, midiaticamente diferentes discursividades em torno do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense. Especificamente, a partir de três movimentos daí dependentes e que implicam:

- 1) Rastrear as rupturas que marcaram a história do time;
- 2) Caracterizar as discontinuidades enunciativas produzidas em torno do time. Ou seja, mostrar de que modo não podemos afirmar a permanência de certos “termos” ao longo de uma e mesma história, mas, antes, sua transformação e seu dinamismo em períodos específicos;
- 3) Evidenciar de que modo uma “memória enunciativa” (de um passado de conquistas recentes) é reativada para a construção da crença do que é, efetivamente, ser gremista.

Trata-se aqui, portanto, da análise de três rupturas: especificamente, aquela instaurada no ano de 1983 (quando o Grêmio conquistou o título Mundial Interclubes e a sua primeira Libertadores da América); na do ano de 1995

(ano da segunda conquista da Libertadores); e na do ano de 2005 (quando o Grêmio retornou à primeira divisão do futebol brasileiro, após a sua segunda “queda” na história, relativamente à segunda divisão do futebol brasileiro). Mais do que acreditar que uma história de time (ou de qualquer outro objeto) se forja num contínuo progresso, o interesse aqui esteve radicado em, tomando o Grêmio como exemplo emblemático, mostrar como, no conjunto disperso, heterogêneo e, por vezes, paradoxal, a “marca” de um time se constitui.

Para tanto, tomo como *corpus* de análise os seguintes materiais: matérias sobre o Grêmio extraídas dos jornais Zero Hora e Correio do Povo do período compreendido entre 1º de dezembro a 31 de dezembro de 1983; 1º de junho a 30 de julho de 1995 e, por fim, de 1º de novembro a 30 de novembro de 2005. Como se pode observar, tais materiais e períodos foram escolhidos tendo em vista as rupturas que julgo existir na história do Grêmio.

Sob alguns riscos, fiz esse recorte temporal, na intenção de aceitar o convite de Foucault:

É preciso, numa primeira aproximação, aceitar um recorte provisório: uma região inicial que a análise revolucionária e reorganizará, se houver necessidade. Mas como circunscrever essa região? Por um lado, é preciso, empiricamente escolher um domínio em que as relações corram o risco de serem numerosas, densas e relativamente fáceis de descrever. [...] a análise dos acontecimentos discursivos não está, de maneira alguma, limitada a semelhante domínio; e, por outro lado, o recorte do próprio domínio, não pode ser considerado como definitivo, nem como válido de forma absoluta; trata-se de uma primeira aproximação que deve permitir o aparecimento de relações que correm o risco de suprimir os limites desse primeiro esforço (FOUCAULT, 1987, p. 33-34).

Assim, a pesquisa tenta, no que se refere ao domínio discursivo e em certa medida, localizar os princípios de diferenciação, suas leis de repartição. Para tanto, propõe pensar algumas perguntas (que aqui só separam para efeito de explicação): qual relação esses três times (equipes de 1983, 1995 e 1995) estabelecem entre si, quais suas “especificidades”; efetivamente o que foi dito sobre eles (elas) e quem disse determinadas coisas sobre eles (elas), nestes períodos? Por que determinadas enunciações foram feitas em 1983, e não em 1995, ou 2006? O que foi (re)acionado em um ano e em outro? Que eram os atores que faziam parte de cada uma dessas épocas? Acima de tudo,

como eles se posicionavam e como eram posicionados no interior dessa(s) discursividade(s)? O que a imprensa disse? Sob quais condições?

Ainda assim, importa tentar descrever como o discurso construído em torno dessas equipes está relacionado a outros discursos mais amplos: que parte dos saberes em torno do futebol, mas também sobre o próprio Rio Grande do Sul (sobre a noção de “gaúcho”) e sobre o Brasil (sobre a noção de “brasileiro”) estão aí envolvidos?

Portanto, admito, ainda mais, que, cada uma a seu modo, tais rupturas instalaram em torno do time três formações discursivas distintas e complementares; heterogêneas e congruentes; conflituosas e coerentes. Assim, o trabalho aqui foi o de buscar ver e dizer as formas como tais formações operaram distintivamente na constituição dos discursos acerca do time e sobre a própria noção do que é ser gremista. Acima de tudo, importa aqui descrever de que modo tais formações adquiriram “força de conjunto”, mesmo tendo como materialidade um domínio tão restrito, como o de um time de futebol.

As formações discursivas devem ser vistas sempre dentro de um espaço discursivo ou de um campo discursivo, ou seja, elas estão sempre em relação com determinados campos de saber. Assim, quando falamos em discurso publicitário, econômico, político, feminista, psiquiátrico, médico ou pedagógico, estamos afirmando que cada um deles compreende um conjunto de enunciados, apoiados num sistema de formação ou formação discursiva (FISCHER, 2001, p. 2003).

Em certa medida, tento eleger, já que é perceptível em determinados documentos, os diversos discursos que atravessam o campo discursivo do futebol (e, notadamente, o Grêmio); ou, ainda, tento descrever o que Foucault chama de campo enunciativo:

[...] o campo enunciativo compreende, também, formas de coexistência. Estas delineiam, inicialmente, um campo de presença (isto é, todos os enunciados já formulados em alguma outra parte e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundador ou de pressuposto necessário, e também os que são discutidos e julgados, assim como os que são rejeitados e excluídos); nesse campo de presença, as relações podem ser da ordem de verificação experimental, de validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca de significação oculta, da análise do erro. [...] Finalmente, o campo enunciativo compreende o que se poderia chamar de domínio da memória (trata-se dos enunciados que não são mais admitidos nem discutidos, que não definem mais, conseqüentemente, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas

a relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade (FOUCAULT, 1987, p. 65).

Nesse excerto, Foucault explica como devemos “olhar” para os enunciados no sentido de estabelecer suas relações com outros e entender como se formou certo discurso. Isto é, o pesquisador deve descrever como eles aparecem em determinado lugares e épocas, e como tomaram corpo ao narrar o objeto. Neste sentido faz-se imprescindível, na descrição da história analítica do Grêmio, destacar, por exemplo, a noção de gauchismo. Pois as pessoas que estão autorizadas a falar sobre futebol gaúcho, sobre o próprio clube, colocam em circulação enunciados que remetem a um campo de memória do próprio “povo gaúcho”, mas que são retomados com outro sentido para definir, classificar e determinar as características de cada uma das equipes do Grêmio.

Por exemplo, a palavra “imortal” utilizada por Lupicínio Rodrigues na composição do hino do Grêmio tem o mesmo sentido hoje para a comunidade gremista? Que “laços de filiação” ela estabelece? É exatamente essa dispersão enunciativa que pode ser encontrada em cada um dos temas, ou dos “Grêmios” de 1983, 1995 e de 2005, que se tornaram alvo de análise, sem se preocupar em construir um “grande texto ininterrupto”. É justamente na contingência dos acontecimentos ou na sua emergência histórica e discursiva que tento encontrar a formação discursiva em torno desses Grêmios.

Seguindo ainda nessa intenção, também relatarei o que é dito sobre o esporte, sobre os times vencedores, o futebol sul-americano, o futebol europeu, o que se conta a respeito da formação do futebol do Brasil, sobre o “crack” da vez (ou do time), sobre o técnico, sobre a torcida, enfim, sobre o que se conta a respeito do próprio Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense e o que se seleciona para narrar, para tecer sua história.

Ainda assim, busco mostrar como os próprios sujeitos desse discurso se posicionam no interior dele. Ou seja, como eles contaram, ao longo dos anos, as conquistas, as derrotas, as dificuldades de cada partida, cada campeonato. Ou seja, tento relacionar os enunciados de cada um dos campos que, de alguma forma, dizem algo sobre o campo discursivo do futebol e, especificamente, sobre o Grêmio.

Toma-se aqui enunciado a partir de Foucault (1986, p. 99), ou seja, “como uma função de existência que pertence, exclusivamente ao signo, e que se pode decidir, pela análise ou pela instituição, se “eles fazem sentido” ou não”. Tento descrever a relação entre enunciados, e como eles se relacionam, derivam e são derivados de práticas discursivas específicas de cada momento do clube e que circulam em torno dos saberes sobre o futebol.

Como afirma Fischer:

não há enunciado que não esteja apoiado em um conjunto de signos, mas o que importa é o fato de essa função caracterizar-se por quatro elementos básicos: um referencial (ou seja um princípio de diferenciação), um sujeito (no sentido de “posição” a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica – por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativas através de técnicas, práticas e relações sociais (FISCHER, 2001, p. 201-202).

Assim, tento identificar, em cada um dos “Grêmios”, qual o seu referencial em 1983, por exemplo. Era o Grêmio da “raça” ou da “imortalidade”? Ou era apenas mais uma equipe gaúcha? Ou representante “legítima” do “futebol brasileiro”? O que, afinal, o caracterizava? Quem falava sobre o Grêmio de 83, que posições ocupavam? O que a imprensa dizia? O que estava dito nos jornais da época e nas revistas? O que se disse nos materiais que foram construídos anos depois, talvez, até décadas depois? Qual a mudança que este deslocamento dos ditos traz? E mais: será que o Grêmio de hoje não começou a ser forjado em 1983? Afinal, qual é o Grêmio de hoje? O que ele carrega?

Ora, se pretendo me apoiar em Foucault, o que me interessa é o que está efetivamente dito sobre cada uma dessas equipes. Não me interessa o seu grau de validade. Esses textos criam regimes de verdade sobre determinado objeto e, até mesmo, determinados saberes. É essa “vontade de verdade” que está descrita em certo número de suportes institucionais que ajudam a contar a história do Grêmio ou, melhor, as histórias sobre o Grêmio.

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é ao tempo reforçada e reconduzida por todo um conjunto de práticas [...]. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, é distribuído, e de certo modo atribuído. [...] Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional

tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão é como que um poder de coerção (FOUCAULT, 2006, p. 17).

Repito, não procuro segundas intenções, as coisas ocultas. Procuro, antes disso, deixar os materiais, os personagens “falarem” ao longo dos textos que analiso, sejam eles jornais gaúchos, revistas nacionais, *sites* produzidos pela própria mídia, ou mesmo, o que o próprio site do Grêmio conta a respeito de si. Vou me apoiar na própria materialidade discursiva, ela mesma. Enfim, o que me importa é o próprio discurso.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: das relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos (FISCHER, 2001, p. 198-199).

Antecipo, e sei do risco, que analiso, mesmo que paralelamente, diversos materiais com linguagens diferentes, cujos textos foram difundidos por dispositivos (mídias) diferentes. Por mais que tenha delimitado o *corpus* desta pesquisa, em alguns momentos, faço uso de matérias da revista *Veja*, de circulação nacional. Os textos difundidos pela revista me deram pistas acerca do que se pensava do futebol, principalmente, no início dos anos 80, e também sobre qual a visão da mídia nacional em relação ao próprio Grêmio, no ano de 1983, e 1995.

Da mesma forma, colhi impressões em livros publicados sobre futebol, principalmente aqueles produzidos por jornalistas esportivos. Essa escolha está baseada na idéia de Foucault, quando explica o procedimento da interdição na *Ordem do Discurso* (2006). Para ele ninguém pode dizer qualquer coisa em qualquer circunstância, ou seja, o discurso é uma ferramenta cujo privilégio é de alguns. No caso aqui, os jornalistas, em tese, são os especialistas, aqueles que detêm o saber. Portanto, adquirem *status* para falar sobre o objeto futebol. Para Foucault, o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, aquilo por que, pelo que se luta, o poder no qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT apud VEIGA-NETO, 2004, p. 108).

Por fim, em alguma medida, trago para análise, mesmo que de modo paralelo, materiais que foram encontrados de forma aleatória na internet, desde portais de informação como Terra, UOL e ClicRBS, blogs de conhecidos jor-

nalistas nacionais e de textos publicados pelo próprio *site* do Grêmio (na qualidade de espaço “institucionalizado” de veiculação de informações). Ainda assim, outra produção “institucional” usada foi o documentário lançado em 2009 pelo Grêmio, produzido e dirigido pelo cineasta gaúcho e gremista Carlos Gerbase, em comemoração aos 25 anos do título mundial e da Libertadores. O material que trago do filme foram apenas as falas dos personagens das campanhas vitoriosas do Grêmio na Libertadores e do mundial. A intenção foi verificar como, anos mais tarde, eles contam essas histórias e de que forma a revelam como sendo a “verdadeira”, a “oficial”.

Para Foucault, é a partir do próprio discurso, entendido como prática, que se determina o que se pode dizer sobre determinado objeto, em determinado tempo.

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, de um gesto da escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo o acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente porque está ligado não apenas às situações que o provocam, e as consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 1987, p. 32).

Portanto, o que faço é, antes, reconstituir em que termos tais documentos foram construídos, em que momentos, que fatos os geraram, e sob quais condições foram maquinados. Isso significa tratar os *documentos* como *monumentos*, como propõe Foucault:

[...] a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em sua profundidade o que tinha sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos, [...] poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras, que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento (FOUCAULT, 1987, p. 8).

Assim, abandona-se a idéia de uma história *global* e se passa a tratar a história como *geral*. Ou seja, deixa-se de procurar uma relação de causalidade

entre objetos diferentes em um determinado espaço-tempo, e se procura, nos acontecimentos dispersos, antes relegados pelos historiadores, as relações que podem ser daí descritas. Nesse sentido, a história sobre o objeto não se revela no contínuo, mas no descontínuo, ou seja, no espaço onde aparece a transformação. Movimento, pois, contrário a uma idéia de progresso contínuo e global, que “cinge todos os fenômenos em torno de um centro único – princípio, significação, espírito, visão de mundo, forma de conjunto” (FOUCAULT, 1987, p. 12). O que importa, aqui é permanecer situado no espaço de uma dispersão (IBIDEM).

Para dar conta dessas discussões, no primeiro capítulo desta Dissertação, problematizo alguns conceitos foucaultianos relativos à análise do discurso – especialmente aqueles desenvolvidos pelo autor na obra *A Arqueologia do Saber* (1987; 2006). Tal discussão é feita aqui com a ajuda de alguns de seus comentadores, em especial, Alfredo da Veiga-Neto e Rosa Maria Bueno Fischer.

No segundo capítulo, apresento os discursos que circulavam em torno do futebol no início dos anos 80, período em que o Grêmio se tornou Campeão da Libertadores da América e do Mundial Interclubes. A idéia é descrever o que foi dito, as visões, os regimes de verdade, os saberes, enfim, os conceitos que determinavam o que era dito ou não, principalmente na imprensa sobre o futebol. Analiso, numa primeira seção, a discussão *estética* que atravessa a história do futebol brasileiro e reaparece em determinados momentos, de acordo com os fenômenos que surgem. Ou seja, parto de um momento específico do time para tratar de uma problemática cara ao futebol brasileiro: o futebol arte.

No terceiro capítulo, trabalho como a primeira ruptura gremista: o ano da conquista do mundial Interclubes e da primeira conquista da Libertadores da América. Parto da hipótese de que foi nesse período em que o Grêmio rompe com o seu passado e dá início a uma produção discursiva em torno de si por meio de suas conquistas. O capítulo analisa a produção discursiva em torno do clube pelos jornalistas regionais e nacionais deste período. Ainda assim, em tal capítulo descrevo o que foi dito pelo próprio Grêmio através de alguns documentos que foram construídos anos mais tarde, como um filme lançado em 2009, data comemorativa dos 25 anos da conquista gremista.

No quarto capítulo, utilizo a mesma estratégia, qual seja, descrevo, a partir da imprensa nacional, o que se dizia do futebol nacional em 1995 e parto para o que considero a segunda ruptura gremista: o ano da conquista da segunda Libertadores da América, principalmente a partir da liderança de Luis Felipe Scollari, o treinador daquela equipe multi-campeã. Foi nesse ano que pode ter surgido a idéia do Grêmio como clube não apenas representante da escola gaúcha de jogar futebol, mas, sobretudo, da escola sul-americana.

O quinto capítulo é dedicado à análise do acontecimento denominado pelo Grêmio e pela imprensa gaúcha como a "A Batalha dos Aflitos". Neste momento, apresento parte da produção discursiva em torno do jogo, basicamente a divulgada pelos jornais gaúchos *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Também mostro como surgiu a chamada torcida "Alma Castelhana" ou da "Geral", uma coletividade que reproduz as práticas das torcidas argentinas no modo de torcer.

Por último, apresento as considerações finais, buscando relacionar, em alguma medida, as rupturas em questão e a forma como elas produziram um discurso em torno do Grêmio, ao longo dessas três décadas.

1. DOS CONCEITOS EM FOUCAULT

Nesta seção, proponho-me a esclarecer alguns conceitos com os quais trabalharei ao longo da pesquisa, a partir da metodologia proposta de Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber*. Precisamente, vou tratar aqui dos conceitos de formação discursiva, enunciados e de sua função, rupturas, continuidades, descontinuidades e também de prática discursiva. O que pretendo fazer é deixar claro como compreendi estes conceitos em Foucault e como opero com eles ao longo do processo de análise dos documentos que perpassam por toda minha pesquisa, embora, alguns deles, sejam percebidos durante o trabalho como ferramentas operatórias.

1.1 A questão do *saber*

Antes de tudo, é preciso discutir a questão do *saber* em Foucault, afinal, em grande medida, não estou lidando com um discurso *científico*, estou lidando com *saber popular*, como é o caso do futebol. Nele encontram-se práticas específicas que se traduzem nas estratégias em campo impostas pelos treinadores, pelas arbitragens, pelas instituições que o regulamentam, se traduzem nos comentários dos jornalistas, dos torcedores e, até mesmo, envolvem as

práticas da torcida no campo ou fora dele. Portanto, pode-se dizer que existe neste campo uma *saber* que envolve a sua constituição, o seu fazer, enfim, a sua prática.

Para Foucault a constituição do sujeito moderno se dá a partir de três *domínios*, o *ser-poder*, o *ser-consigo* e o *ser-saber*. Centralizo a discussão, especificamente, neste último. Segundo Veiga-Neto (2004, p. 41), em *História da Loucura, em 1961*, foi a primeira vez que apareceu uma importante caixa de ferramenta para entender a formação do sujeito: a arqueologia.

Roberto Machado afirma que a inovação tecnológica apresentada nesta obra foi a decisão de estudar em diferentes épocas, sem se limitar às disciplinas, os “saberes sobre a loucura”. A intenção era encontrar as condições de possibilidade para o nascimento do discurso psiquiátrico.

O objetivo da análise é estabelecer relações entre saberes – cada um considerado como possuindo positivities específicas, positividade do que foi efetivamente dito e deve ser aceito como tal e não julgado a partir de um saber posterior e superior – para que estas relações surjam, em uma mesma época ou em épocas diferentes, compatibilidades e incompatibilidades que não sancionam ou invalidam, mas estabelecem regularidades, permitem individualizar formações discursivas (MACHADO, 2008, p. 8).

É importante lembrar que nesta obra o autor trabalha no nível do discurso: analisa as práticas realizadas nos espaços institucionais de reclusão dos loucos, verifica os saberes médicos e também como eles se relacionam com outras instituições como a igreja, a família, a justiça, e todas as instâncias institucionais que, em alguma medida, envolviam o tratamento da loucura. Machado (2008) entende que Foucault mostrou como a psiquiatria, “em vez de ser quem descobriu a essência da loucura e a libertou, é a radicalização de dominação do louco que começou muito antes dela e tem condições de possibilidade tanto teóricas quanto práticas” (MACHADO, 2008, p. 8).

Em *As Palavras e as Coisas*, de 1966, Foucault se ocupa da arqueologia dos saberes, entendida pelo filósofo como um conjunto de teorias sistemáticas que se manifesta pelo discurso científico. Segundo Roberto Machado, Michel Foucault demonstrou que só foi possível a constituição da ciência humana, a partir do aparecimento das ciências empíricas, especificamente a filologia, economia e a biologia, além das filosofias modernas, cujo marco inicial é o pen-

samento de Kant. É a partir do filósofo alemão que o homem se “tornou objeto e sujeito de conhecimento”.

Todas essas obras foram o motivo da produção de *A Arqueologia do Saber*, editada em 1969, quando Foucault sistematiza e esclarece a sua metodologia de análise discursiva, estabelecendo os procedimentos realizados nas pesquisas anteriores. O que Foucault fez nesse período com a Arqueologia, segundo Machado (2008), foi mostrar como os *saberes* apareciam e se transformavam, por meio de suas interrelações discursivas e sua articulação com as instituições. Para Veiga-Neto (2004, p. 56) “a análise arqueológica busca, também, as articulações entre as práticas discursivas e toda a outra ordem das coisas que pode se chamar de práticas não-discursivas, tais como condições econômicas, culturais, sociais e políticas, etc.” Portanto a arqueologia investiga as condições de possibilidade que permitiram o surgimento ou a transformação de um novo saber. Ela não se interessa em procurar a origem, a fundamentação do conhecimento, mas as condições em que ele foi forjado. Como diz o próprio Foucault, a arqueologia não descreve disciplinas.

Estas, no máximo, em seu desdobramento manifesto, podem servir de isca para a descrição das positivities; mas não lhe fixam limites; não lhe impõem recortes definitivos; não se encontram inalteradas no fim da análise; não se encontram inalteradas no fim da análise; não se pode estabelecer relação biunívoca entre disciplinas instituídas e as formações discursivas (FOUCAULT, 2009, p. 200).

É por este motivo que optei por utilizar algumas ferramentas da análise arqueológica oferecida por Foucault. Não tenho a intenção de aplicar efetivamente a sua “*arqueologia*”, o que exigiria um domínio maior de sua metodologia, admitindo certo risco ao movimentar seus instrumentos. Contudo, os conceitos trazidos por ela me auxiliam a encontrar como foram criados o(s) discurso(s) em torno do *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense*. A partir de agora, apresento as principais ferramentas de análise discursiva das quais faço uso.

1.2 A proposta da *História Geral*

Como disse Machado (2008), Foucault inovou ao deixar de lado a compreensão de que estava na cronologia a explicação para a formação dos *saberes* dos objetos. O filósofo rompeu com a tradição de olhar para os grandes acontecimentos, para os “longos períodos”, e passou a cultivar o seu olhar para os “fenômenos de ruptura”. Para ele, é na descontinuidade que está a condição de possibilidade do surgimento de um novo *saber*, de uma nova prática.

E, assim, o grande problema que se vai colocar – que se coloca – a tais análises históricas [baseadas na análise dos grandes períodos] não é mais saber por que caminhos as continuidades se puderam estabelecer; de que maneira um único e mesmo projeto pôde-se manter e constituir, para tantos espíritos diferentes e sucessivos, um horizonte único: que modo de ação e que suporte implica o jogo das transmissões, das retomadas, dos esquecimentos e das repetições; como a origem pode estender seu reinado bem além de si própria e atingir aquele desfecho que jamais se deu – o problema não é mais fundamento que se perpetua, e sim, as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos (FOUCAULT, 2009, p. 6).

É pelas transformações, portanto, que, segundo Foucault, haverá condição para entender o surgimento de um novo *saber*, caso contrário, o tempo será “concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência” (FOUCAULT, 2009, p. 14). Se olharmos para o futebol brasileiro, por exemplo, é possível perceber que, a partir da conquista do campeonato mundial de 1994, houve uma ruptura no entendimento de como “é” o futebol brasileiro. A partir daquela data, mesmo que de forma restrita e sob algum risco, pode-se demarcar o rompimento de uma “tradição” do futebol-arte, ou seja, uma relação de descontinuidade de um discurso que valorizava a “criatividade”, o “talento puro”, em detrimento da “competição”, da “estratégia científica” para ganhar o jogo. É nesse período que a seleção brasileira passou a ser olhada com outros “olhos”. Não importava mais apenas o talento, mas também se exigia dela a vitória, o futebol “competitivo”, a busca pelo “resultado”. A utilização de outros saberes, que não apenas aqueles que deixavam na criatividade dos atletas a decisão do próprio jogo, passa a ser posta em funcionamento.

A adoção da *história geral* (FOUCAULT, 2009) como possibilidade para a investigação da história das idéias tem várias conseqüências. A primeira delas, conforme Foucault, é deixar de lado a exposição de períodos longos na história, a descrição dos mais variados acontecimentos e o estabelecimento de relações causais simples entre eles. É preciso olhar para os acontecimentos, alguns mínimos e outros maiores. Descrever as relações entre eles, a partir da definição de seus limites, de suas séries.

A segunda conseqüência é a transformação da noção de descontinuidade. Se na *história global* o descontínuo era deixado de lado, apagado, para parecer o contínuo, na *história geral* este último se torna uma ferramenta operatória. O problema segundo Foucault é

[...] determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistema vertical podem formar; qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que “séries de séries” – ou, em outros termos, que “quadros” – é possível constituir (FOUCAULT, 2009, p. 11).

Para Foucault outra conseqüência é o uso do *corpus* de pesquisa – desde a sua escolha até análise. O filósofo ensina que é preciso estabelecer princípios de escolhas da massa documental, a definição do nível de análise e dos elementos que compõem os documentos, desde indicações numéricas até a descrição das práticas nas instituições.

1.3 O enunciado e as formações discursivas

Se na seção anterior tratei do novo olhar para a história proposto por Foucault, discuto agora duas peças fundamentais para a análise discursiva: o enunciado e a noção de formação discursiva. O primeiro, na realidade, é peça integrante do segundo. Ele é a máquina que move o discurso, no interior de uma formação discursiva. Embora pareça singela a explicação, a dificuldade reside exatamente na sua compreensão como elemento que move todo o discurso e o torna singular.

Para Foucault, a análise do campo discursivo exige que o pesquisador compreenda o enunciado como um acontecimento singular no interior do texto. Ele não é abundante, pelo contrário, é raro. Ele nunca está sozinho, emerge dos acontecimentos e está intimamente ligado a outros enunciados. Ele pode ser repetido ou transformado, dependendo dos acontecimentos e de sua correlação com outros enunciados. Como explica o próprio Foucault:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar os seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 2009, p. 31).

Se pensarmos no futebol, é impensável hoje admitir um time organizado com quatro atacantes – como ocorria na década de 50, por exemplo. Hoje, outros *saberes* em torno do futebol foram inventados, outras estratégias de armação das equipes foram criadas. O *saber* sobre o futebol é diferente. O que se dizia, o que se pensava sobre ele, não tem mais condições de possibilidade de ser pensadas hoje em dia, nesse tempo. Contudo, os enunciados que descreviam os *saberes* sobre o futebol da década de 50 não deixaram de existir, permanecem vivos, latentes. Alguns foram transformados na correlação com outros. Como explica Foucault, em uma das definições de enunciado em *A Arqueologia do Saber*:

Um enunciado [...] é único como todo o acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas à situação que o provoca, e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2009, p. 32).

É preciso dizer que o enunciado não pode ser confundido com a frase ou com a proposição. Ele não está sob o manto das regras formais da gramática tradicional. O enunciado é aquele que faz sentido dentro de um processo de comunicação. Compreende-se que o enunciado não é uma “unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apóia nos mesmos critérios. [...] contudo, ele é indispensável para que se possa dizer se há ou não frase” (FOUCAULT, 2009, p. 97).

Pensando como Foucault, o enunciado é, antes de tudo, uma função de existência que estabelece a coerência discursiva dos conteúdos, no tempo e no espaço. Ele está sempre ligado a um referencial, que determina se a frase ou proposição podem receber ou não um valor de verdade. Esse referencial não é o objeto, fatos, realidades, mas são as condições de possibilidade, as regras de existência para os objetos que se encontram descritos pelos enunciados e mesmo aquilo que lhes permite ganhar vida.

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados das coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado: define as possibilidades de aparecimento e de delimitação que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (FOUCAULT, 2009, p. 103).

Também é preciso pensar na relação entre sujeito e enunciado. Essa relação não está ligada à autoria, ou seja, ao autor de algo, mas exatamente à posição que esse sujeito ocupa em um cenário discursivo. Isso vai determinar se determinada proposição será tomada ou não como valor de verdade. Se pensarmos, por exemplo, no campo discursivo da medicina, são os médicos aqueles autorizados a falar sobre novas descobertas, sobre procedimentos, sobre doenças, mesmo que eles não sejam “autores” desses conhecimentos, mesmo que não tenham escrito sobre eles. No entanto, são eles que têm autoridade, *status* enunciativo, para falar. O que os médicos dizem faz sentido, pois eles ocupam um lugar privilegiado dentro desse campo discursivo. O sujeito é aquele que pode usar com exclusividade determinado enunciado em função de sua posição institucional. Portanto, em uma análise discursiva, é preciso descrever quem fala, que lugar institucional ele ocupa, e de onde ele fala dentro de um cenário discursivo. Por exemplo, no futebol, ele é o dirigente ou o jogador? É o repórter ou analista esportivo?

Outra característica da função enunciativa é a sua relação com um campo associado. O enunciado nunca é neutro, autônomo. Ele está sempre diretamente relacionado a um campo enunciativo, “que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual” (FOUCAULT, 2009, p. 111).

Por último, o enunciado, para cumprir sua função enunciativa, deve ter existência material. Não apenas a materialidade objetiva do papel, da tinta, mas ele tem que estar inscrito em um campo onde possa ser reconhecido como tal e repetido ou transformado em diferentes lugares e tempo.

Foucault não se interessa pela verdade ou pela falsidade das proposições científicas, mas sim como determinados objetos surgiram em determinadas práticas (e formando práticas). De que forma eles apareceram e como foram sendo transformados de acordo com as práticas que iam se estabelecendo a cada instante, a cada acontecimento? Por isso, não interessa a ele “grandes acontecimentos”, mas talvez a análise do surgimento de uma nova técnica no campo da medicina no tratamento, por exemplo, da loucura, e de como essa nova técnica se relaciona com o surgimento de uma nova lei, no campo jurídico, na hospitalização, com as regras de exclusão que acaba por instaurar, “enfim, todo um conjunto que caracteriza para essa prática discursiva a formação de seus enunciados” (FOUCAULT, 1969, p. 233).

Em função disso, Foucault está atento às discontinuidades, aos cortes, recortes, rupturas em cada campo do saber. Ele quer saber como, de algum modo, elas se relacionam e criam novos objetos. Portanto, o surgimento, a formação do objeto ocorre dentro dessas relações discursivas, dentro de formações discursivas.

Ainda assim, como se refere Inês Lacerda Araújo, “o conceito de formação discursiva não é só imprescindível para compreender o que Foucault entende por arqueologia, como é um conceito original, pois transforma a noção de linguagem, de sujeito de verdade e de ciência” (2007, p. 2-3). Por este conceito, entende-se:

As relações discursivas, como se vê, não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras; não estabelecem entre as frases ou as proposições uma arquitetura dedutiva ou retórica. Mas não são, entretanto, relações exteriores ao discurso, que o limitariam ou lhe imporiam certas formas, ou o forçariam em certas circunstâncias, a enunciar certas coisas. Elas estão, de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar ou antes determinam o feixe de relações que o discursos deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, explicá-los, etc. (FOUCAULT, 2009, p. 51).

Isso permite-nos dizer que uma formação discursiva é aquela em que há uma série de relações entre enunciados, certa regularidade de temas, conceitos, de tipos de enunciação, que se entrecruzam e determinam o que se pode ser dito ou não em determinada época. Jamais fixas ou fechadas, as formações discursivas, como todos os conceitos que atravessam a obra *A Arqueologia do Saber*, ganham existência justamente a partir do aspecto dinâmico que as caracteriza.

Mesmo que de forma breve, busquei aqui apresentar alguns conceitos dos quais faço uso neste trabalho. Mais do que voltar a “explicá-los” no decorrer do trabalho, é preciso dizer que eles me serviram como lentes, como instrumentos para recortar aspectos básicos de uma (ou de várias) discursividade(s) acerca do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense. Ou seja, a intenção aqui, em termos de análise dos materiais, foi mostrar como esses conceitos me permitiram selecionar este ou aquele momento da história do time, esta ou aquela passagem de jornal, este ou aquele lance, enfim, este ou aquele modo de ver e dizer o time.

2. "FUTEBOL-ARTE" VERSUS "FUTEBOL-FORÇA": (re)criando uma diferença no Brasil

No final de 1982, o país estava em uma entre-safra⁴ no futebol. Essa transformação começou após a derrota da seleção brasileira, em julho daquele ano, na Copa do Mundo da Espanha. O time brasileiro comandado por Telê Santana perdeu a Copa de uma forma que causou impacto na imprensa e na torcida brasileira.

A equipe brasileira de 1982 era formada por jogadores considerados craques entre os jornalistas e torcedores. A seleção desembarcou na Espanha, mais precisamente em Sevilha, como a grande favorita ao título mundial. A revista *Veja* registrava em sua capa de 16 de junho a seguinte manchete: *Os Guerreiros da Espanha*. A foto, de página inteira, tinha quatro jogadores. O lateral-esquerdo Júnior, do Flamengo (RJ), e Zico, também do clube da Gávea; Sócrates, do Corinthians, de São Paulo; e Falcão, do Roma da Itália, o "Rei de Roma", ex-craque do Internacional, do final da década de 70. O texto da página interna dizia:

Telê não exagera: para desembarcar na Espanha como a grande favorita dos apostadores da tradicional Bolsa de Londres, a Seleção trabalhou duramente. Ao sentar-se no túnel do estádio destinado aos trei-

⁴ Os jornalistas usam a expressão "entre-safra" para delimitar o fim de uma geração de jogadores, considerados em final de carreira no futebol, normalmente após os 30 anos, e o aparecimento de novos atletas.

nadores, Telê viverá seu 854º dia como técnico permanente e exclusivo da equipe nacional. Nesse período, completou 31 partidas – precisos 2.790 minutos de futebol –, com 23 vitórias, seis empates e apenas duas derrotas. Nessa maratona, a Seleção marcou 75 gols e sofreu apenas dezenove. Treinou milhares de horas e jogou em 24 diferentes cidades do Brasil e dos dez países da América Latina e da Europa que visitou. Consumiu, nesse esforço, cerca de 250 milhões de cruzeiros, o que não é muito: a tosca Nova Zelândia, adversária do Brasil na quarta-feira da próxima semana, gastou o equivalente a 280 milhões de cruzeiros para pousar na Espanha (VEJA, junho 1982a, p. 43).

Dados e mais dados. Números que, aparentemente, pretendem falar por si e mostrar a grandeza da seleção. E, de fato, ela não decepcionou nos primeiros jogos: venceu a Rússia e seguiu na primeira fase, batendo os adversários. A matéria interna da Veja (30 de junho de 82, p. 42) apresenta o seguinte título: *O belo adeus ao calor de Sevilha*, referindo-se à vitória de quatro a zero sobre a Nova Zelândia. O texto de abertura afirmava:

Como um cometa, a seleção brasileira brilhou durante 18 dias sobre os campos de Sevilha – e, na última sexta-feira, ao deslocar-se para Barcelona, deixou em sua esteira uma cauda luminosa engrossada pela recente exibição de virtuosismo e técnica contra a modesta, mas retrancada Nova Zelândia. (VEJA, junho de 1982b, p.42)

Dias mais tarde, a seleção perdia por três a dois para a Itália, de Paolo Rossi, autor dos três gols da partida. As páginas da Veja registravam, dessa forma, a derrota, no título: “A morte na praia”. O texto de abertura da matéria descrevia assim a decepção da derrota:

Não houve excesso de confiança, como em 1950, nem a baderna de 1966, tampouco a mediocridade 1974, muito menos a falta de ousadia de 1978 –, e no entanto, perdemos. [...] Eles próprios seduzidos pelo fascínio do futebol solto e ofensivo com que a seleção encantara as platéias espanholas, nos jogos anteriores, os jogadores brasileiros pareceram momentaneamente esquecidos de que estavam numa competição... (VEJA, julho de 1982c, p. 52- 53).

Em menos de 30 dias, as duas edições da revista utilizavam adjetivos diferentes para descrever os movimentos da seleção brasileira nos campos da Europa. Antes da competição, a seleção era classificada como a “favorita” para conquistar o seu quarto título mundial⁵. Ao longo de sua jornada, foi qualificada como “cometa” que exibia o seu “virtuosismo e técnica” pelos estádios da Espanha.

⁵ A seleção brasileira foi campeã mundial nos anos de 1958, na Suécia, em 1962, no Chile, e, em 1970, no México.

Após a derrota, nas quartas-de-final da competição, para a Itália, o seu estilo, a sua forma de jogar, passaram a ser contestados pela própria imprensa nacional que, no período anterior à copa e durante a competição, elogiava a seleção comandada por Telê Santana, ex-ponteiro-esquerdo do Fluminense, o “Fio da esperança”, da década de 60 (como era conhecido pela sua alta habilidade técnica e o seu corpo magro e esguio).

Essas enunciações remetem ao chamado *futebol-arte*, apresentado nos anos 50, quando a seleção brasileira perdeu para o Uruguai, no Maracanã (o chamado “Maracanaço”). Refere-se também às seleções de 58 e 62, de Pelé e Garrincha, considerados os maiores jogadores da história do futebol brasileiro pela imprensa nacional, quando o Brasil conquistou o seu primeiro e segundo título mundial, respectivamente.

A derrota da seleção brasileira, na Copa de 82, provocou uma verdadeira inquietação entre os cronistas esportivos. Principalmente na imprensa localizada no Rio de Janeiro, que presenciaram sua visão de futebol ser derrotada por uma Itália, cuja qualidade estava justamente na disciplina tática e não no virtuosismo técnico. E mais: em 82, as equipes que chegaram às finais da competição foram as da Alemanha e da Itália – sendo que esta última ficou com título mundial. Duas seleções do futebol europeu baseadas na chamada “força defensiva”, como atributo principal.

A Alemanha, por exemplo, havia conquistado seus dois títulos mundiais, em 1954 e 1974, com vitórias sobre as seleções da Hungria e da Holanda, respectivamente, ambas vistas pela imprensa mundial como as grandes seleções do futebol europeu por jogar um futebol altamente técnico. E também por apresentar ao mundo uma nova forma de jogar, entendida como ofensiva, em função de seus ataques serem eficientes na marcação de gols.

Para Damo, no artigo “Ah! Eu sou Gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro”, o estilo brasileiro de se jogar futebol, o chamado “futebol-arte”, é uma invenção. O autor historiciza a questão, mostrando que quando o futebol foi trazido da Europa para o Brasil, era símbolo de uma modernidade. No início, os brasileiros se preocupavam em aprender como se jogava o futebol, a sua linguagem, os códigos e valores associados. “O importante não era

apenas jogar, mas jogar de uma determinada forma, como os ingleses; vestir, torcer, falar, tudo como os ingleses; via de regra, a autenticidade era diretamente proporcional à imitação” (DAMO, 1991, p.3).

Porém, logo, começaram as transformações e o que era imitação, cópia, foi criando uma identidade própria, foram, portanto, produzidas diferenças, até na forma de torcer. Damo (1991) diz que os *matches* internacionais e, a partir de 1930, as Copas do Mundo acentuaram ainda mais a diferença. Mesmo apesar da péssima campanha brasileira na França, em 1938, apareceu um brasileiro que foi o artilheiro daquela competição: Leônidas da Silva. Estava sendo construído ali, um futebol que “se diferenciava” dos demais. Para o autor, os europeus já conheciam a força do futebol sul-americano, pois o Uruguai já havia conquistado duas medalhas olímpicas e a Copa do Mundo de 1930.

Para exemplificar a sua tese, o pesquisador utiliza o depoimento de Gilberto Freyre, no qual ele faz uma comparação entre o estilo de jogar de Leônidas da Silva e de Domingos da Guia, dois jogadores dos mais importantes da história do futebol brasileiro.

A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar, mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão ao gosto brasileiro – [...], Mário Filho pôde dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre os *dionisíacos*. [...] Mas vá alguém estudar o fundo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará, decerto, nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é (FREYRE apud DAMO, 1991, p. 4-5).

Para Damo, este fragmento de texto escrito há mais de 50 anos, é fundante da sociologia, da antropologia e “até mesmo de muitos discursos não acadêmicos sobre o futebol” (DAMO, 1991, p. 5). O texto de Freyre coloca em oposição a forma de jogar futebol no Brasil em relação aos demais países do mundo. Segundo o autor, o “legítimo futebol brasileiro” é aquele da criatividade, da malandragem, do inesperado, do “drible do Garrincha”. Trata-se de um futebol, portanto, criado a partir de estereótipos característicos dos estados do

Rio de Janeiro (“a malandragem carioca”), da Bahia (“a molecagem baiana”) e de Pernambuco (“a capoeiragem pernambucana”).

Damo ressalta que, ao mesmo tempo, o texto de Freyre exclui o tipo de futebol jogado nos demais estados brasileiros como no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. Isso seria indicativo de uma visão do autor sobre a existência de um brasileiro “legítimo”, constituído a partir da mestiçagem com os negros e os índios. Eles seriam os responsáveis pelo estilo de um futebol oposto àquele nascido na Europa com base “científica”, que prioriza a tática e a força, àquele que tem como amálgama a criatividade, a surpresa, a alta técnica, o improvisado. Até porque, especialmente, no Rio Grande do Sul, a mestiçagem se deu a partir da imigração de alemães, italianos e portugueses, no início do século 20.

Os dois estilos, na história do futebol brasileiro, freqüentemente entram em confronto. Não é de hoje que comentaristas esportivos e jornalistas dividem as opiniões sobre a melhor forma de jogar futebol. Damo cita o comentário de Nelson Rodrigues a esse respeito:

Em Wembley (1954), por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso *vira-latismo*. Na [...] vergonha de 50, éramos superiores aos demais adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdúlio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: o problema do escrete não é mais de futebol [...]. É um problema de fé [...]. Insisto, ser ou não ser vira-latas, eis a questão (RODRIGUES apud DAMO, 1991, p. 51-52, grifos meus).

A discussão entre os dois escritores estava centrada na questão da raça brasileira. Quando Nelson Rodrigues utiliza o termo “vira-latas”, ele fala sobre uma possível miscigenação do povo brasileiro, um termo utilizado para qualificar os cães que não possuem raça, que nascem frutos de misturas biológicas entre cachorros de diferentes raças, classificações. Então, a perda de uma Copa do Mundo, de uma partida, está muito mais ligada a uma identidade nacional do que a uma suposta “qualidade” do futebol brasileiro.

Nelson Rodrigues também elegeu o futebol como símbolo nacional, ao cunhar a seleção brasileira como a “Pátria de Chuteiras”. No entendimento do jornalista, o futebol brasileiro se distinguiria dos demais por ser uma espécie de “berço de craques”. O historiador Eric Hobsbawn (1995, p. 196), ao escre-

ver a sua breve história do século XX, fez o seguinte comentário sobre a importância do futebol para a cultura brasileira: “No campo da cultura popular o mundo era americano ou provinciano. A única exceção foi o esporte. Neste setor popular – e quem, tendo visto à seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte”.

Nessas duas proposições, por mais diferentes que sejam, encontram-se enunciações que colocam o futebol brasileiro numa categoria diferente dos demais: elevam-no à condição de arte, de berço de craques. Essa “excelência” diferencia o futebol que se joga no Brasil em relação aos demais. Trata-se de uma crença de que o Brasil é o lugar onde se joga o melhor futebol do mundo. Hobsbawn fala em arte, um conjunto de técnicas e procedimentos que elevam essa prática humana a uma categoria de excelência.

A breve descrição que faço até aqui serve para destacar o fato de que as conquistas da seleção brasileira, principalmente de 58 e 62, construíram uma idéia de que a forma de jogar no Brasil é “arte”. A apologia a esse tipo de futebol teve o seu ápice em 1970, quando a seleção conquistou o tri-campeonato mundial no México, tendo em seus quadros figuras como Pelé, Rivelino, Carlos Alberto, Tostão e Gerson. A conquista serviu, inclusive, como campanha de *marketing* para o regime militar, que havia sido instaurado no Brasil, em 1968, com o *slogan* “*Pra Frente Brasil. Salve a seleção!!*”. Os críticos do regime, inclusive, diziam que o futebol havia sido transformado em “*ópio do povo*”.

2.1 A discussão nos anos seguintes: a “Era Dunga”

As discussões sobre o futebol-arte não se restringiram, como se pode observar, apenas ao início da década de 80. Elas permaneceram no tempo, circulantes, também nas décadas que viriam a seguir. Em 1986, por exemplo, no México, Telê Santana voltou a comandar a seleção brasileira e, no grupo escalado, ainda estavam presentes alguns dos personagens de 82, como Zico, Sócrates e Júnior. A cena se repete: nova derrota nas etapas finais da Copa e o fim de uma era de jogadores considerados altamente técnicos e filhos do chamado futebol-arte.

Em 1990, na Itália, a seleção era comandada por Sebastião Lazaroni, que instituiu no grupo de jogadores um esquema tático utilizado pelos principais clubes da Europa, o chamado 3-5-2, que usava o chamado líbero⁶ como novidade, idêntico ao sistema europeu. A seleção foi desclassificada nas oitavas de final da competição pela Argentina.

O técnico foi acusado de “europeizar” a seleção. Naquele time, estava Dunga, atual técnico da seleção brasileira. O jogador, cuja origem é o futebol gaúcho, pois formado no *Sport Club Internacional*, foi acusado de ser um dos responsáveis pela desclassificação do Brasil, quando perdeu para a Argentina, por um a zero, com gol de Caniggia, atacante argentino que surgiu no clube *River Plate*, de Buenos Aires. Era o fim da “Era Dunga”, reconhecida como futebol-força e adepta da tática europeia, em contraposição ao virtuosismo dos jogadores de 1958, 1962, 1970 e, até mesmo, de 1982.

Por ironia, em 1994, Dunga acabou levantando a Taça de Campeão do Mundo pelo Brasil, quando a seleção ganhou o seu quarto título mundial. Mesmo com a conquista, a questão da identidade do futebol brasileiro permanecia na berlinda, pois para os cronistas a seleção venceu um mundial sem jogar um futebol “vistoso”.

O título de 1994 amenizou, apenas em parte, as acusações “de falta de identidade” do selecionado de Carlos Alberto Parreira. Diz-se que ele venceu, mas não convenceu. Dunga, o capitão do tetra, tornou-se um dos símbolos do futebol brasileiro nos anos 90. Cultuado no Sul, mas criticado pela maioria dos cronistas do centro do país, ele condensou as mazelas da desclassificação na Itália, em 1990. O “estilo Dunga” – comedido, arrojado, muita força, pouca criatividade e, acima de tudo, fidelidade às orientações táticas – foi visto como uma afronta ao futebol-arte. Poucos imaginavam que ele seria novamente capitão em 1998, na França (DAMO, 1991, p. 11).

Em seu livro *o Brasil de todas as Copas*, os jornalistas gaúchos Pedro Ernesto Denardin e Claudio Diestmann (2002) separaram a seleção de “todas

⁶ O jogador é chamado de líbero por jogar protegendo os outros dois zagueiros. Esses últimos dão o primeiro combate aos atacantes do time adversário e o líbero cuida da bola com a incumbência de sair jogando, caso a equipe recupere a bola que estava em posse do adversário. Os sistemas de jogo adotados na época, principalmente na Europa, com algumas variações, era o 3-5-2. No Brasil, optava-se por jogar no 4-4-2, com variações para o 4-3-3. Ou seja, quatro jogadores na zaga, quatro meio-campistas e dois atacantes, ou, no 4-3-3, quatro jogadores na zaga, três no meio-campo e três no ataque.

as copas”⁷ em dois (interessados) momentos: “Brasil de todas as Copas” e a “Era Dunga”. Eles abrem o texto desta forma:

Só um país tem um campeão tetracampeão de Copa do Mundo. Ele é universalmente conhecido como Dunga. Ninguém é o símbolo tão claro da vitoriosa presença do Brasil em todos os mundiais quanto o valente Dunga, o capitão do tetra, o maior campeão da própria Era Dunga. [...] Acusado de jogar de modo grosseiro, feio e defensivo, e no passado de ser principalmente um perdedor, Dunga sempre manteve em primeiro lugar as suas características técnicas, profissionais e pessoais. E, assim, quatro anos depois de ser chamado de limitado e truculento, passou a ser visto como o guerreiro e líder que na verdade foi, desde a sua juventude de jogador, inconformado com a derrota (DENARDIN e DIESTMANN, 2002, p. 3-4).

O texto dos jornalistas gaúchos pode ser lido a partir de uma entrevista de Dunga ao Jornal do Brasil, no dia 19 de julho de 1994, logo após a conquista nos Estados Unidos “Essa copa vai fazer com que as pessoas passem a valorizar o futebol competitivo – o futebol-show ficou para trás”. No dia seguinte, o chamado capitão do tetra, dizia o seguinte ao jornal Folha de S. Paulo: “Fiquei em silêncio quando fui apanhado como símbolo do fracasso em 1990 – a resposta foi à altura”.

O livro de Diestmann e Pedro Ernesto Denardin cunhou o futebol força com outro sinônimo: o “Futebol de Resultados” (p. 49). O texto de abertura da seção que resume a história da campanha da seleção vitoriosa de 94 afirma:

Em todos os sete jogos do Brasil na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, era sempre a mesma coisa quando, depois de ler os nomes dos jogadores, o locutor apresentava o técnico Carlos Alberto Parreira: vaia total de milhares de torcedores brasileiros no estádio. Foi assim até a partida final, contra a Itália: apupos no treinador acusado de *enfeiar* o futebol brasileiro. “Não sei bem o que quer dizer ‘jogar bonito’, mas tenho certeza de que melhor do que jogar um futebol bonito é ganhar”, defendeu-se Parreira, o pragmático técnico que levou o Brasil a ser o único país tetracampeão mundial. “Em futebol primeiro é necessário se defender, só se pode atacar depois de tirar a bola do adversário”, acrescentou, mandando um recado a Telê Santana e à seleção brasileira de 1982, que teve três vezes o empate que a classificaria às finais contra a Itália, mas acabou sendo eliminada com uma derrota por 3 X 2 (DENARDIN e DIESTMANN, 2002, p. 49).

Essas contradições entre o chamado “futebol força” e o “futebol-arte” ficam mais claras ainda no livro *Nada pode ser Maior*, de Eduardo Bueno, jornalista gaúcho e gremista confesso, publicado em 2005. O jornalista e torcedor

⁷ Termo que se refere à participação da seleção brasileira em todas as edições das Copas do Mundo.

do Grêmio, levanta a tese de que o futebol jogado pelo clube é diferente das demais equipes brasileiras, que não faz parte do chamado “futebol-arte”. Aliás, sobre isso, o Peninha, como é conhecido, é enfático e irônico. “Futebol-arte, todo mundo sabe, é coisa de veado. Não é à toa que já tenha sido chamado de futebol-bailarino. Afinal, quem joga futebol-arte mais cedo ou mais tarde, acaba dançando...” (BUENO, 2005, p. 11).

O texto de Peninha é marcador. Acentua, de forma inequívoca, a sua visão sobre futebol. De forma tendenciosa, não arrefece a diferença, mas, ao contrário, acentua. O autor coloca nos seus argumentos, elementos que deixam claro a sua preferência. Substantiva, adjetiva, classifica o futebol-arte “como coisa de veado”. É quase um marcador demográfico. Tudo aquilo que não se joga aqui, é coisa de homossexuais, está fora do normal de como deve ser praticado. O futebol é coisa de macho, de homem, sujeito à violência, à marcação, à força. Não é coisa “para meninas”, mais delicadas e frágeis. São visões antagônicas, maniqueístas, o bom e o mal. O futebol verdadeiro é aquele jogado a base da força, da disciplina, da garra, “nas canelas”, como o autor mesmo ainda afirma, ao longo do texto.

2.2 O lance da história gremista

11 de dezembro, de 1983. O palco era o Estádio Nacional de Tóquio, no Japão. Em campo o Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, campeão da América, e o Hamburgo, da Alemanha, campeão europeu. Início da prorrogação: o lance que mudou a história do jogo. Um drible “seco”⁸ no lateral direito do Hamburgo. O chute certo e o gol. Placar: 2 a 1. A descrição que faço é a do momento em que o ponteiro direito do Grêmio, Renato Portaluppi, fez o gol que deu ao clube o campeonato mundial. A ação rápida e habilidosa do jogador do Grêmio determinou uma série de manchetes nos jornais da época.

⁸ Lance em que o jogador pára em frente ao adversário e com a velocidade do movimento de suas pernas, coloca a bola ainda mais à frente do jogador e o ultrapassa, avançando no espaço geográfico do campo.

Na edição do dia 12 de dezembro, o jornal *Zero Hora* estampava: *Futebol do mundo aos pés do Grêmio*. Na edição especial de domingo⁹, a manchete: *Grêmio Campeão do Mundo*. A revista *Placar de dezembro de 1983*, em seu número 708, publicação semanal dedicada ao esporte, escreveu na sua capa: *A terra é azul. Grêmio: Campeão do Mundo!* A revista *Veja*, impresso dedicado à análise dos principais fatos do Brasil e do mundo, de 21 de dezembro de 1983, dizia: *Carnaval em Dezembro*, em suas páginas internas¹⁰.

Aquele lance rápido do ponteiro-direito (como era chamado o jogador que atuava no ataque pelo lado direito do campo) determinou a inscrição que se encontra no topo do Estádio Olímpico Monumental, exatamente em frente às cabines de imprensa¹¹, no interior do estádio do Grêmio: *Campeão do Mundo, Nada pode ser maior*. O texto é indicativo, marcador, de forma que aquela inscrição sugere que o Grêmio chegou à sua maior conquista. O time chegou ao topo, a tudo o que um clube almeja: ser o “maior” do mundo.

A partir disso, proponho, no próximo capítulo, falar sobre a conquista do Grêmio de 83 que, nos parece, é o ano do *Nascimento da Tradição Gremista*. É ali, naquele ano, que emergiram diversas enunciações sobre o Grêmio, sobre o futebol brasileiro e gaúcho e, até mesmo, sobre as tradições do Rio Grande do Sul que, suponho, passaram a integrar o discurso em torno do Grêmio, anos mais tarde.

⁹ O jornal *Zero Hora* colocou em circulação, no domingo, dia 11 de dezembro, uma edição especial com as principais notícias do jogo, pois a partida começou a zero hora e cinco minutos do mesmo dia. Por tradição, as edições dominicais de *Zero Hora* rodam no final da manhã de sábado para poderem ser colocadas nas bancas para a venda no sábado à tarde.

¹⁰ A revista é diagramada a partir da capa e da contra-capas, que são a primeira e a última da publicação. A capa contém o tema principal que será apresentado na revista e a contra-capas, normalmente, é reservada para os anunciantes. As demais páginas, que fazem parte da publicação, no jargão jornalístico, são consideradas páginas internas.

¹¹ O estádio Olímpico é dividido em setores: arquibancada inferior, paralela à Avenida Carlos Barbosa. Acima, as cadeiras centrais, que permitem a visão do campo de futebol inteiro, e as laterais, em que o torcedor tem a visão diagonal do campo e por trás das goleiras. Logo acima, ficam os camarotes, espaços privativos para até 12 torcedores. Do outro lado, paralelas à Avenida Azenha, existem as arquibancadas inferiores, exclusivas para os sócios do clube e, acima, as cadeiras numeradas, também vendidas para sócios do Grêmio. As cabines de imprensa estão localizadas exatamente acima das cadeiras.

3. 1983: O NASCIMENTO DA TRADIÇÃO GREMISTA

Foi no ano de 1983 que o Grêmio conquistou os seus dois maiores títulos da história. Essa afirmação não é minha, mas do próprio clube e de tantos outros que registraram as vitórias do Grêmio naquele ano. O que proponho afirmar é de que neste período dá-se o nascimento da tradição do Grêmio. Mais do que isso, talvez seja este ano aquele do nascimento de uma singularidade discursiva em torno do clube e, por consequência, da comunidade que o cerca. Neste capítulo analítico, descrevo como a imprensa gaúcha (e nacional), e o próprio clube registraram as vitórias; como a classificaram, quais estratégias discursivas utilizaram e de que modo, para tanto, articulavam e estavam articuladas a outros discursos.

Para deixar claro, descrevo, nas próximas seções, as contradições que caracterizaram os discursos em torno do clube naquela época, sempre tendo como base os discursos exteriores já descritos, alguns deles, no capítulo anterior (como, por exemplo, a dualidade entre futebol-arte e futebol-força). Na primeira seção, mostro o que os documentos, aqui tratados como monumentos, como propõe Foucault, disseram a respeito da equipe que disputou a final contra o Hamburgo, no dia 11 de dezembro de 1983.

Ainda assim, incursionarei, a partir de Damo, Hobsbawn, e outros autores, na questão do regionalismo, da tradição, ou das “tradições inventadas”. A

idéia é analisar como, na época, algumas coisas que foram ditas a respeito do Grêmio ou sobre o futebol gaúcho faziam sentido para a sua comunidade ou mesmo ajudaram a constituir *uma formação discursiva em torno do e sobre o clube*, naquele ano.

Merece ser dito, desde já, que pretendo analisar as duas conquistas (a de Campeão da América e do Mundial Interclubes), porque foram realizadas como equipes diferentes, sujeitos diferentes, e em momentos diferentes, mas com uma particularidade que aqui é fundamental: há, na realidade, dois objetos discursivos, dois “Grêmios”, naquele ano de 83, mas que oportunizaram o nascimento de uma mesma “tradição”. Demarco, portanto, dois eixos de análise: um Grêmio que representa as “tradições do futebol gaúcho” e outro que representa as “tradições do futebol brasileiro”. Assim, posso dizer que, embora já antecipe alguma possível conclusão, o Grêmio daquele ano ainda não tinha a sua própria história, a sua própria tradição; mas tinha, em torno de si, uma série de discursos que falavam a respeito de futebol gaúcho e do futebol brasileiro, seja ele de força ou de “pura arte”.

3.1 Grêmio: futebol brasileiro ou futebol gaúcho?

Reconstituídas as discussões que atravessaram o tempo nas últimas décadas, e que foram registradas pela imprensa nacional, pelos historiadores em suas pesquisas e pelos jornalistas-torcedores nos seus livros, posso agora retornar ao ano em que o *Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense* conquistou o título de Campeão da América e Mundial Interclubes. O desafio, agora, é mostrar como essas vitórias foram contadas nas páginas dos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Como os jornalistas testemunharam aquelas conquistas, de onde falavam, quem eram os seus personagens? O que as instituições diziam? Afinal, o Grêmio era um representante do futebol brasileiro ou do futebol gaúcho? Quais relações que o clube mantinha com a sua comunidade, seja ela gaúcha ou gremista? Houve algum tipo de transformação que deu origem a uma possível tradição gremista? Se houve, quais condições permitiram essa mudança?

Afinal, esse ano marcou o surgimento de determinada singularidade na formação da identidade do Grêmio? De que forma?

Dez de dezembro de 1983. Os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* centralizavam a sua cobertura na partida que ocorreria no início da madrugada de domingo, no Estádio Nacional de Tóquio, no Japão. O jornalista Paulo Sant'Ana, colunista de *ZH* escrevia em sua coluna o seguinte texto:

Torça gremista. Reze Gremista. Sei dos nervos de todos aí. *Nunca houve ocasião igual em toda a história do futebol gaúcho*. Reze e torça para que nós façamos um gol no início do jogo, evitando assim um sofrimento que poderá até causar algumas vítimas de morte, ao assistir a partida pela *TV Gaúcha*¹². E se o Grêmio vencer, saiam todos para as ruas de todo o Rio Grande, amanheçam nas ruas brincando, gritando, sambando, ocupem todo o domingo na grande festa. E alastrem a festa por toda a semana. Até a chegada do Grêmio, quando espero que o prefeito de Porto Alegre faça feriado municipal [...]. A realidade reside em que todos os jogadores terão garra, ganharão do Hamburgo. Eu garanto aqui que o ambiente aqui autoriza dizer que os jogadores do Grêmio terão garra como nunca tiveram em toda a sua vida. Eles estão dispostos a um esforço descomunal para entrarem para a história como os *heróis lendários de Tóquio*. Cada jogador será na memória do povo gaúcho uma lembrança eterna de legenda. *Eles se igualarão aos heróis farroupilhas*. Os jogadores entram em campo sabendo disso e tendo a certeza de que são *representantes aqui do povo gaúcho e brasileiro*. Abre-se, para os jogadores do Grêmio, a possibilidade de ingressarem na galeria dos *grandes heróis da pátria em todos os tempos*. Da pátria gaúcha, da província de São Pedro. Da sentinela do Brasil. Fiquem certos, gaúchos, que os jogadores gremistas serão de sua confiança. *Nunca, em nenhuma ocasião de suas vidas, eles serão tão eficientes, esforçados, competentes, entusiasmados como hoje*. Isso eu notei aqui entre eles. E acredito que vocês vão notar aí na televisão. Agora, seja a garra que o time determinar e o que Deus quiser. Desta batalha ou voltamos com a glória ou amargaremos para sempre a idéia de que estivemos na sala de espera do céu e o Senhor não nos convidou para entrar. Mas a impressão que eu tenho é que o Grêmio vai então puxar seu passe livro que lhe foi entregue pela Virgem Maria, a minha eterna e querida devoção, e ingressará de cabeça alta e purificado no paraíso (SANTANA, 1983a, p. 48, grifos meus).

Os comentaristas esportivos, como estão sempre acima ou próximos do campo de jogo, assistem aos jogos de uma posição privilegiada em relação aos torcedores. Eles oferecem aos ouvintes, aos telespectadores, aos leitores, uma versão mais “verdadeira” do acontecimento. De alguma forma, “tentam oferecer a sua versão como verdadeira, buscando reduzir a pluralidade das percep-

¹² Antigo nome da RBS TV.

ções do jogo a sua visão onipotente" (SOARES, 1979, p. 12). Mais do que isso, "através, dos 'comentários', procuram conjugar o acaso, domesticar o arbitrário próprio dos jogos, impondo *a posteriori* um princípio de causalidade "natural", submetendo os fatos heteróclitos à ordem tautológica da determinação e da necessidade" (SOARES, 1979, p. 12). É visível, portanto, de que forma uma causalidade "natural" entre heroísmo e vitória é aqui estabelecida, a partir das falas do jornalista.

Quando Paulo Santana informa ao leitor que os jogadores do Grêmio "*se igualarão aos heróis Farroupilhas*", caso vençam os alemães, evoca valores que estão arraigados na comunidade da "*pátria gaúcha*", na história do Rio Grande do Sul, nas tradições. Também nas páginas de Zero Hora de 10 de dezembro de 1983, está a coluna de Ruy Carlos Ostermann sobre a preparação do Grêmio para a "grande final". Um depoimento descritivo do ambiente gremista, horas antes da partida:

Aos poucos, a hora do jogo vem chegando. [...] o entusiasmo dos jogadores é muito grande e chega a ser contagiante. [...] Os treinos foram entusiasmantes de *energia, dedicação e sacrifício* (OSTERMAN, 1983, p. 46, grifos meus).

No dia primeiro de dezembro de 1983, o presidente da Federação Gaúcha de Futebol, João Giugliani Filho, mandara publicar no Correio do Povo o seguinte comunicado ao povo gaúcho, que se preparava para se despedir da equipe gremista para a disputa do título em Tóquio, no Japão. O comunicado convidava a torcida gaúcha para assistir ao jogo amistoso do Grêmio contra o Novo Hamburgo, preparado pela Direção gremista como um ato simbólico de despedida de seu torcedor para com o seu time.

O Rio Grande do Sul está a um passo de conquistar o seu maior título: CAMPEÃO MUNDIAL INTERCLUBES. É o que está nos faltando para tornarmos-nos um Estado invejável em títulos e conquistas. Somos campeões PAN-AMERICANOS, quando esta competição era disputada pelas melhores equipes de cada país das três Américas. Somos quatro vezes campeões brasileiros. Somos bicampeões de Júniores, e somos campeões da Libertadores da América. Só está nos faltando o MUNDIAL DE CLUBES, um título só conseguido pelo Santos FC, da Era Pelé, e pelo Flamengo, da época de Zico. Como presidente da Federação, que congrega todos os clubes gaúchos, independente da cidade ou categoria, *entendo que essa conquista não será isolada, não será propriedade privada. Ela representa o grau de capacidade alcançado pelo nosso futebol. Ela será uma vitória de todos, e, como tal, todos*

devemos estar unidos, mostrando o nosso apoio e incentivo aos dirigentes e jogadores do Grêmio, que vão representar *a força do futebol GAÚCHO*. DOMINGO, o Olímpico vai abrir os seus portões para a grande festa de despedida e lá deverá estar a torcida gaúcha, despida de clubismo, levando o seu aplauso e entusiasmo *a esperança de uma volta triunfal*. A festa de domingo constituirá, sem dúvida, a síntese do nosso sentimento solidário pela vitória (GIUGLIANI, 1983, p. 18, grifos meus).

Embora de ordem e gêneros diferentes, os três textos se articulam nas suas enunciações. O do colunista Paulo Santana, de Zero Hora, é endereçado aos gremistas, mas evoca, ao mesmo tempo, as tradições do futebol gaúcho, os heróis farroupilhas, apela à religião, quando se refere que a “batalha” está nas mãos de “Deus”. Utiliza-se da sua credibilidade como jornalista, mas principalmente de testemunho da preparação da equipe para o enfrentamento contra a equipe européia. É quase um testemunho de fé.

O segundo texto, do presidente da Federação Gaúcha de Futebol, do alto do cargo que ocupa e, portanto, da autoridade que exerce, faz um apelo a todos os torcedores do Rio Grande do Sul, mesmo àqueles rivais do tricolor¹³. Pede que torçam e incentivem “os dirigentes e jogadores do Grêmio”. Como estratégia, elegeu também um conjunto de signos que fazem parte da história do Rio Grande do Sul e, portanto, que são reconhecidos pela comunidade gaúcha. Lançou mão das tradições do futebol gaúcho, lembrando as conquistas anteriores e colocou, ao lado disso, ou em oposição, os títulos conquistados pelos outros, o Santos, da “Era Pelé”, e o Flamengo, de Zico. Ambos colocaram em circulação, nos meios de comunicação social, uma prática de significação, fazendo circular uma série de valores e qualidades do povo gaúcho com a intenção de provocar um sentido identitário. Quanto a isso, Jesús Martín-Barbero (apud ESCOSTEGUY, 2005, p. 45) é claro, e mostra o quanto, nesses espaços, por meio de práticas como estas, a cultura vai se tecendo: “a cultura é o espaço fundamental de reconhecimento do outro, dos outros. Pois toda a identidade e todo o sujeito social se constroem na relação e não existe afirmação do próximo sem o reconhecimento do outro.

Ao mesmo tempo, a *Rádio Guaíba* estampava, em uma página inteira do jornal *Correio do Povo*, uma campanha com o seguinte *slogan*: “*Pô, Cara, é o*

¹³ Como é conhecido o Grêmio, devido às três cores de sua bandeira: azul, preto e branco.

Brasil que vai jogar. Vibre com o Grêmio". A imagem, ligada ao texto, era a de um globo terrestre que, ao invés de mostrar a geografia terrestre, mostrava a logomarca do Grêmio sustentada por uma base. Quando o texto diz "*Pô, cara é o Brasil que vai jogar*", sinaliza a diferença (e com ela também a semelhança): o Grêmio não é um clube brasileiro, mas sim um clube gaúcho. Faz um apelo aos demais brasileiros para que torçam pelos gaúchos, que são também brasileiros.

Outra estratégia do texto é a necessidade de valorizar ainda mais a partida de futebol. A imprensa e o Grêmio, como instituições gaúchas, buscavam agregar ao jogo um valor superior, uma "verdadeira" guerra contra o time do outro lado do mundo. Para se ter uma idéia, a imprensa estava tão envolvida diretamente com o jogo que enviou 16 profissionais para o Japão para testemunhar a "grande final".

Essas estratégias, relacionadas, mesmo em momentos diferentes, criaram um ambiente de expectativa em torno do "grande jogo" do dia 11 de dezembro. Como dizia o próprio anúncio de página inteira do *Correio do Povo*, de sábado, 10 de dezembro de 1983, tratava-se de uma questão de "fé". O texto, que acompanhava tal enunciação, afirmava:

É hora de acreditar. De fazer o coração bater em uníssono a certeza da vitória. É hora de confiar por inteiro na magia, no talento, na garra, na raça de um grupo, que hoje *faz o Brasil pulsar em azul, preto e branco*, e que, logo mais, pode pintar com as mesmas cores o mundo do futebol. A cada minuto o título está mais perto. E esta noite, a cada volta do ponteiro, a cada giro da bola no gramado, uma taça inédita está vindo para o Sul. A corrente tricolor está formada. A Guaíba que fez o seu microfone brasileiro o mais presente no Japão, está confiante. Vamos lá, Grêmio. Falta pouco. Falta quase nada (CORREIO DO POVO, 1983, p.13).

O anúncio da página permite empreender que outros discursos exteriores ao campo enunciativo do futebol gaúcho também foram aí agregados. O texto fala em "talento", na "magia" do futebol brasileiro. Ao mesmo tempo, se entrecruza com o texto do cronista, e do presidente da Federação Gaúcha de Futebol, que fazem referência às tradições do futebol gaúcho, de sua "garra" e "raça". Trata-se de enunciados acerca de uma marca Brasil/Rio Grande do Sul (e de todas as alianças que nascem a partir disso, para a história do time e para história do futebol gaúcho); trata-se da emergência singular de uma arti-

culação nacional criada e operacionalizada a partir da afirmação de uma “nação gaúcha”. Ou seja, firma-se uma nova tradição, com base numa tradição já existente.

Tradições não são algo latente no social, mas, antes, algo que o constitui; acima de tudo, algo que se inventa.

O termo tradição inventada [...] inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e de determinado tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabelecer com enorme rapidez. [...] Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regra tácita ou abertamente aceitas; tais práticas [...] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN, 1997, p. 9).

Todas essas enunciações sobre a partida de futebol registradas na imprensa tinham a intenção de dar um sentido de coesão. Esse tipo de estratégia discursiva serve para criar um sentimento de conjunto, de “comunidade” em relação às instituições que o expressam.

Pode-se perceber, portanto, que o Grêmio, na época, era uma equipe que representava a “alma gaúcha”, o futebol jogado no Rio Grande do Sul. Essa era a sua marca, a sua identificação, a sua “tradição”. O título que o Grêmio estava prestes a conquistar não era um título *do Grêmio*, mas uma conquista da “nação gaúcha”. Um título que representava a afirmação das tradições do Rio Grande, de bravura e força, em relação aos demais “estrangeiros”, em relação àqueles que não são gaúchos.

Ainda assim, é válido lembrar que, até então, o clube ainda não tinha feito a sua própria história. Não havia conquistado um título considerado maior que o próprio clube, além de suas fronteiras, que permitisse a construção de sua própria tradição, ou seja, não havia conquistado um título de tal poder simbólico, que criasse as condições de possibilidade para uma transformação das suas tradições, ligadas ao futebol gaúcho. Até então, a única vitória representativa para afirmação do Grêmio em relação aos demais clubes brasileiros havia ocorrido em 1981, quando o clube se consagrou, pela primeira vez, campeão brasileiro, ao derrotar o São Paulo, por um a zero, no Estádio do Mo-

rumbi. Essa conquista pode ser considerada como um marco do sentimento gremista em relação à sua própria identidade, como diz o próprio texto “histórico”, encontrado no *site* do clube:

A tarde de 03 de maio de 1981 ficou marcada como o reconhecimento definitivo do Brasil à grandeza de um clube que firmava-se nacionalmente como um time vencedor. Após jogar contra as equipes mais fortes do Brasil, o Grêmio, na final do Campeonato Brasileiro, enfrentou o São Paulo, que naquela época possuía vários jogadores da Seleção Brasileira. O jogo era considerado difícil, apesar da vantagem que o GRÊMIO havia conquistado na primeira partida da final, quando derrotou os paulistas no Olímpico Monumental por 2 x 1. Porém, o Morumbi lotado foi obrigado a ver a festa de uma pequena e apaixonada torcida gremista no final do jogo. Aos 20 minutos do 2º tempo, o jogador Baltazar mata a bola no peito e chuta no ângulo superior esquerdo do goleiro Waldir Peres. Um gol histórico, que marcou o início de caminho glorioso, estrela do(*sic*)pelas grandes conquistas nacionais e internacionais. Era a primeira vez que o Brasil conhecia a força das cores azul, preto e branco. Era a primeira vez que o Brasil conhecia a força do tricolor GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, junho de 2009a, s/P).

Justamente por ter sido escrito anos mais tarde, o texto dá pistas e fala em “reconhecimento definitivo do Brasil à grandeza” do Grêmio; faz referência “[à] sua pequena e apaixonada torcida”; diz que é a primeira vez que o Brasil conhecia a “força do tricolor”. É como se fosse a afirmação do Grêmio como clube de futebol, como marco fundante de sua história, de sua identidade como “Grande Clube”. O texto permite deduzir que também estava em jogo uma tradição do seu próprio futebol, um futebol de força, representado na “força tricolor”. Uma transformação de sua própria tradição, muito mais arraigada ao futebol que se jogava no Rio Grande Sul.

Em relação ao futebol, principalmente no Rio grande do Sul, o que se observa são as constantes referências aos grandes feitos de suas equipes e à forma como elas são contadas ou simplesmente referidas, ao longo dos anos. Percebe-se a referência permanente às tradições do “ser” gaúcho, transferindo para o campo as atitudes dos “guerreiros”: elementos discursivos que fazem circular entre a sua comunidade um jeito de “ser” e de “fazer” as coisas.

3.2 O discurso regionalista e o da tradição como centro das discussões

Todos esses textos revelam uma mesma discursividade, que coloca em jogo enunciações acerca de um passado histórico do Rio Grande do Sul, ligado, principalmente, à Revolução Farroupilha. Trata-se da construção de uma nação simbólica, que eclodiu no dia 20 de setembro de 1835 – quando ocorre a primeira fase da *Guerra dos Farrapos* e que teve seu ápice em 1836, quando em 11 de setembro de 1836, os gaúchos venceram uma batalha contra os federalistas e Antônio de Souza Neto proclamou a República Rio-Grandense:

Os farrapos fundaram uma república separatista porque adotaram uma nova bandeira, escudo de armas e hino nacional próprio; concediam cidadania e consideravam os brasileiros como estrangeiros, [...] Pela primeira vez, em território brasileiro, funcionou um estado republicano, com presidente, ministros, coletorias, serviço de correio, exército, Leis próprias e um projeto de constituição [...] O ministro Domingos José de Almeida e depois José da Silva Brandão tentaram organizar a república com ministérios e serviços públicos, mas o estado permanente de guerra dificultou, facilitando o surgimento da ditadura militar de Bento Gonçalves da Silva, eleito em Piratini por oficiais e vereadores, sem contar com os votos do povo (PESAVENTO, 1997, p. 16).

Esta foi uma revolução que teve origem no descontentamento econômico e político que os rio-grandenses tinham com o Governo Central do Brasil pelas altas taxas alfandegárias cobradas pela produção local, principalmente o charque. Trata-se de uma revolução que perdurou por quase 10 anos e que teve fim somente no dia 28 de fevereiro de 1845. Este período pode ser considerado como o marcador de uma série de tradições que permanecem cultuadas hoje em dia, como a semana Farroupilha, comemorada anualmente, em setembro.

Talvez possamos, com certa parcimônia, demarcar a Guerra dos Farrapos como o fenômeno que permitiu o nascimento de uma série de saberes em torno do ser “gaúcho” e, principalmente, de sua constituição como sujeito, como explica Oliven:

No período colonial, o habitante do Rio Grande do Sul era chamado de *guasca* e depois de *gaudério*, este último termo possuindo um sentido pejorativo e referindo-se aos aventureiros paulistas que tinham desertado das tropas regulares e adotado a vida rude dos coureadores e la-

drões de gado. Tratava-se de vagabundos errantes e contrabandistas de gado numa região onde a fronteira era bastante móvel em função dos conflitos entre Portugal e Espanha. No final do século 18, eles são chamados de *gaúchos*, vocábulo que tem a mesma conotação pejorativa até meados do século 19, quando, com a organização da estância, passa a significar o peão e o guerreiro, com um sentido encomiástico. O que ocorreu foi a ressemantização do termo, através da qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade do Estado (OLIVEN, 1993, p. 19).

O que Oliven descreve é o nascimento de um novo conceito, a partir da emergência do fenômeno da Guerra Farroupilha, que introduziu, no imaginário do "rio-grandense", uma nova visão sobre o "gaúcho", um sujeito que deixa de ser "marginal" e que passa a ser reinterpretado, num sentido positivo, como um sujeito rude, mas, ao mesmo tempo, guerreiro, capaz de lutar pelas suas crenças. Um sujeito, portanto, cheio de valor, mesmo que tenha perdido a guerra.

As tradições dos gaúchos dão tramadas a partir de uma série de discursos que falam sobre a sua constituição, que reafirmam o seu jeito de ser e que o descrevem. Tais tradições estão profundamente ligadas a mitos encontrados e repetidos em diversos dispositivos pedagógicos nas escolas, nos livros, na literatura, na música nativista, nos artefatos e indumentárias (como o chimarrão, por exemplo), nos discursos circulantes na mídia. O *ABC do Tradicionalismo Gaúcho*, um verdadeiro manual de como ser gaúcho, descreve assim o povo do Rio Grande do Sul:

Embora rude, o gaúcho era extremamente gentil para com as mulheres e destemido na defesa da honra dos indefesos. As constantes carnações, o churrasco meio cru, sua familiaridade à lida campeira constante, o contato com o sangue, tornava-o sempre preparado para a guerra. [...] Na descendência telúrica encontramos as razões para um ser rude, forte e corajoso, ligado profundamente à terra, que chamou carinhosamente, de Torrão (LAMBERTY, 1989, p. 16).

Além disso, outros acontecimentos históricos ajudaram a desenhar, inventar, reinventar e construir uma possível identidade gaúcha. Trata-se de discursos que instituem uma marca que afirma o quanto os rio-grandenses são diferentes dos demais brasileiros. Não é por acaso que, de tempos em tempos, reaparece a discussão do separatismo, tendo como justificativa a territorialidade e a proximidade do Rio Grande do Sul com os demais países do Prata (e,

portanto, da não identificação com o próprio país), como explica Damo (1998, p. 195):

Neste rol de desencaixe são evocadas, com maior freqüência, a posição geográfica, a partir da qual se estabeleceram intercâmbios múltiplos com os Países do Prata e, portanto, diferentemente da população dos demais estados brasileiros, os gaúchos teriam forte influência hispânica, a postura política e sua tradição de enfrentamento ao poder central, a presença maciça dos imigrantes europeus e, como, corolário, as noções de “civilidade” e “progresso” trazidas por eles do “velho mundo”; e, finalmente, a convivência permanente com os levantes armados. De todos estes outros tantos traços formadores da identidade gaúcha, é justamente o último o mais freqüentemente evocado. Da Revolução Farroupilha (1835-1845) à “Legalidade”, que deu sustentação a João Goulart após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, passando pela Revolução Federalista (1893-1895), a Coluna Prestes e a Revolução de Trinta, somam-se outros confrontos internos fronteiriços em nome dos quais se afirma ser o gaúcho um “produto de guerras”. (DAMO, 1998, p. 195)

Uma série de construções discursivas coloca o Rio Grande do Sul em contraposição aos demais Estados do Brasil. Damo (1998) demarca o surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, nos anos 60, como o marco para a valorização do sujeito *Gaúcho*, “algo comparável à transformação operada por Gilberto Freyre em relação à mestiçagem. Porém, no sentido inverso, para o MTG vale o autêntico, o genuíno, o puro” (1998, p. 196).

Para o autor, o MTG exerceu com legitimidade a intenção de fazer circular um saber em torno do gaúcho. O movimento ajudou a constituir no imaginário do rio-grandense uma visão do que é “ser gaúcho”. Ainda assim, colaborou na consolidação de sua identidade. Dito de outro modo, o MTG ajudou a criar um regime de verdade em torno do que é ser gaúcho. Um regime de verdade que só pôde ser firmado graças a uma concepção de que no Rio Grande do Sul tudo o que se faz é “diferente” em relação aos demais brasileiros. Ele cita Oliven:

Faz parte dessa relação autonomia-isolamento utilizar um discurso que afirma que o Rio Grande do Sul está simultaneamente em situação calamitosa e de grande vitalidade. O que chama a atenção é como são recorrentes os temas que ocupam os gaúchos em períodos tão diversos. Há uma constante evocação e atualização das peculiaridades do Estado e da fragilidade de sua relação com o resto do Brasil. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas, embora as conjunturas sejam novas e a roupagem dos discursos se modernize, o substrato básico sobre o qual estes dis-

cursos repousam é surpreendentemente semelhante. Nesse sentido, poder-ser-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e a vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha (OLIVEN apud DAMO, 1998, p. 198).

Um dos eixos dessa discussão, como dito, é o isolamento geográfico que o Rio Grande do Sul tem em relação aos demais estados da nação, principalmente em relação ao eixo Rio-São Paulo. Uma distância que representaria, conseqüentemente, o afastamento das grandes decisões políticas, econômicas e esportivas. Trata-se de um marcador que coloca Porto Alegre e o Rio Grande como “províncias”, constantemente prejudicadas e fora do centro de decisão das grandes questões nacionais. Isso pode ser percebido, por exemplo, na reiteração de discurso hegemônico de “vitimização”. Tal discurso é adotado pelo próprio futebol, que transforma suas decisões, principalmente aquelas em que Grêmio e Inter estão envolvidos, em batalhas heróicas, e seus participantes em guerreiros. Enfim, tudo o que se conquista aqui é fruto de um “povo guerreiro e corajoso”.

Pouco importa os recentes avanços das telecomunicações ou mesmo as disputas nacionais durante o ano todo. Sempre que um jogador da dupla Gre-Nal se destaca, alguém e não raro a maioria dirá: *se jogasse por um clube carioca ou paulista já estaria na seleção*. Neste caso, acrescenta-se ao suposto isolamento uma série de razões políticas – ação de lobistas, parcialidade dos dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol e até mesmo o fato desta estar sediada no Rio de Janeiro – a partir das quais os clubes, jogadores e dirigentes gaúchos estariam em permanentemente em situação vantajosa (DAMO, 1997, p. 199-200).

3.3 As contradições: futebol-força mesmo?

É necessário dizer que esse discurso regionalista, do futebol gaúcho, entra em contradição com a própria formação da equipe gremista, do seu jeito de jogar, mas principalmente do que se dizia sobre a equipe que conquistou o Mundial Interclubes. Ela não é a mesma que conseguiu vencer a Libertadores da América no mês de julho do mesmo ano. Num período de alguns meses, jogadores saíram e foram contratados outros em substituição. Esses atletas

modificaram o jeito de o Grêmio jogar. O jornal Zero Hora, no mesmo dia 10 de dezembro, na página 51, assim definia a preparação tática do Grêmio e do Hamburgo, para o jogo da madrugada de 11 de dezembro: “Grêmio: Habilidade”.

Em relação aos jogos da Taça Libertadores da América, o time do Grêmio mudou bastante do ponto de vista tático. Essas alterações foram provocadas também pela troca de jogadores. Na defesa, com a entrada de Paulo César Magalhães no lugar de Casemiro, o time ficou mais protegido no lado esquerdo, o que permite mais tranquilidade para Hugo De Leon avançar ao ataque. No meio-campo a solidez na marcação permanece com a presença de China, ajudado agora pelo combate constante de Osvaldo no setor. Numa linha um pouco mais avançada estarão Paulo César Lima, na direita, e Mário Sérgio, na esquerda. Além de dispor de maior número de jogadores no meio campo, o Grêmio possui agora dois jogadores extremamente hábeis e com uma característica fundamental: a precisão nos lançamentos longos. Isso é importante porque o time só ataca na base da velocidade de Tarciso e Renato, que terão total liberdade de movimentação no campo do adversário. O Grêmio, então, será uma equipe cuidadosa na defesa, mas com jogada de contra-ataque muito rápida (DIESTMANN, 1983, p. 51).

Em contraposição, a matéria assim definia o time adversário: “Hamburgo: Força”.

O Hamburgo perdeu jogadores importantes e esse detalhe deve complicar sua atuação de hoje contra o Grêmio. O melhor exemplo disso é o lateral-direito Kaltz, internado numa clínica especializada para curar uma lesão muscular. Sem Kaltz, Wehemeyer ocupa essa posição, mas sem a mesma característica. O ponteiro-esquerdo Von Hessenn também vai fazer muita falta, porque sua habilidade é fundamental já jogada ofensiva pela esquerda do ataque. Wuttke será o seu substituto e não tem o mesmo estilo de jogo. Assim, o Hamburgo não terá nesta decisão dois jogadores fundamentais. De qualquer forma, Wehemeyer deverá marcar o meio campo mais avançado do Grêmio (Paulo César Lima, Mário Sérgio ou mesmo Osvaldo). Apesar dessas dificuldades, o Hamburgo certamente tentará decidir logo a partida, jogando bolas sobre a área do Grêmio até conseguir o seu gol. Mas também vai se expor ao contra-ataque do adversário (DIESTMANN, 1983, p. 51).

Pode-se perceber que existe um antagonismo na definição da forma de o clube gaúcho jogar em relação às enunciações que se referiam, como mostrado anteriormente, à “dedicação”, “entrega”, “guerreiros”, “força” e “raça”. Agora, o futebol do Grêmio passa a ser definido como um futebol de habilidade – tal como o próprio futebol brasileiro é descrito. E esse seu jeito de jogar, “com habilidade”, deu resultado, pois o Grêmio venceu ao time alemão por dois a

um, com o “talento” de Renato Portaluppi, que marcou os dois gols gremistas na partida. O texto de Juca Kfourri, articulista da Revista de circulação nacional, a Placar, precisamente no dia 16 de dezembro, descreveu a vitória do Grêmio, sob o seguinte título: “A Terra é Azul. Viva o Grêmio”:

Teimosamente, passando por cima de tudo, o futebol brasileiro é outra vez campeão mundial. Agora foi a vez do Grêmio, que venceu até a tradição segundo a qual um time deve estar sempre em atividade para não perder o entrosamento, a noção do jogo. A equipe gaúcha preparou-se com um zelo que beirou a temeridade e chegou brilhantemente, comoventemente ao seu maior objetivo. E pensar que quando a Seleção Brasileira precisava vencer o Uruguai em Salvador o estonteante Renato ficou no banco. E pensar que esse mesmo Grêmio foi desclassificado pela Ferroviária na última Taça de Ouro¹⁴ por força de um regulamento tão esdrúxulo como o que, por exemplo, permitiu ao América forçar o adiamento de um Fla-Flu¹⁵ decisivo, ou a revogação do campeão Paraíba, ou tantas outras sandices que temos visto neste particular nos últimos tempos. Mas não é hora de lembrar mediocridades. Resta constatar que o futebol brasileiro é, como já foi dito em relação ao homem nordestino, um forte. Resta também enaltecer o talento de um Mário Sérgio, fruto autêntico do que há de melhor no futebol brasileiro. Ele simplesmente levou à loucura o rígido esquema alemão do Hamburgo, promovendo uma maravilhosa alteração no sistema de jogo tradicional do Grêmio, mais para a força do que para o talento. Como o Santos em 1962 e 63, como o Flamengo, em 1981, o Grêmio entra para a história do futebol mundial. Para completar a festa de sua enorme torcida, não faltou sequer o detalhe de ter derrotado um adversário com as mesmas cores¹⁶ do Internacional, seu mais ferrenho rival. E Tóquio pôde assistir mais uma vez à superioridade do futebol sul-americano quando este se impõe sem querer copiar os modelos europeus. Num ano em que nada deu certo para o nosso futebol é realmente alentadora a façanha da brava equipe gremista. Que sirva de exemplo para os dirigentes da CBF, das federações, que signifique mais força aos clubes verdadeiramente grandes do país. Porque o mundo, está provado, reconhece não é de hoje a superioridade do tipo de futebol que se pratica por aqui. Porque a terra, como constatou o astronauta, é realmente azul, maravilhosamente gremista (KFOURI, 1983, p. 3).

Nas páginas seguintes, 6 e 7, duas páginas inteiras dedicadas à vitória do clube brasileiro, apresentavam-se duas fotos com a seguinte legenda: “Ao meio-dia, no Estádio Nacional de Tóquio, sob um céu nublado, o Grêmio preparava-se para enfrentar o Hamburgo”. A foto que abria a página mostrava toda a equipe gremista. Logo abaixo, uma foto de um lance da partida com a ima-

¹⁴ Assim era chamado o Campeonato Brasileiro em 1983, pela Confederação Brasileira de Futebol.

¹⁵ Denominação dada pelos cariocas ao jogo entre Flamengo e Fluminense, do Rio de Janeiro.

¹⁶ O Hamburgo tem nas suas cores o Vermelho e Branco, e assim jogou naquela noite de 11 de dezembro, com camisas brancas e calções vermelhos.

gem do zagueiro Baidek, da equipe gaúcha, com a bola nos pés, cercado pelos jogadores alemães, e logo atrás o ponteiro Renato Portaluppi, em disparada. A legenda destaca: "...partida onde se destacariam sobretudo a garra e a maestria do ponta-direito Renato". A reportagem descrevia o jogo:

Multidões iam embora, cansadas. Mas outras chegavam – num movimento de ondas sucessivas – e não deixavam o samba cair. Quem não agüentava mais, e nem queria abandonar a festa tratava de se enrolar ali mesmo na bandeira tricolor e só foi acordar quando o sol já saía alto. Assim foi o carnaval da torcida do Grêmio que se irradiou do cruzamento da Avenida Érico Veríssimo com a Ipiranga – onde o povo assistiu aos 2 X 1 sobre o Hamburgo em telões ao ar livre – para todas as ruas de Porto Alegre. Quando a manhã do domingo chegava ao fim, as latas vazias de cervejas eram tantas que até atrapalhavam o trânsito da capital gaúcha: naquela altura se ouvia no Morro Santa Tereza – que oferece uma bela vista da cidade – os últimos acordes da Torcida Garra Tricolor. Sem dúvida, tão cedo o Rio Grande do Sul não terá uma madrugada tão barulhenta como a de domingo último. Mas também é certo que jamais o Grêmio havia sido campeão do mundo antes (PLACAR, 1983, p. 6).

Outro depoimento importante sobre a atuação de Renato e sobre o jogo é o de Paulo Sant'Ana, articulista de ZH e gremista fanático, que terei que descrevê-lo, mesmo sendo longo, pelo simples motivo que oferece muitas pistas para posterior análise dos textos que estou apresentando. O título é o seguinte: "Renato, meu herói":

Ainda tenho na boca o sabor do cal do gramado do Estádio Nacional de Tóquio, que beijei desesperadamente agradecido depois que o Grêmio se tornou campeão mundial. Não foi um gesto louco, embora naquele momento eu até duvidasse da minha sanidade diante da alegria de ver o meu Grêmio com o maior título que o Rio Grande do Sul já conquistou em toda a sua história esportiva. O beijo na grama marcada de cal foi um agradecimento a esta terra que permitiu ao Grêmio uma conquista dessa importância. Pois saibam que esse sabor é doce, maravilhoso. Ainda tenho essa marca na boca, ainda estou sujo de cal, mas sujo e alegre como nunca estive na vida. Sinto-me dono desta terra, agora. Sou o Imperador do Japão, proprietário incontestável da terra do sol nascente, que me permitiu esta glória de ser campeão do mundo, sem dúvidas, e ainda com dois golaços de Renato, o melhor jogador gaúcho de todos os tempos, melhor que Garrincha, como disse tantas vezes e tantas vezes fui contrariado, e tantas vezes fui criticado, principalmente por um concorrente. Pois este concorrente, chegou ao cúmulo de escrever que Renato deveria ser vendido logo por causa da sua indisciplina. Minha resposta definitiva e que não admite contestações está aí: dois gols no jogo mais importante do Grêmio, com uma atuação fantástica, dribles, passes e um espírito de luta inigualável. Falem agora esses secadores. Repitam que o Grêmio é campeão do mundo, que a terra é azul, que a terra é

tricolor e que não existe nenhum clube melhor que o Grêmio, *nenhum time melhor que o Grêmio, nenhum jogador melhor que Renato*. [...] Neste momento de euforia não posso deixar de fazer o registro do *heroísmo de todos os jogadores do Grêmio*. O Renato, é certo, fez os gols, mas surgiram outros que *com esforço e dedicação* asseguraram a conquista desse título apaixonante. Começo por Mazaroppi, que o Grêmio não pode deixar de comprar do Vasco por CR\$ 70 milhões. Foi ele que, com duas ou três defesas inacreditáveis, esfriou o ânimo do Hamburgo na tentativa do empate. Foram os zagueiros que garantiram *com coragem e garra* os ataques dos alemães; foi o meio-campo que soube reter a bola nos momentos certos, fazendo o tempo passar ou, então, colocando-a no lugar e no tempo certo para a entrada do companheiro. O ataque perdeu alguns gols que nos poderiam ter acalmado bem mais cedo, muito antes do apito do francês Michel Vautrot, de atuação impecável, mas também têm os seus méritos pela luta permanente dentro de campo (SANTANA, 1983b, p. 42, grifos meus).

Os textos articulados mostram que há visões divergentes sobre o modo de narrar e dar sentido à vitória gremista; visões diferentes que são evocadas pelos articulistas e testemunhas da partida, aos quais passo a analisá-las a partir de agora.

O primeiro texto, de Zero Hora, que define o Grêmio, como um futebol de habilidade, em relação ao outro, o Hamburgo, mostra as diferenças que o torcedor veria naquele time que iria enfrentar o Hamburgo, na noite de 11 de dezembro. Essa diferença pode ser uma referência ao futebol “jogado no Brasil”, não o futebol regional, mas o da qualidade técnica, a diferença em relação ao futebol europeu – até porque o Hamburgo era classificado como uma equipe que não tinha *talento*, mas sim *força*.

O texto também mostra que o time do Grêmio tem “toque de bola”, habilidade, mas também uma marcação forte. Talvez trate-se aqui de um reforço e de uma insistência sobre as tradições do futebol gaúcho que, até então, era caracterizado pela disciplina tática e pela força. Faz-se referência ao fortalecimento da marcação no meio de campo e nas laterais, mas também admite-se que o time ficou mais “técnico” com as entradas de Mário Sérgio e Paulo César Lima. O primeiro, um jogador altamente técnico, que participou da terceira conquista do campeonato brasileiro, em 1979, pelo *Internacional*. O segundo, um jogador em fim de carreira, mas que participou do grupo da Seleção Brasileira campeã mundial em 1970, um verdadeiro marco do chamado futebol-arte, como já tratamos no capítulo anterior.

No segundo texto, do jornalista paulista Juca Kfoury, outras estratégias são colocadas diante do leitor. Ao longo de sua coluna, ele retoma os problemas do futebol brasileiro, as suas derrotas na época, como a da Copa do Mundo da Espanha, em 82. Fala da desorganização do futebol brasileiro, especialmente em termos estruturais e políticos, mas diz que o título do Grêmio reafirmou a “força” do futebol brasileiro diante dos outros. Kfoury faz, ainda, uma comparação do futebol brasileiro com o que é dito sobre o homem nordestino (“antes de tudo é um forte”). Portanto, não se refere ao gaúcho, mas ao nordestino. Como se o “nordestino” fosse o “verdadeiro” representante do “ser brasileiro”, da miscigenação do povo brasileiro, daquele brasileiro referido por Freyre. O jornalista enaltece o “talento” de Mário Sérgio, a quem chama de *“fruto autêntico do que há de melhor no futebol brasileiro”* – portanto, para ele, existe o futebol “genuinamente” brasileiro. Ele diz que o jogador provocou uma *“maravilhosa alteração no sistema de jogo tradicional do Grêmio, mais para a força do que para o talento”*. Aqui, Juca Kfoury afirma que Mário Sérgio foi o responsável pela quebra da tradição gremista, de ter um futebol de força, e foi o responsável pela transformação dessa tradição, que somente foi possível com a entrada de um jogador “genuinamente” brasileiro.

Mais adiante, Kfoury reafirma que o título dos gaúchos é brasileiro e não regional: *“Porque o mundo, está provado, reconhece não é de hoje a superioridade do tipo de futebol que se pratica por aqui”*. Um futebol superior, de talento, que também tem raça, raça nordestina, fruto da miscigenação que caracteriza uma possível formação do “povo brasileiro”. O título do Grêmio, para o jornalista paulista, foi a reafirmação da tradição do futebol brasileiro, de sua alta técnica, enfim... do futebol-arte.

No terceiro texto, escrito por um repórter que estava em Porto Alegre, há outras enunciações que sugerem que aquela conquista não foi apenas gaúcha, mas sim brasileira. Primeiramente, ele descreve a festa dos gaúchos após a conquista como um verdadeiro “carnaval”. Uma festa tradicionalmente brasileira, portanto, fazendo referência ao samba que os torcedores do Grêmio tocaram ao final do jogo, a “maluquice genial” de Renato que, segundo o repórter, “fez tudo o que um jogador pode fazer dentro de campo”. Um destaque

para o seu talento, trazendo à memória do torcedor os velhos jogadores da década de 60 e 70, que eram conhecidos pela sua pouca disciplina, mas extremamente criativos em campo.

O quarto texto do jornalista e torcedor do Grêmio, Paulo Sant'Ana, de Zero Hora, também é marcador. Nele emergem outras diferenças e outros discursividades que estão associadas ao futebol brasileiro e às tradições do Rio Grande do Sul. Primeiro, ele caracteriza Renato como o "melhor jogador gaúcho de todos os tempos, "melhor que Garrincha" – um jogador genuinamente "brasileiro", o título do Grêmio como o mais importante da história do Rio Grande do Sul, não do Brasil. Trata-se de uma conquista que entrou para as tradições do Estado e, ao mesmo tempo, minimiza aquela própria conquista do arquirival, o Internacional, até então. Depois disso, Paulo Sant'Ana diz que Renato é melhor que Garrincha, um ponteiro-direito, da década 50 e 60 do Botafogo, que era conhecido pela sua alta habilidade técnica e também pela sua criatividade em campo, um representante do futebol-arte. Quando faz referência aos outros jogadores, não cita nomes, com exceção do goleiro Mazareppi, quem, para o autor, fizera defesas "inacreditáveis". Os demais jogadores fazem parte da equipe, dos setores da equipe: ele se refere ao ataque, à defesa e ao meio campo, ou seja, a jogadores que tiveram "dedicação", "valentia" e muita "luta". São os heróis, liderados por Renato, que "teve um espírito de luta inigualável" em campo. Paulo Sant'Ana evoca novamente, em sua coluna, os valores gaúchos, o jeito de ser dos gaúchos, que é diferente dos demais.

3.4 A vitória contada pelos "heróis"

Se na seção anterior descrevi como os jornalistas contaram a vitória do Grêmio no Mundial Interclubes, passo agora a descrever como os personagens viram aquela conquista, aquele ano de 1983. Assim, descrevo agora o que os principais jogadores do Grêmio disseram a respeito daquela conquista como narraram sua própria história, a partir de um documentário lançado, no ano de 2009, pelo clube para comemorar o que chamaram de *1983: o ano azul*. Tal material, de fato, não é parte do *corpus* de análise, mas o utilizo aqui apenas

de forma paralela para dar ênfase ao meu argumento central (nascido justamente da análise das matérias dos jornais Zero Hora e Correio do Povo).

Sei dos riscos a que me submeto descrevendo as histórias contadas por esses personagens 25 anos depois, período capaz de transformar discursos, regimes de verdades, em torno de determinado objeto. Depoimentos esses, capazes, inclusive, de estarem contaminados por outros discursos. Sei também que o material cinematográfico foi lançado pelo próprio Grêmio e roteirizado e escrito por cineastas gremistas confessos, como é o caso do cineasta Carlos Gerbase. A escolha não é ingênua, ao contrário, ela é estratégica no sentido de saber como o Grêmio se conta, como narra a sua própria história, como estabelece, a partir do presente, as relações causais tautológicas na narração do passado.

De início, algumas considerações sobre a estrutura do material fílmico fazem-se importantes: o documentário *1983: o ano azul* adota uma edição não-linear para contar a história. Os relatos dos jogadores sobre o enfrentamento contra o Hamburgo são editados de forma que se contem pequenas histórias, como na edição de um livro. Uma dessas histórias é sobre uma possível arrogância dos alemães, o Hamburgo, diante dos brasileiros. Os jogadores e o técnico Valdir Espinosa relatam que os “alemães nem os cumprimentavam”. Também contam que, quando encontravam os jogadores alemães no hotel, “eles pareciam muito maiores”, nas palavras do capitão uruguaio Hugo De Leon: “...mas quando entramos em campo, entramos com tanta força, que já o nivelamos. Já tinha baixinho no time”.

O meio-campista Mário Sérgio também revela a sua impressão sobre a final contra o Hamburgo. Para ele, vencer o Hamburgo era ganhar de uma equipe que “convivia com as grandes equipes européias”. Particularmente, para ele, ganhar o título mundial era muito importante porque, no ano anterior, havia ficado de fora do Mundial de 1982, na Espanha, depois de ter sido titular em 1981, nas eliminatórias da Copa. Mário Sérgio era um jogador chamado de “clássico” pelos entendidos em futebol. Era classificado como um atleta muito hábil com a bola. Havia sido contratado pelo Grêmio para substituir a Tita, um dos destaques da campanha vitoriosa da Libertadores e campeão brasileiro

pelo *Sport Club Internacional*, em 1979, em um time conhecido pela sua grande capacidade técnica. Mário Sérgio também era classificado como um jogador indisciplinado com um “temperamento forte” dentro e fora de campo.

Se havia habilidade na equipe através das características de Mário Sérgio, para De Leon, havia também muita atitude em jogadores como China, por exemplo: “o China era um gaúcho típico, de pouca palavra, mas de muita atitude dentro de campo. Um típico volante gaúcho histórico. Um cara que se impunha no jogo, na atitude, te olhando...”. Para De Leon, havia um modelo de jogador “gaúcho”, um “cara” de muita “atitude”, de imposição, tanto física quanto moral. Um discurso que foi construído através das narrativas que se contaram e que se contam, ao longo dos últimos dois séculos, sobre o “povo do Rio Grande do Sul”.

Durante o documentário um depoimento de Mário Sérgio chama atenção. Em determinado momento, ele se refere à estratégia do técnico Valdir Espinosa ao montar o time para enfrentar o Hamburgo. “O Espinosa jamais abriu mão da ofensividade”. Esta declaração revela não apenas uma prática do seu treinador, mas uma prática discursiva da própria época, na qual o futebol brasileiro estava ainda impregnado pela idéia do “melhor futebol do mundo”, do futebol-arte, daquele que sempre busca o gol.

A ofensividade do time do Grêmio, praticada por Valdir Espinosa, estava dentro de um contexto, no próprio discurso, do futebol brasileiro. O futebol de habilidade, preocupado em “jogar para a frente”, aquele “genuinamente brasileiro”. Realizava-se uma prática, em campo, a partir das idéias do futebol brasileiro da época. A montagem da equipe do Grêmio para enfrentar a escola alemã ocorreu dentro da lógica da escola brasileira, do ataque, de busca incessante pelo gol, a da “mais pura arte” do futebol nacional.

O que pretendo mostrar aqui, a partir desses excertos, é que o futebol do Grêmio, na voz dos seus jogadores, era praticado dentro de uma lógica discursiva praticada *pelo futebol brasileiro*: um futebol no qual havia a “garra”, característica dos “típicos gaúchos”, mas no qual havia também a habilidade e o talento do que “há de melhor no futebol brasileiro”. O Grêmio não podia ser diferente disso. Realizava a prática discursiva do futebol brasileiro, realizava os

saberes em torno do futebol. O que tinha, assim, condições de enunciar, só podia ser tecido em meio a isso.

A partir de agora recuo um pouco no tempo e conto a história da Libertadores da América, conquistada meses antes pelo próprio clube. No entanto, esse Grêmio não era o mesmo. Havia outros jogadores, outra competição, com outros times, times de *“alma castelhana”*.

3.5 Sangrando para conquistar a América

Site oficial do Grêmio: 02 de julho de 2009. A imagem de abertura era do zagueiro uruguaio De Leon. A foto do rosto do jogador mostrava o sangue que corria sobre a sua face. Os olhos fitavam o mundo. O texto que acompanhava a imagem enunciava:

Bate mais forte o coração tricolor. Demorou mas chegou o dia. Mais um dia para fazer história. Dia para mostrar ao mundo o orgulho de ser gremista. Dia para mostrar ao mundo como se ganha um jogo no grito. E vamos levar o Grêmio para a final da Libertadores. Nem que para isso tenhamos que deixar o sangue em campo. Como já fizeram Hugo De Leon e Tita na final de 1983. Nem que para isso tenhamos que reviver aquela epopéia dos 5 a 0 contra o Palmeiras em 1995. Pois Libertadores é assim. Precisa de *“algo mais”* para chegar até o fim. E *“esse algo mais”* o Grêmio tem de sobra. Tem na sua camisa. Tem na sua história. Tem nas arquibancadas. Acredite, torcedor. Vista a sua camisa. Pegue a sua bandeira. Pinte o seu rosto. Venha ao Olímpico. Vamos mais uma vez fazer história. Vamos mais uma vez mostrar o que é ser imortal (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, julho de 2009b, s/p).

Optei por me referir a um documento construído 26 anos após a conquista da primeira Libertadores da América, em 1983, porque para mim ele dá pistas de uma *“tradição inventada”* através da linguagem, dos discursos. O texto conclamava a *“nação gremista”* para assistir à semifinal da Libertadores, no Estádio Olímpico, naquela mesma noite, em 2 de julho de 2009, contra o Cruzeiro, de Belo Horizonte.

O clube gaúcho precisava vencer o time mineiro por um placar igual ou superior a dois gols, pois havia perdido a primeira partida, uma semana antes, por três a um. Era mais uma decisão na vida do clube, entre tantas que passou ao longo de sua história. Mas, ao mesmo tempo, a instituição remetia à memória do torcedor ao ano de 83, ano da conquista da primeira Libertadores da

América e do mundo, e ao ano da sua segunda conquista do título sul-americano, em 1995, da qual tratarei mais adiante. É como se a história do clube fosse feita em capítulos, como a história do Rio Grande.

Mas quem era Hugo De Leon? Que figura é essa que aparece no site oficial do clube com o rosto sangrando? O que ele fez para ser personificado como símbolo de uma grande conquista? Afinal, quem eram os jogadores e qual participação tiveram no ano de 83? Como entraram para história do clube e para a memória do torcedor? Para responder a tais perguntas, optei por descrever o que os jornalistas, a imprensa, diziam sobre De Leon, Renato Portaluppi, Mário Sérgio e Tita, atletas considerados os personagens principais de tais conquistas. Como disse anteriormente, não iria propor uma história cronológica. Por isso, retorno um pouco no tempo e me proponho a descrever como foi forjada a equipe Campeã Mundial de 1983.

O primeiro título do Grêmio na Libertadores, que permitiu que o clube disputasse a final do Mundial Interclubes, naquele dia 11 de dezembro de 83, começou a ser conquistado na final do campeonato brasileiro de 1982¹⁷, contra o Flamengo de Zico. O time do Rio de Janeiro tinha sido campeão do Mundo em 1980, vencido o próprio Brasileiro de 1980 e chegado à final contra os gaúchos como favoritos para o título nacional – mesmo que o Grêmio fosse o atual campeão brasileiro de 1981, quanto bateu o São Paulo, por um a zero, em São Paulo, data de sua primeira vitória fora dos gramados gaúchos.

O time do Flamengo era a base da seleção brasileira de 1982, a mesma que perdeu a Copa da Espanha, no mês de julho daquele ano. Tinha como fundamento um futebol virtuoso, de alta técnica, com jogadores como Zico, Tita, Adílio, Leandro, Andrade e Júnior.

O Grêmio era treinado pelo gaúcho Ênio Andrade, um técnico que já havia conquistado o campeonato brasileiro, em 1981, com o Grêmio, e com o arqui-rival do clube, o *Sport Club Internacional*, em 1979. Foram três jogos: dois disputados no Rio de Janeiro, no Estádio Mário Filho, popularmente conhecido como Maracanã, e o último, em Porto Alegre, no Estádio Olímpico Monumental. No primeiro jogo da decisão, ocorreu um empate em um a um. No se-

¹⁷ Na época, o regulamento do Campeonato Brasileiro de Futebol concedia duas vagas para a Libertadores da América – no caso, para o campeão e o vice-campeão brasileiros.

gundo jogo, outro empate, mas sem gols. Em Porto Alegre, o jogo terminou em um a zero para o Flamengo. Ao final da partida, muita reclamação dos gremistas contra o juiz Oscar Escolfaro. Os jogadores, dirigentes e parte da imprensa reclamaram de um lance, no final do segundo tempo, em que a bola teria entrado no gol e o juiz não marcara.

Apesar da derrota, parte dessa equipe foi a base do time que iria disputar a Libertadores de 83. Entre eles, estavam De Leon, Paulo Roberto e Renato Portaluppi, Tarciso (alguns dos personagens principais das vitórias de 1983). No final daquele ano, o presidente do Grêmio, Fábio Koff, é reeleito e havia assumido a presidência do clube em dezembro de 1981. O dirigente contrata Valdir Espinosa para assumir a equipe, após o pedido de demissão de Enio Andrade. Espinosa tinha apenas 36 anos e já havia sido jogador do próprio clube. Fábio Koff, anos mais tarde, em entrevista ao *site* do Grêmio, conta como foi o início da montagem do chamado “projeto Tóquio”.

No primeiro ano como presidente, em 1982, o Grêmio vinha de um vice campeonato brasileiro e de uma Libertadores com resultados ruins. No fim do ano, aceitei a reeleição porque eu tinha uma premonição, ou um palpite, que seríamos, campeões do mundo. Eu estava apostando tudo nisso. Também não é difícil ter premonição com um jogador como o Renato no time (risos). Aceitei a reeleição e tivemos tempo e tranquilidade para montarmos uma equipe com características de um time valente para a disputa da Libertadores e de um Mundial. Tudo com critério e convicção (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2009c, s/p).

Anos mais tarde, em entrevista a um documentário eletrônico denominado *“1983, o ano Imortal”* – produzido pelos jornalistas de ZeroHora.com, e publicado no *site* “Especial Grêmio”, em comemoração aos 25 anos da conquista do Mundial de Tóquio e da primeira Libertadores da América –, Fábio Koff acrescenta: *“Aquela foi, então, a primeira conquista do futebol gaúcho. A primeira conquista da Sul-Americana e a primeira conquista que nos levou a Tóquio”*, referindo-se à Libertadores da América.

3.6 Criando a “Batalha de La Plata”

Voltemos ao documentário *1983: o ano azul*, que também reserva parte de seu conteúdo para narrar a Libertadores de 1983. Para contar essa história, o roteirista começa se referindo ao jogo que ficou marcado como a “Batalha de La Plata”, contra o time argentino do *Estudiantes*. A partida “histórica” ocorreu na noite fria do dia 8 de julho, quando o termômetro marcava três graus, no estádio Jorge Luis Hirschi. O campo era acanhado: tinha como separação física entre o campo de jogo e a arquibancada apenas uma cerca de ferro. Isso fazia com que os torcedores ficassem muito próximos do campo (uma tradição arquitetônica dos estádios de futebol argentino). Tal disposição, oportunizava aos torcedores que incentivassem sua equipe, mas, sobretudo, intimidassem as equipes adversárias.

O zagueiro De Leon, atleta uruguaio, ex-zagueiro do Penãrol, considerou aquela partida como a mais “complicada” da campanha da Libertadores. Para ele, os acontecimentos tornaram a partida “o jogo mais duro” da campanha da Libertadores. “Foi uma verdadeira guerra”, disse ele em depoimento ao documentário. É bom lembrar que o clima no campo era tão ruim que um jogador do *Estudiantes*, o meio-campista Sabella, que viria a se tornar jogador do Grêmio meses mais tarde, levou um cartão amarelo antes de a partida começar. Houve três expulsões por violência contra o adversário. Todas ocorreram exatamente contra os argentinos, que terminou o jogo com sete em campo. A aura da “batalha” estava instaurada e viria a ser um importante elemento em toda a construção do título.

O presidente do Grêmio, Fábio André Koff, explica o motivo do clima ofensivo encontrado em La Plata:

Havia uma crise no relacionamento entre o Brasil e a Argentina. Tudo em razão do confronto pelas Malvinas, contra a Inglaterra. A imprensa noticiara que alguns aviões ingleses haviam sido abastecidos no Rio Grande do Sul, aqui em Canoas. [...] quando eu cheguei em Buenos Aires, estava muito preocupado com o jogo. Depois que cheguei ao estádio de La Plata, uma hora antes da partida, eu fiquei atônito. O estádio estava vazio. Pensei: olha, o cenário é ótimo pra nós. Não é nada como me contaram. Pois não é que, quando faltavam 40 minu-

tos para o jogo, o estádio lotou? Parecia todo mundo louco lá dentro. O clima era tão hostil que o meu filho comprou um boné do Estudantes para assistir ao jogo. Não havia clima nem para assistir, quanto mais disputar o jogo. (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2009, s/p)

O atacante Tarciso conta a sua versão da história e reitera o que Fábio Koff fez: “eu achei que ia acontecer alguma coisa. Iria sair tiro de algum lugar, porque eles estavam assim... Era contra o gaúcho, não só contra o Grêmio, era contra o brasileiro traidor. Eu levei murro no saco, o Caio levou bico...”

O atacante Renato também dá o seu testemunho sobre o comportamento dos jogadores do Estudantes e narra sua Batalha de La Plata:

Naquele tempo a torcida jogava papel higiênico pra dentro do campo. Os jogadores pegavam o papel e colocavam dentro da boca, comiam grama... Aí, eu olhava a torcida querendo derrubar o alambrado. A gente ganhando o jogo por três a um. Aí eu falei: ‘pô, se a gente ganhar esse jogo, nós não vamos sair vivos daqui hoje’. Quando a gente saiu no intervalo junto com eles pelo túnel, um zagueiro deles deu um chute nas canelas do Caio que não conseguiu voltar para a partida. [...] *Não que a gente tivesse deixado eles empatarem, mas foi a melhor coisa do mundo.* Porque se a gente ganha aquele jogo não sei o que teria acontecido. Me lembro ainda que depois, no vestiário, um monte de gente, torcedores tentando invadir, chutando a porta, jogando pedra na porta... Quer dizer, ficou feia a coisa. Por isso que eu sempre falo: Libertadores mesmo eram as antigas. Se você disputasse uma Libertadores, como se diz, você era muito macho mesmo. Nós ficamos tristes por empatar a partida, mas felizes por terminarmos vivos aquele jogo. (GREMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2009, s/p)

Para o zagueiro De Leon aqueles acontecimentos foram uma preparação para enfrentar o que ele chamou de um time “muito tradicional” na competição, o Peñarol, do Uruguai.

A “Batalha de La Plata”, para os jogadores gremistas e dirigentes, foi um dos pontos mais dramáticos da história da campanha daquele ano. Uma verdadeira “batalha” na “guerra”, que foi a da Libertadores de 1983 para o Grêmio. Uma competição que, para disputá-la, era preciso não apenas ser um atleta, um jogador de futebol, mas *homem, macho*: um homem preparado para enfrentar uma verdadeira *pelea*¹⁸.

¹⁸Expressão espanhola que significa luta. Palavra muito utilizada pelos jornalistas gaúchos para caracterizar as partidas consideradas “verdadeiras batalhas” pelos times do Sul.

3.7 A conquista da América: o jogo final contra a tradição uruguaia

A partida final da competição intercontinental ocorreu contra o Peñarol, do Uruguai, no Estádio do Olímpico Monumental, em Porto Alegre. O jogo ocorreu no dia 28 de julho daquele mesmo ano. Os portões do estádio se abriram às 16 horas. Às 17 horas, o Olímpico Monumental estava completamente lotado para uma partida que começaria somente às 21h30min. O técnico do Grêmio, Valdir Espinosa, avalia o enfrentamento contra o Peñarol¹⁹: “Eles tinham muito mais camisa que o Grêmio em termos de conquistas²⁰ internacionais, em termos de conquista de Libertadores. Então, tinham muito mais experiência. Como diz o uruguaio, era um time copeiro. Mas a gente queria...”. É importante salientar que a idéia do “time copeiro” foi agregada ao vocabulário gremista, principalmente nos anos 90, período que trataremos a seguir.

O Grêmio iniciou vencendo ainda no primeiro tempo por um a zero. No final do segundo tempo, a equipe de camisas de listras verticais pretas e amarelas empata o jogo. A vitória começou após os 30 minutos do segundo tempo, como conta o volante China: “mas depois aconteceu aquilo que só acontece com o Grêmio, aqueles gols espíritas”, *diz* China ao referir-se ao gol de César, na etapa final da partida. O técnico do Grêmio conta o que se lembra do lance: “O Renato foi lá no fundo. Não sei como ele descobriu aquela jogada, não sei como ele levantou aquela bola... Eu digo que foi sem querer; ele diz que foi uma jogada genial (risos). [...] A imagem que eu tenho marcada é a do De Leon erguendo a taça com sangue correndo no rosto”.

O atacante Tarciso elege, a partir disso, outro “herói”, e ensina ao torcedor do Grêmio como deve tratá-lo:

O César, esse cara foi um herói. Ele foi um jogador que *o torcedor do Grêmio tem que tirar o chapéu e ajoelhar*. Nenhum outro jogador colocaria a cabeça naquela bola. O cara do Peñarol veio com a chuteira

¹⁹ As finais daquele ano foram disputadas em duas partidas. A primeira ocorreu no estádio Centenário, em Montevideu. O jogo terminou empatado em um a um. Os gols foram marcados por Tita, para o Grêmio, e Morena, pelo Peñarol. Caso a partida terminasse empatada em Porto Alegre, o regulamento da competição marcava um terceiro jogo, que seria disputado em um campo neutro, no caso, em Santiago, do Chile.

²⁰ O Peñarol já havia conquistado a Libertadores quatro vezes.

na cara do César. E ele fez o gol. Graças a Deus! Mas também se aquela chuteira pega na cara dele, ele nem saberia que tinha feito o gol. (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2009, s/p)

O jornal Zero Hora, em sua crônica sobre a final de Libertadores da América contra o Peñarol, do Uruguai, no dia 28 de julho de 1983, estampa em seu título “Na raça, Grêmio vence Peñarol e conquista a Libertadores”. O lide da matéria é carregado de adjetivos que colocam a vitória do clube sob um patamar de feito histórico: “Num jogo em que teve que superar o seu próprio nervosismo e alguns erros, mas com uma atuação em que sobrou coragem e Heroísmo para todos os seus jogadores”.

3.8 Na prorrogação: algumas considerações finais sobre 83

Tendo organizado e selecionado esses fragmentos, a partir dos materiais analisados em torno do Grêmio em 1983, percebe-se que determinadas modalidades enunciativas se repetem em torno do objeto futebol. Há, portanto, um movimento regular na forma como determinadas coisas são ditas e escritas sobre o time. Tudo o que se disse nos documentos, tratados aqui como monumentos, em relação ao futebol do Grêmio, parecem discursos contraditórios. Afinal, uns dizem que o clube teve “raça”, “dedicação”, “valentia”, “espírito de luta inigualável”, foram “heróis” e “força”. Por outro lado, outros dizem que o Grêmio foi “mágico”, “imprevisível”, “hábil”, “talentoso”, “genuinamente” brasileiro.

Enunciados dispersos no espaço e no tempo (ora expressos em 1983, ora expressos em 2009) fazem parte de um sistema de formação, que gira em torno do campo enunciativo do futebol, especificamente do Grêmio e do futebol brasileiro, ou seja, que gira em torno da prática do futebol brasileiro e gaúcho. Assim, até mesmo no não-dito pode-se inferir que o discurso gremista era pronunciado a partir de uma prática discursiva relacionada ao *futebol*, de modo mais amplo – seja ele o jogado no Rio Grande do Sul ou no Brasil. Percebe-se, assim, que essas enunciações fazem parte um sistema de formação, assim explicado por Foucault:

Esses sistemas [...] residem no próprio discurso; ou antes (já que não se trata de sua interioridade e do que ela pode conter, mas de sua existência específica e de suas condições) em suas fronteiras, nesse limite em que se definem as regras específicas que fazem com que exista como tal. Por sistema de formação, é preciso pois, compreender um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele preescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva.

Assim, parcialmente, essas enunciações em torno do Grêmio, pelo menos até aqui, parecem pertencer a um mesmo sistema que, no seu interior, permite o aparecimento, o reaparecimento de determinadas enunciações, às vezes, de forma metamorfoseada, em relação ao seu objeto (no caso, em torno do *futebol*). Ou seja, tudo o que foi dito sobre o Grêmio, sobre as suas conquistas, sobre as suas características, sobre a sua formação, sobre a sua identidade, faz parte de desse sistema. É importante fazer essa consideração na medida em que é somente em função de estar inserida e intimamente relacionada ao domínio das discussões sobre o futebol brasileiro que a formação que caracteriza peculiarmente o objeto discursivo "Grêmio", de 1983, pôde ser constituída. É somente porque dizem respeito, pois, a estes enunciados mais amplos, que aqueles, mais restritos, ligados à formação discursiva que erige o Grêmio neste período, ganham sentido. Afinal, Foucault ensina que:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 1986, p. 135).

Assim, toda a rede intrincada de discursos sobre o Grêmio multi-campeão de 1983 foi constituída dentro desse sistema que englobava diferenças entre "o futebol brasileiro" e o "futebol gaúcho", o que se dizia sobre o "futebol-arte" e suas diferenças em relação ao "futebol-força", o que se dizia sobre o que é "ser" gaúcho. É nesse sistema, nessa ordem discursiva, que é construído o discurso gremista, em 1983. Portanto, em minha análise, tudo o que foi dito neste momento preciso não constituiu o Grêmio como diferença. Não houve, portanto, uma diferença discursiva que constituía uma suposta singularidade gremista em relação aos demais. Tudo (ou quase tudo) o que se dizia sobre o

Grêmio, também era possível ser dito sobre o *Flamengo*, do Rio de Janeiro, ou, sobretudo, sobre o também gaúcho *Internacional*. O que se punha em marcha aqui, mesmo que dizendo respeito a enunciados que evocam a tradição gaúcha (que, por certo, não poderiam se referir a times que não aos do sul do país) visava, antes de mais nada, uma marca do *futebol* – e não propriamente de um time.

Para deixar mais claras as questões analíticas e metodológicas, apresentarei a partir de agora, a cada final de capítulo, uma tabela que busca tornar visíveis as palavras-chave das formações discursivas que se instituem em cada ruptura da história do time. A tabela abaixo, portanto, resume esse Grêmio de 1983. A construção contínua deste material gráfico ao longo do trabalho vai me permitir comparar o que foi dito sobre os *Grêmios* de 1995 e de 2005, os anos das rupturas que demarquei a título estratégico e metodológico.

| RUPTURAS DE UMA HISTÓRIA | 1983 | 1995 | INCLUSÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 | EXCLUSÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 | REPETIÇÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 |
|---|---------------------------------|-------------|--|--|---|
| Elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio | Heróis | | | | |
| | Raça | | | | |
| | Garra | | | | |
| | Talento | | | | |
| | Qualidade | | | | |
| | Time brasileiro | | | | |
| | Batalha | | | | |
| | Criatividade | | | | |
| | Força | | | | |
| | Técnica | | | | |
| | Representante do futebol Gaúcho | | | | |

4. ANOS 90, A “ERA FELIPÃO”: o surgimento do Grêmio “copeiro”, de “alma castelhana”, da “pegada”?

Recentemente, o jornalista da Zero Hora Diogo Oliver escreveu em sua coluna digital, reproduzida pelo site Esporte Brasil, um texto sobre as reformulações que o atual treinador do Grêmio, em 2009, Paulo Autuori, está fazendo na forma de jogar da equipe. O texto diz:

Paulo Autuori é um homem surpreendente. Antecipou a troca do 3-5-2 para o 4-4-2 – algo que era para ser uma transição lenta, como ele mesmo definiu ao chegar no Olímpico. Questionou o conceito de *pegada*, passando a defender o menor número possível de faltas cometidas – *o que é um sacrilégio em se tratando de Grêmio*. Muitos gremistas começam a desconfiar de seu consagrado treinador por conta disso (OLIVIER, 2009, s/p grifos meus).

As declarações do jornalista, do comentarista esportivo, de alguém que está autorizado a falar sobre futebol (porque detém o saber sobre ele), nos dá pistas de que o Grêmio de hoje não é mais o mesmo de 83. É diferente. Mas por quê? Ou melhor, quais foram as condições que criaram essa noção? Que tipo de transformação ocorreu nesse discurso? É importante observar que o

último jornalista fala em “conceito de pegada”, um verdadeiro saber em torno do futebol do Grêmio.

Aqui, neste capítulo, proponho-me a fazer o mesmo exercício que fiz no capítulo anterior: o de descrever os acontecimentos históricos e os discursos sobre o Grêmio, nos anos 90, especialmente em 1994 e 1995. O recorte foi escolhido em função do segundo título do Grêmio da Libertadores – mas não apenas por isso, mas porque vejo, também neste momento preciso da história do time, uma nova articulação discursiva e, com isso, a construção de um novo objeto discursivo (um outro Grêmio). Farei o mesmo com outros discursos sobre o clube, a partir de Damo, quando assinalo o que se dizia sobre o futebol nacional, na época. Logo após, descrevo, a partir dos textos inscritos nas páginas do jornal *Zero Hora e Correio do Povo*, a visão dos jornalistas sobre a equipe do Grêmio, nos anos 90 – equipe que conquistou, sob o comando de Fábio Koff e Luiz Felipe Scolari, a hegemonia do futebol nacional nesse período.

Numa primeira seção, trabalho com a mudança estrutural do futebol brasileiro no início dos anos 90, período no qual houve investimentos de algumas empresas multinacionais em determinados clubes, especificamente na *Sociedade Esportiva Palmeiras*, clube do estado de São Paulo – o que inaugurou o chamado futebol-empresa. No entanto, no Rio Grande do Sul, o Grêmio seguia apostando na forma de fazer futebol tradicional, ou seja, buscava nas suas categorias de base²¹ (e não nas somas vertiginosas de patrocínios) a solução para o time principal. De outra parte, apostava em lideranças fortes e identificadas com o futebol do Rio Grande do Sul, como o técnico Luis Felipe Scolari.

Essa política de futebol acabou tornando o Grêmio um dos maiores vencedores na década de 90, ao lado do Palmeiras e do São Paulo, mesmo com baixos investimentos em futebol, ao contrário dos demais clubes. E é justamente este elemento que permitiu que o time do Grêmio fosse visto e narrado, também aqui, como uma equipe de muita “garra”, “raça” e “atitude” dentro de campo: o chamado “time copeiro”.

²¹ Os clubes do Rio Grande do Sul, especialmente, o *Sport Clube Internacional* e o *Grêmio* adotam como política de gestão investir na formação de jovens jogadores. As chamadas categorias de base são aquelas divididas nas seguintes classificações (feitas por idade): Infantil, Juvenil e Juniores.

Entendia-se que as vitórias do Grêmio não se justificavam pela sua qualidade técnica, mas, sobretudo, pela “entrega” dos jogadores em campo. Esse discurso, às vezes propalado pelos seus dirigentes, acabou instaurando no Estádio Olímpico e na sua comunidade uma marca: o time de “alma castelhana”, o Grêmio da “pegada”.

Estou afirmando, portanto, que essa é a segunda ruptura gremista: uma ruptura que oportunizou a transformação radical de um sistema discursivo em torno do clube que não o diferenciava dos demais clubes brasileiros e que era formado por enunciados que faziam parte da linguagem do futebol (mas um futebol aqui, agora, “empresarial”, mesmo que em contraposição a ele). O momento histórico nos quais emergiram condições de possibilidades para que o Grêmio adquirisse uma singularidade discursiva, que o diferenciasse dos demais é, sim, marcado por essa transformação, presente neste período que descrevo a seguir.

4.1 A contemporaneidade *versus* a tradição

Se no início dos 80 o Grêmio conquistou suas maiores glórias como clube, foi nos anos 90 que estabeleceu um maior número de campeonatos em seqüência: uma Libertadores, um Campeonato Brasileiro e três conquistas de Copa do Brasil. Não há como negar que foi nesse período que houve uma hegemonia gremista no futebol nacional. Paradoxalmente, nesse período também ocorreu a primeira queda do time para a segunda divisão do futebol brasileiro, um verdadeiro drama para os gremistas, em 1991.

Se no Rio Grande do Sul, o Grêmio retomava um caminho de vitórias nacionais e internacionais, deixado de lado após a vitória em Tóquio, em 83, no âmbito mundial, a seleção brasileira, por seu turno, recuperava também sua hegemonia no futebol internacional, conquistando, em 1994, o seu quarto título mundial, nos Estados Unidos. Um título contestado por parte da imprensa, como demonstrei no segundo capítulo desta dissertação, por ter sido conquistado a partir de uma noção mais “pragmática” de futebol: um futebol de resultados, como classifica o seu próprio treinador Carlos Alberto Parreira, em

suas entrevistas. Trata-se de um futebol que se contrapunha àquele do futebol-arte, da “malemolência” do brasileiro; um futebol cujo símbolo se tornara o capitão Dunga, um volante com muitas “virtudes”, de “raça”, de “valor”, mas de pouca “criatividade”, enfim, um volante “gaúcho”.

Ao mesmo tempo, um novo fenômeno ocorria no Brasil: uma espécie de modernização do futebol brasileiro com investimentos astronômicos nos clubes do futebol nacional, principalmente paulista. Inaugura-se a fase do clube-empresa (muito fortemente no Brasil, pelo Palmeiras). O clube de São Paulo recebeu aportes financeiros astronômicos da empresa italiana Parmalat, que passou a gerir o departamento de futebol do clube – uma quebra de paradigma dentro das tradições clubísticas e associativas do futebol nacional, como conta Damo.

O Palmeiras, representante da modernidade ou, talvez, da pós-modernidade do futebol brasileiro, em co-gestão com uma multinacional, a Parmalat. O clube paulista formou uma equipe “millionária”, contratando jogadores formados por outros clubes e que compunham a base do selecionado brasileiro. Os resultados foram imediatos, embora circunscritos à esfera nacional. A “academia palmeirense”, comparada aos tempos de Ademir da Guia e Leivinha, era comandada por Wanderley Luxemburgo e seus métodos de auto-ajuda e de psicologia aplicada, as últimas do futebol brasileiro (DAMO, 1997, p. 157).

A descrição de Damo nos auxilia a mostrar alguns dos discursos que dominavam as discussões em torno do futebol brasileiro na época. O título mundial de 94 da seleção brasileira foi, talvez, o início de uma “nova era”, uma nova perspectiva para o futebol nacional. A vitória de um discurso cuja defesa era a “eficiência”, o “resultado”, como se refere Damo quando afirma que o técnico do Palmeiras se utilizava “das últimas do futebol brasileiro, a psicologia aplicada e a auto-ajuda”.

Nesse campo, onde se abandona, pelo menos em parte, a defesa da criatividade, do “futebol-arte”, como base para a vitória, no Rio Grande do Sul, o Grêmio, de Fábio Koff, começa a montar uma equipe que somente iria parar de conquistar títulos nacionais e internacionais em 1997, quando encerra sua “época de ouro dos anos 90”, com a conquista de sua terceira Copa do Brasil²².

²² O Grêmio conquistou quatro vezes a Copa do Brasil. Os títulos ocorreram nos anos de 1989, 1994, 1997 e 2001. O time também disputou outras três finais: em 2001, perdeu para o Criciúma, treinado pelo Luiz Felipe Scolari; em 1993, para o Cruzeiro, de Belo Horizonte; e para o Corinthians, em 1995, em pleno estádio

A lógica da montagem daquela equipe era contrária à dos clubes de São Paulo e Rio de Janeiro, que contratavam grandes craques nacionais e traziam de volta os que estavam jogando nos clubes europeus. O Palmeiras, com a sua parceira Parmalat, por exemplo, contratara jogadores como Mancuso, volante da seleção Argentina, e tinha em seus quadros jogadores como Zinho, Muller e, como técnico, Carlos Alberto Silva, um ex-treinador de seleção brasileira.

Aqui, no Rio Grande do Sul, Fábio Koff apostava nas chamadas “soluções caseiras”, uma maneira barata de montar uma equipe de futebol. Ou seja, apostar nas categorias de base e nos jogadores formados “em casa”. Para comandar esse trabalho, o presidente campeão do mundo em 83 resolveu apostar numa velha fórmula: em um treinador emergente e jovem (como apostara em Valdir Espinosa, em 1983). Assim o fez, contratando Luiz Felipe Scolari, um gaúcho de origem italiana, ex-zagueiro do Caxias, time do interior do Rio Grande do Sul, e conhecido pelo seu “aguerrimento” em campo. A equipe, como era o projeto de Fábio Koff, tinha como prioridade, em 1994, vencer a Copa do Brasil, para chegar, em 1995, a mais uma Libertadores da América, competição, como classifica Damo, como a “Meca” dos gremistas.

No gol, um jovem goleiro, Danrlei que, talvez, após Renato Portaluppi, seja o maior ídolo da torcida gremista na modernidade. Para se ter uma idéia, dos onze jogadores titulares de 1994, seis eram formados pelas categorias de base do Grêmio. Portanto, conheciam as “tradições” do Grêmio. Eram eles: o goleiro Danrlei; o lateral-direito Ayupe, o lateral-esquerdo Roger; o volante Jamir; e os meio-campistas Emerson e Carlos Miguel. Os outros eram jogadores que estavam na reserva de seus times de origem (é o caso de Pingo, Paulão, Fabinho, Agnaldo, Fabinho e Nildo).

Naquele ano, o Grêmio se tornou bicampeão da Copa do Brasil de forma invicta. O texto publicado no *site* do clube descreve a campanha:

Olímpico. A Copa do Brasil foi uma competição criada pela Confederação Brasileira de Futebol, em 1989, para atender aos interesses das federações de futebol da região norte do Brasil, pois os seus clubes associados estavam sem vagas no Campeonato Brasileiro. O modelo de competição é o de Copa (ou mata-mata, na linguagem da imprensa e popular), isto é, os clubes se enfrentam em dois jogos. Cada partida é realizada nos respectivos estádios. O vencedor do confronto é aquele que conquista mais pontos ou que marca mais gols na casa do adversário. O modelo é idêntico ao aplicado, a partir da segunda fase dos campeonatos mundiais entre seleções, ou mesmo da Libertadores da América, em sua segunda fase.

Das seis edições da Copa do Brasil disputadas até então, o GRÊMIO mostrou a sua força "*copeira*" ao chegar em cinco finais. E foi em 1994 que o GRÊMIO chegou ao Bicampeonato de forma *impecável*: seis vitórias e quatro empates. Como em 89, o tricolor conquistou a Copa do Brasil *invicto*. Foram treze gols a favor e apenas três contra, onde o GRÊMIO teve pela frente adversários de tradição como o Vasco, Corinthians e Vitória. A final foi contra a forte equipe do Ceará. Um time que *iluminou*, entre outras, equipes como Palmeiras e Internacional. No primeiro jogo das finais, em Fortaleza, um difícil empate em 0 X 0. Em 10 de agosto de 1994, a segunda partida da final contou com um estádio lotado de apaixonados gremistas que viam nesta decisão a possibilidade de disputar mais uma Libertadores. E o GRÊMIO não decepcionou o seu torcedor. Logo aos 3 minutos o "*matador*" Nildo marcou o gol do título, definindo o placar em 1 X 0. O GRÊMIO era mais uma vez Campeão da Copa do Brasil, garantindo sua participação na Libertadores (GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE, 2009d, s/p, grifos meus).

É possível destacar uma referência do próprio clube à sua "força copeira", uma denominação ao time que praticamente vence todas as competições, cuja metodologia é o do "mata-mata", mas que, sobretudo, tem "alma castelhana". Em excerto trazido no capítulo anterior, apenas para lembrar, Valdir Espinosa, o técnico do Grêmio "campeão de 83", faz uma referência ao Peñarol, do Uruguai, como time copeiro, "como os uruguaios chamam", em função de os adversários ostentarem, até o enfrentamento com o Grêmio na final de Libertadores de 83, quatro títulos.

O Grêmio de 1994 era, em certa medida, uma tentativa de repetição da equipe de 1982 e 83. Até mesmo porque o homem que comandava a gestão do clube era o mesmo, Fábio Koff. O estilo de futebol, no entanto, mudara. Afinal, o chamado "estilo gaúcho" de jogar estava consagrado como a conquista do Mundial de 1994 pela seleção brasileira, o "futebol de resultado". Quem ergueu a taça de campeão mundial, naquele ano, foi Dunga, "o Capitão do Tetra"; quem defendeu dois pênaltis na final contra a Itália foi Taffarel, goleiro gaúcho, do *Sport Clube Internacional*. O futebol "genuinamente gaúcho" estava em alta, mas também com contestações dos adeptos, sempre existentes, do futebol-arte, como demonstrado no segundo capítulo.

O ano de 1995 chegou e Fábio Koff partiu para contratações pontuais para a Libertadores da América. Trouxe dois jogadores "castelhanos", ambos paraguaios: o zagueiro Rivarola (um zagueiro muito forte e conhecido por

“chegar junto”²³ durante o jogo) e o lateral-direito Arce (este conhecido por sua habilidade e seu cruzamento exemplar para dentro da área).

No Vasco da Gama, o presidente Fábio Koff, e o seu vice de futebol, Luís Carlos Silveira Martins, conhecido como Cacalo, foram buscar o centro-avante Jardel. O jogador não podia entrar em campo no estádio de São Januário²⁴, que era vaiado pela sua torcida. No Flamengo, foi buscar um atacante também reserva, magro, mas muito rápido: Paulo Nunes.

Do São Paulo, clube paulista que havia conquistado um título mundial interclubes no início dos anos 90, trouxe dois jogadores campeões: Dinho (um volante nordestino, conhecido pela sua habilidade no passe, mas classificado pela imprensa como um jogador violento) e Luis Carlos Goiano (jogador cuja característica era a marcação). Outro jogador que foi contratado foi Adilson, que posteriormente ficou conhecido como “capitão América”, um símbolo da futura conquista gremista. Adilson tinha jogado no *Sport Clube Internacional*, mas havia, meses antes, se transferido para o futebol mineiro.

O restante do time era formado por jogadores que vieram das categorias de base do clube, como Carlos Miguel, Arilson e Emerson, que, no início da temporada, em um jogo amistoso contra o Brasil de Pelotas, sofreu uma grave lesão no joelho direito, após sofrer uma pancada muito forte do zagueiro adversário. O jogador ficou praticamente todo o ano afastado do grupo principal dos jogadores que iriam enfrentar as seguintes competições: campeonato brasileiro, regional, Copa do Brasil e Libertadores da América²⁵.

Enquanto o Grêmio forjava um “time barato”, o Palmeiras, da Parmalat, da co-gestão, da “globalização”, montava um time milionário, formado por jogadores de seleção brasileira como Cafu, Antônio Carlos, Roberto Carlos, Rivaldo e até mesmo o volante titular da seleção argentina Mancuso, além de nomes como Muller, Flávio Conceição e Válber – todos considerados “grandes jogadores”. O time do Parque Antártica era conhecido como “Academia Palmeirense”, uma referência à equipe vencedora formada entre os anos 60 e 70 pelo Palmeiras, caracterizada por praticar um futebol de alta técnica.

²³ No linguajar do futebol a expressão se refere à atitude do jogador que marca forte os seus adversários e até, quando necessário, usa de certa violência.

²⁴ Nome do estádio do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro.

²⁵ Competições que faziam parte do calendário da Confederação Brasileira de Futebol na época.

Era mais uma vez o confronto entre duas escolas de futebol; ou, mais do que isso, era o confronto entre a tradição do futebol gaúcho e a “nova era” do futebol nacional. O jornalista Dassler Marques, colunista do portal Terra, lembra os confrontos entre as duas equipes nos anos de 95 e 96:

Vanderlei Luxemburgo e Luiz Felipe Scolari eram tidos como os dois principais treinadores emergentes do cenário nacional dos anos 90. Luxemburgo, com sólida reputação, pavimentada por títulos no Parque Antártica, era estereotipado como moderninho. Felipão, que não usava ternos bem cortados e nem falava pausadamente, era venerado por tudo o que fazia com o copeiro time do Grêmio, embora enfrentasse alguma resistência em outras partes do país. Os dois criadores representavam o fiel retrato de suas criaturas. Palmeiras e Grêmio eram as duas potências vencedoras do futebol nacional dos anos 90, passada a fase hegemônica do São Paulo de Telê Santana. As partidas decisivas, travadas em 95 e 96, foram provavelmente as que mais marcaram a década do esporte no país. Mais do que um confronto de escolas, eram verdadeiras batalhas, onde a hostilidade muitas vezes transpunha os quesitos técnicos. Neste cenário, e especialmente em jogos de mata-mata, era natural que os resultados pendessem a favor dos gremistas. Brigador e com alma copeira, o tricolor gaúcho empregava os seus recursos como maior autoridade, tendo abalado a reputação palmeirense em três dos quatro duelos que marcaram o biênio 95-96. Vale ressaltar que Vanderlei Luxemburgo, em 1995, não estava no Palmeiras, tendo saído em 94 e retomado em 1996 (MARQUES, 2007, s/d).

A análise do jornalista é importante aqui, mesmo que realizada em 2007, porque mostra, de modo exemplar, a forma como os dois times eram narrados nos anos de 95 e 96. O Grêmio era o time “copeiro”, “forte”, “brigador”; era o time do “Felipão”, um homem que não falava “pausadamente”, não usava termos “bem cortados”, mas abrigos esportivos para comandar os seus jogadores à beira do campo. Do outro lado, estava um time que foi montado e forjado por Vanderlei Luxemburgo: um técnico que representava a modernidade do futebol brasileiro, sempre de terno, de fala mansa, e utilizando-se da psicologia aplicada como estratégia para conduzir a sua equipe às vitórias. Um confronto de escolas, como o próprio jornalista refere-se no seu texto.

Uma dessas “batalhas” ocorreu no Estádio Olímpico”, em Porto Alegre, pela Libertadores da América. O jogo terminou 5 X 0 para o Grêmio. O jornal Zero Hora usa como título da matéria a seguinte afirmação: “Grêmio humilha o

Palmeiras em jogo tenso”. A linha de apoio²⁶ ao título reafirma: “O time gaúcho superou a violência dos paulistas e venceu de goleada, num jogo de muita briga e três expulsões”.

Foi uma noite *histórica*. Diante de um time que se orgulha de ser quase uma seleção, o Grêmio *arrasou*. Goleou o Palmeiras por 5 a 0, ontem à noite, no estádio Olímpico, pelas quartas de final da Copa Libertadores da América, e pode até perder por quatro gols, na revanche, na quarta-feira, em São Paulo. O Palmeiras precisa vencer por cinco gols de diferença para levar a decisão para os pênaltis – quase um milagre – mas não terá os atacantes Rivaldo e Válber, expulsos ontem. O Grêmio, pelo mesmo motivo, ficará novamente sem o volante Dinho. Já aos 14 minutos do primeiro tempo, o Palmeiras ficou com 10 jogadores, quando Rivaldo foi expulso por causa da falta do zagueiro Rivarola. Mas a grande confusão começou aos 25 minutos: enquanto Carlos Miguel se preparava para cobrar um escanteio, o meio-campo Dinho, do Grêmio, derrubou Válber, do Palmeiras, com uma cabeçada e Válber acertou Dinho com um soco no supercílio. O auxiliar Paulo Jorge Alves viu tudo e contou ao árbitro Cláudio Cordeira, que determinou mais duas expulsões. Quando ia recomeçar o jogo, Dinho e Válber se encontraram atrás do gol de Danrlei na saída para os vestiários, e começaram uma briga que envolveu os dois times, os policiais e os reservas. Depois de 13 minutos de interrupção, o Palmeiras perdeu a noção do jogo e *o Grêmio mostrou mais competência* para sair da confusão (ZERO HORA, 1995a, p. 84, grifos meus).

A descrição da partida implica a escolha de adjetivos específicos: “Foi uma noite *histórica*. Diante de um time que se orgulha de ser quase uma seleção, o Grêmio *arrasou*”. De acordo com a matéria, a vitória do Grêmio ocorreu em cima de um time que “se orgulha ser quase uma seleção”, um time entre os melhores jogadores do Brasil. Além disso, o texto expressa o nível de rivalidade que se estabeleceu entre as duas equipes naquele ano de 95.

Uma semana mais tarde, as duas equipes se enfrentariam novamente pela Libertadores da América, mas, desta vez, no Parque Antártica, estádio do Palmeiras. Como resultado, o Grêmio perdeu por 5 a 1.

Politicamente até o resultado foi correto. O Grêmio manteve a sua classificação e o Palmeiras resgatou a dignidade que deixara no Olímpico. De certa forma, o Grêmio *desforra-se* do Corinthians, para quem perdeu a Copa do Brasil, destinando-lhe para o final do Campeonato Paulista um Palmeiras reconciliado consigo mesmo. Mas não era essa tarefa que lhe cumpria realizar em São Paulo. A goleada que sofreu confere-lhe vexame não inferior ao dado pelo Palmeiras em Porto Alegre. O Grêmio doutrinou-se para *não revidar, não reclamar, não ba-*

²⁶ É a técnica utilizada pelos jornalistas para ampliar as informações do título e resumir, em poucas palavras, o acontecimento.

ter, e pelo tamanho da dose, acabou também não jogando (CARLET, 1995, p. 84, grifos meus).

Destaco, no texto do comentarista esportivo, as palavras “dignidade”, “desforra”, “vexame”, “revidar” e “bater”: uma linguagem que não leva em conta a tática, a técnica, mas sim valores de outra ordem. Trata-se de referenciais que estão no nível da “atitude”, dos valores do homem diante das dificuldades, de “ser homem”. O futebol, dito desta forma, não é apenas uma partida, já que o que está em jogo também são valores morais como dignidade, coragem e, até mesmo, sentimentos de vingança.

4.2 O professor manda: “Se agente não faz assim, eles não jogam”

Dias mais tarde, o Grêmio iria enfrentar o *Sport Clube Internacional*, o maior rival, no clássico que iria decidir o título regional. Ao contrário de 1983, quando o Grêmio disputou todo o campeonato gaúcho com o time reserva, alegando que estava se preparando para enfrentar o Hamburgo, em dezembro, dessa vez, mostrava interesse pela competição regional.

Contudo, antecipadamente, o time criou estratégia para, em caso de derrota, justificar-se perante seu torcedor: Luiz Felipe anunciou uma equipe com sete jogadores que não estavam atuando pela Libertadores da América – competição considerada superior pela sua direção e, é claro, pelos jornalistas e pelos torcedores. Deste modo, uma derrota para o Internacional com o time titular poderia “enfraquecer” a equipe para os demais jogos da competição continental. O time escalado foi denominado “Banguzinho” pela direção gremista (integrada por Luís Carlos Silveira Martins, vice-presidente de futebol, e Fábio Koff, presidente do clube). O colunista e editor de esportes do jornal *Correio do Povo*, Hiltor Mombach, apresenta a estratégia em sua coluna.

Sete dos 11 jogadores que o Grêmio utilizará amanhã para começar o Grenal foram contratados para disputar os vários campeonatos que o Grêmio estava, está e estará envolvido. O diminutivo (Banguzinho) sugere um time de garotos ou de jogadores oriundos das categorias inferiores. Não é. Este “Banguzinho” enfiou 4 a 0 no Juventude em 120 min. Como se sabe, o Ju[ventude] não perdeu para o Inter este ano. Em quatro jogos, venceu três. Sílvio, Gerson, Rivarola, Goiano, Alexandre, Mancini e Marco Antônio são os sete contratados. Com exceção do bom goleiro Sílvio, os demais já atuaram na equipe princi-

pal, assim como, também, Nilson, Márcio, Scheidt, e Arílson, que completa a equipe do Grenal. Como se vê, há um exagerado de chamar este Grêmio de Banguzinho, um exagero proposital, de quem quer vencer o clássico, mas, em caso de derrota, terá antecipado a desculpa (MOMBACH, 1995a, p. 33).

Usando ou não seu “verdadeiro” time, o Grêmio venceu a partida do Inter por dois a um. A matéria de abertura do dia seguinte do Caderno de Esportes de *Zero Hora* tinha o seguinte título: “Estilo Luiz Felipe se consagra no final” – não é, portanto, o estilo “gaúcho”, mas o estilo de Luiz Felipe. A matéria, ainda, fala de um estilo que inaugura um novo jeito da equipe jogar, de “marcação forte” e “vigor em cada disputa de bola”.

O Grêmio jogou a última partida do Gauchão de 1995 como *manda Luiz Felipe*: marcando forte o meio-campo, atacando com perigo pelas laterais e disputando cada jogada com vigor. Por várias vezes, o técnico gremista abandonou o reservado. Da beira do gramado, *o exigente Luiz Felipe gesticulou e gritou com os jogadores toda a partida. “Se a gente não faz assim, eles não jogam”*, disse depois do jogo. [...] Para o treinador, a taça de campeão gaúcho representava muito mais que uma vitória sobre o rival. “Foi o *título da superação*”, acrescentando que o time do Grêmio não tem estrelas nem craques. O mérito da equipe gremista: “O nosso time é modesto, mas *trabalhamos muito o moral dos jogadores, mostramos que devemos trabalhar com seriedade*” (ZERO HORA, 1995b, p. 06).

Os títulos de campeão da Copa do Brasil, de 1994, o vice-campeonato, em 95, na mesma competição, a boa campanha da Libertadores e o título regional daquele ano, da forma como narrados e tecidos, conferiam mais do que competência ao técnico do Grêmio. A imprensa passou a falar sobre “Felipão” como se fosse ele o grande responsável pelas vitórias: “O time jogou como manda Luiz Felipe”. Tal enunciação demonstra que o treinador tinha a competência de dizer como os seus jogadores deveriam se comportar em campo, seja de forma tática, “marcando forte”, ou em atitude “com muito vigor”. Essa era a lição de casa – como se o treinador do Grêmio exercesse naquele momento a função de “mestre”, de “professor”.

O texto jornalista descreve quase uma metodologia de Luiz Felipe para “comandar” a sua equipe: “Da beira do gramado, o exigente Luiz Felipe gesticulou e gritou com os jogadores toda a partida”. O mais interessante é a resposta do treinador, que explica o seu método: “Se a gente não faz assim, eles não jogam”. Essa ação pedagógica, na beira do Gramado, diante de milhares,

pode ter criado uma idéia, inclusive para seus torcedores, de que os jogadores do Grêmio venciam os seus jogos “à base do grito”. Trata-se do Grêmio da força, do comando (seja ele à beira do campo ou mesmo do comando da torcida, como cita o jornalista Alberto Helena Júnior, quando se refere à força do Estádio Olímpico, à força da torcida, em seu depoimento, anos mais tarde, na *Sport TV*, como fiz referência, no início deste capítulo).

Uma matéria especial publicada no dia 15 de agosto pelo jornalista Juan Domingues em Zero Hora configurava-se quase que com um “manual de como vencer”: como Luiz Felipe conseguiu levar o Grêmio a diversas finais das competições nacionais nos últimos dois anos? O texto e o título falavam em planejamento e projeto. O Grêmio, para a imprensa, ao mesmo tempo que apostava em “tradição” ao montar uma equipe “caseira”, modernizava a sua forma de *gerenciar* o futebol. Termos como “projetos” e “planejamento”, característicos do mundo contemporâneo, compunham também o discurso Olímpico. O jornalista faz a seguinte leitura do trabalho do treinador:

O técnico de pouca fala e sorriso reservado começou 1994 impondo seu estilo de trabalho. Levou de casa para o Olímpico o *espírito de organização e planejamento* que rege a sua vida em família. Teve tempo para trabalhar. Em sintonia com a diretoria, montou em dois anos uma *equipe aplicada*, formada por jogadores experientes e jovens revelados nas categorias de base. “Tive tempo e isso é fundamental para se chegar a algum lugar no futebol”, ensina (DOMINGUES, 1995, p. 81, grifos meus).

Assim, entram em ação também outras enunciações como o “espírito de organização e planejamento que rege a sua vida em família”. Uma pedagogia que mostra que estão na família tanto a disciplina como os valores morais que devem reger uma *equipe dedicada e coletiva*.

4.3 O time da “determinação”, da “superação”

O que Luiz Felipe inaugurou no Olímpico foi um discurso em torno de como o Grêmio deve jogar futebol: de forma “coletiva”. Os jogos, para ele, têm de ser vencidos na “superação”. É um time “sem craques”, um time “modesto”, quase “ruim”, que deve correr ainda mais para ganhar as suas partidas. Ele também dá lições de profissionalismo, quando afirma que seus joga-

dores devem ter sempre “seriedade”. Fala em moral, segurança. Uma verdadeira pedagogia da vitória, erigida a partir de lógicas ironicamente também empresariais. Um time que ele afirma não ter craques, portanto, não faz parte do futebol-arte, é “modesto” mesmo.

Três dias mais tarde, o Grêmio confirma a sua classificação para a final da Libertadores daquele ano ao bater o *Emelec*, do Equador, por dois a zero, no Estádio Olímpico. Hiltor Mombach fez o seguinte comentário a respeito do desempenho da equipe “modesta” do Grêmio:

Não me falem mais que o Grêmio só possui uma jogada, pelas pontas. Pelo amor de Deus, não tentem mais, que eu acredito neste falso conto de que o time do competente Felipão é feito só de bolas alçadas. Até os 30 minutos da partida de ontem contra o Emelec o time pressionou mais pelas pontas, mas como a jogada não rendia o fruto necessário, o gol, mudou a estratégia e o que você viu, torcedor? Viu Paulo Nunes e Jardel tabelando pelo meio de forma brilhante num primeiro gol onde pintou até calcanhar e, depois, também pelo meio, Jardel, recebeu de Arílson para despachar os equatorianos. O Grêmio, que fez o bom Emelec uma presa fácil, matando-a no primeiro tempo, este Grêmio tem pinta de campeão. Venha quem vier (MOMBACH, 1995b, p. 33).

O depoimento do cronista mostra outra visão em torno da equipe do “competente” Felipão. Um time que não permite que o adversário ataque o seu gol, mas que também possui qualidade para modificar sua estratégia dentro de campo: um time, portanto, relativamente “flexível”. O interessante, no entanto, é a visão de que as vitórias conquistadas pelo Grêmio são frutos de estratégia, de marcação, e não da qualidade técnica, embora “pinte até calcanhar” em algum lance.

Uma semana depois de eliminar a equipe equatoriana na semifinal, o Grêmio recebia, no Olímpico, o Nacional, de Medellín, da Colômbia, para a primeira partida da final da Libertadores. Na ocasião, a equipe venceu por três a um. O jornal *Correio do Povo* tramava, com outros personagens, os sentidos em torno do Grêmio e do que o esperava: veiculava uma matéria na qual havia o depoimento do então Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, torcedor gremista, que elogiava a campanha do Grêmio, mas previa

uma “grande batalha”²⁷ para o jogo, que ocorreria uma semana depois, em Medellín. Luiz Felipe, na mesma matéria, dizia que estava contente pela “determinação” de sua equipe. O vice de futebol, Luís Carlos Silveira Martins, falava em “superação para o jogo da volta”.

4.4 A reconquista da América: reaparece o “Grêmio heróico”

O título que estava na capa de Zero Hora no dia 30 de agosto de 1995, data da decisão contra o Nacional de Medellín, era “A batalha de Medellín”. Na abertura da edição de esporte, encontra-se o seguinte título: “Grêmio usa garra para anular o toque de bola do Nacional”. No dia seguinte, posterior à partida em que o clube conquistou o empate em um a um contra os colombianos e conquistou o título, a manchete de Zero Hora é assertiva: “O Grêmio está em Tóquio” – uma referência à sua segunda disputa do título mundial, disputado na capital japonesa, o grande sonho dos gremistas. O Correio do Povo abria a sua edição de esporte com a seguinte descrição: “Com uma atuação de força e determinação, o Grêmio conquistou o bicampeonato da Libertadores ao empatar em 1 a 1 com o Nacional, ontem à noite, em Medellín”.

Novamente reaparecem, como em 83, adjetivos como “heróico” e “batalha”, porém agora agregados a outros ditos como “forma” e “determinação”, características reforçadas pela direção gremista, pelo seu treinador e posto em circulação e assimilados pelo discurso jornalístico da imprensa. Por mais que se trate de uma repetição, é importante lembrar que, graças às novas articulações nas quais estão intrincados, os mesmos adjetivos agora tecem outros e novos sentidos sobre o clube. Graças, portanto, à nova roupagem que assumem – porque inseridos em outra lógica –, tais termos produzem outros e novos efeitos discursivos.

Em entrevista ao jornal Zero Hora, dias mais tarde após a conquista, Luiz Felipe deixava claro que sua concepção de futebol está baseada na “força”, na “pegada”, um “estilo gaúcho” de se jogar futebol. Reproduzo, agora, parte

²⁷ Trata-se da matéria publicada na contra-capas do Correio do Povo no dia 24 de agosto de 1995, cujo título é “Governador prevê batalha”.

da entrevista concedida ao jornalista Silvio Ferreira, de Zero Hora, selecionando uma pergunta do repórter e a conseqüente resposta do treinador:

ZH – Os colombianos comentaram que o Grêmio é o time menos brasileiro que já enfrentaram. Você concorda?

Luiz Felipe – Para mim isto é um elogio. A seleção brasileira tetracampeã não tinha um estilo de que todos os brasileiros gostavam e, no entanto, conquistou o título. O Grêmio também entra nesta mesma concepção. *Traçou um objetivo e está tentando cumpri-lo até o fim.* Estamos no meio do ano e já conquistamos dois títulos: o campeonato gaúcho e a Libertadores da América. É um estilo de muito conjunto, força, imposição física. Características das equipes do sul do Brasil (FERREIRA, 1995, p. 65, grifos meus).

A concepção que Luiz Felipe revela na entrevista é a reafirmação do futebol de resultado, o chamado futebol-força, contrário à idéia do futebol-arte, e próximo ao “estilo gaúcho”. Ele fala em “conjunto”, “força” e “imposição física”: uma ruptura com o time que disputou a final do mundial de 1983. Também se pode perceber, na entrevista, que o jornalista coloca em circulação outra visão que surgia: “Os colombianos comentaram que o Grêmio era o time menos brasileiro que eles já enfrentaram”.

Na mesma entrevista, o repórter fez referência aos jornalistas dos outros estados que caracterizavam o Grêmio com um time “violento”, mas que, após a conquista, já enxergavam competência no time do Grêmio. O Grêmio, portanto, já não era “tão” brasileiro quanto os outros. Era um time diferente, que ganhava na base da força, da imposição física, com aplicação, com atitude do futebol gaúcho, mas também com competência e, não com qualidade, no sentido da criatividade brasileira, do futebol-arte.

O jornalista Paulo Sant’Ana, em sua coluna após a conquista da Libertadores de 1995, mostra como o torcedor do Grêmio estava pensando o seu clube.

Ganhar uma Libertadores já parecia inacreditável para o gremista. Duas então, era uma utopia. Incrivelmente realizada. Quase não dá para crer. Eu estava lá e vocês viram pela televisão. [...] Como é grande o Grêmio! É do tamanho da América. É bravo e resistentes como os índios americanos e o negro cativo que enriqueceu com seu trabalho esta América florão do mundo. Grêmio e América são palavras casadas agora, inseparáveis. Acorda da glória, Cristovão Colombo, o grande descobridor! Abre os olhos, sai da eternidade, e verás

que o continente que desvelaste saúda o Grêmio como seu mais recente e adorável dominador. Colombo, o Grêmio que agora te sucede no usufruto deste rico e alegre continente tem casualmente as três cores que simbolizam os melhores elementos da natureza desta terra americana: o preto do negro, que teve a pele ainda mais reluzente depois que veio da África para tornar a América musical e poética; o branco da neve das geleiras da Antártica; e o azul do céu tropical ou austral que cobre toda a extensão deste divino território abençoado por Deus. E administrado futebolisticamente pelo Grêmio (Sant'Ana, 1995, p. 91).

Se, em 83, Paulo Sant'Ana evocou as tradições gaúchas, os heróis farroupilhas, como está registrado no capítulo anterior, agora ele evoca outra discursividade: o Grêmio não é apenas gaúcho, farroupilha, brasileiro, mas dominador da *América*. As suas cores são representantes das melhores coisas "desta terra". Ele repete termos como "inacreditável", acrescenta "utopia", enunciações da ordem inexplicável, da falta de razão, e que dizem respeito a enunciados que fazem parte de um discurso místico-religioso. São outras enunciações que entram na ordem do discurso gremista, no sistema discursivo do clube, e que, para ter existência efetiva, não são mais repetidos apenas pelos torcedores, mas até mesmo pelos repórteres e comentaristas esportivos.

O que quero dizer é que, se em 1983 o Grêmio era um time brasileiro, que também tinha técnica, que representava o futebol gaúcho, que também era heróico, que participava de batalhas como a de La Plata, agora, a este (ou a outro) Grêmio, de 1995, são vinculados enunciados relativos à "força", "determinação", "trabalho coletivo", "superação", "disciplina", "competência", "pegada" e "copeiro". Trata-se de enunciados repetidos a todo instante pela mídia e pelos seus dirigentes, por jogadores, mas, sobretudo, pelo "comandante" Luiz Felipe Scolari.

Em 1995, o Grêmio não era brasileiro, era gaúcho, representante do futebol-força, da garra, da raça - adjetivos semelhantes àqueles utilizados a todo instante para classificar o futebol jogado pelos uruguaios e argentinos. Os termos "talento", "criatividade", "qualidade" estavam fora do sistema discursivo do Grêmio de 1995 (os mesmos que em 1983 eram plenamente admitidos). Houve, portanto, em 1995, se é que é possível marcar o tempo exato, uma transformação em relação ao seu discurso, ao que se dizia sobre time e o clube.

Obviamente, algumas das palavras-chave aqui em jogo não aparecem de forma aleatória ou mesmo acidental. “Trabalho coletivo”, “superação”, “disciplina”, “competência” são noções profundamente enraizadas numa lógica empresarial que marcava o período analisado (não apenas no futebol). Por mais que não fosse patrocinado por nenhuma grande empresa, por mais que estivesse “alheio” (em certa medida) às verbas astronômicas de patrocinadores “oficiais”, o Grêmio, ainda assim, estava inserido e respondendo a uma lógica neoliberal de mercado (mercado competitivo, em seu sentido mais literal). A “cultura da empresa” (BURCHELL apud PETERS, 1994, p. 220) que caracterizava (e caracteriza) o funcionamento deste “novo” Grêmio torna possível agregar a sentidos anteriormente articulados àqueles que visam, supostamente, a excelência, o melhor desempenho. Tal cultura não está restrita ao futebol, muito menos, dentro dele, aos times patrocinados por grandes multinacionais, mas, antes disso, ela diz respeito à “institucionalização do jogo da empresa como um princípio generalizado de organização da sociedade como um todo” (PETERS, 1994, p. 220). O que merece ser destacado é o modo como tal funcionamento, no caso do Grêmio, é ofuscado, em especial, pela contraposição a times que respondem a ele (ao funcionamento) de forma mais explícita – como é o caso do Palmeiras.

Ao contrário, parece que a estratégia é autoral e porta um nome: Luiz Felipe Scolari. Contudo, trata-se de uma lógica que, igualmente, institui lugares precisos aos sujeitos. Ou seja, não é por acaso que o técnico aqui assume uma função estratégica essencial. As condições que permitem enunciar Luiz Felipe Scolari como grande “responsável” pelo conjunto de vitórias gremista se coadunam a “uma forma de individualismo que privilegia o sujeito racional, cognoscente, como a fonte de todo conhecimento, significação, autoridade moral e ação” (PETERS, 1994, p. 211-212). Isso implica o processo discursivo de tornar “natural”, “inerente” a um sujeito individual (um técnico de futebol, por exemplo) qualidades e atributos estruturados sob a égide desta “cultura da empresa” – ao invés de o sujeito ser aqui tratado como nada menos do que seu *efeito*. Nessa nova (e restrita) formação discursiva sobre o Grêmio, são visíveis, portanto, as “novas posições falantes de sujeitos” de que fala Peters

(1994, p. 216) e que, como diz o autor, a caracterizam enquanto tal, ou seja, enquanto formação discursiva.

No intuito de, talvez, deixar mais clara a minha conclusão, descrevo através de uma tabela, os sistemas enunciativos localizados nos textos que falavam sobre o Grêmio e sobre o futebol, agora traçando um paralelo entre 1983 e 1985. A tabela descreve os raros enunciados (embora em profusão e dispersão enunciativa) localizados nos textos que falavam sobre o Grêmio, seja nos jornais, nas revistas de circulação nacional, em *sites* de esportes, nos textos dos comentaristas de Zero Hora e Correio do Povo, nos depoimentos dos jogadores que participaram das decisões em documentários produzidos pelo próprio Grêmio, no *site* oficial do Clube, enfim, em diversos suportes de diferentes linguagens que utilizei (paralelamente ou não à análise).

| RUPTURAS DE UMA HISTÓRIA | 1983 | 1995 | INCLUSÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 | EXCLUSÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 | REPETIÇÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 |
|---|---------------------------------|--------------------------------|--|--|---|
| Elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio | Heróis | Heróis | | | Heróis |
| | Raça | Raça | | | Raça |
| | Garra | Garra | | | Garra |
| | Talento | Força | | Talento | |
| | Qualidade | Competência | Competência | | |
| | Time brasileiro | Gaúcho | | | Gaúcho |
| | Batalha | Futebol coletivo | Futebol coletivo | | Batalha |
| | Criatividade | Determinação | | Criatividade | |
| | Força | Batalha | | | Força |
| | Técnica | Representante do futebol-força | | Técnica | |
| | Representante do futebol gaúcho | Dominador da América | Dominador da América | | |
| | | | Pegada | | |
| | | Inacreditável | Inacreditável | | |
| | | Superação | Superação | | |
| | Copeiro | Copeiro | | | |

Percebe-se, a partir da tabela, que os sistemas enunciativos que se repetem entre esses dois períodos históricos dizem respeito às noções de “heróis”, “raça”, “força”, “gaúcho”, “garra” e “batalha”. Esse sistema em torno do clube lhe concede uma singularidade: o Grêmio é diferente dos demais clubes do futebol brasileiro, pois, para pertencer a este grupo, além de possuir raça e garra (elementos que compõem o sistema discursivo do esporte e do futebol, de forma mais ampla), um time precisa ter também qualidade técnica e talento. Contudo, tais atributos (técnica e talento) não são mais encontrados no final na metade da década de 90, quando se falava a respeito do Grêmio.

Ainda assim, permito-me inferir acerca da presença (e permanência) de dois termos: “heróis” e “batalhas”. Esses dois termos (e considerando, claro, todos os outros elementos que os permitem ganhar existência) entram no sistema discursivo em torno do clube em função de acontecimentos como as finais da Libertadores de 83 e do Mundial no mesmo ano e a decisão da Libertadores de 95. Parece-me, portanto, que a criação de uma possível singularidade discursiva gremista, sua tradição, a noção de torcida, só ocorreram em função das conquistas. Sem elas, não haveria história a ser contada. Sem essas narrativas, não haveria discurso singular. Em suma, sem essa construção (feita desta forma e não de outra), não haveria diferença. Afinal, o que se diz a respeito de um time sem (grandes) vitórias? Mais, o que se diz de um time sem que suas vitórias possam ser narradas como “grandes”? A história do Grêmio em 1983, como um clube gaúcho, já existia – afinal, ele já tinha conquistado vários títulos no Rio Grande do Sul (e já havia realizado, inclusive, várias vitórias sobre o seu arqui-rival, o *Sport Club Internacional*). Mas como diferenciá-lo do próprio Internacional, senão pela necessidade de outras conquistas?

Nessa análise, fica demonstrada a raridade enunciativa que compõe o universo discursivo em torno do Grêmio. A análise da formação discursiva se constitui justamente em determinar os enunciados que são significantes no conjunto do discurso sobre o time. Como explica Foucault,

Estudam-se os enunciados no limite que os separa do que não está dito, na instância que os faz surgirem à exclusão de todos os outros. Nem de reencontrar tudo aquilo que, neles e, ao lado deles, se havia calado ou sido reduzido ao silêncio. Não se trata tampouco de estudar os obstáculos que impediram tal descoberta, retiveram tal formulação,

recalcaram tal forma de enunciação, tal significação inconsciente, ou tal racionalidade em devir; mas de definir um sistema limitado de presenças. A formação discursiva não é, pois, uma totalidade em desenvolvimento, tendo o seu dinamismo próprio ou a sua inércia particular, carregando consigo, em um discurso não formulado, o que ela não mais diz, ainda não diz, o que contradiz no momento; não é uma rica e difícil germinação, mas uma distribuição de lacunas, de ausências, de limites, de recortes (FOUCAULT, 2009, p. 135).

O que estou fazendo é tentando limitar, definir o enunciado, ou, como diz Foucault (2009, p. 31), “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação”. Minha intenção é, em alguma medida, fixar os seus limites, analisar onde ele aparece, mostrar a sua correlação com outros enunciados a que pode estar ligado e, mais precisamente, verificar as ausências, os desaparecimentos e as nossas insurgências visíveis.

Não se busca sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão pertinente a uma tal análise poderia ser assim formulada: que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte? (FOUCAULT, 2009, p. 31).

A partir dessa idéia, dessa questão, parto agora para a terceira e última ruptura: o ano de 2005, quando o Grêmio disputou pela segunda vez o título da segunda divisão do futebol brasileiro. O clube foi personagem de um jogo histórico no dia 26 de novembro daquele ano, quando enfrentou o Náutico de Recife, em Pernambuco. Esse jogo rendeu ao Grêmio seu retorno à primeira divisão²⁸ do futebol brasileiro. A partida ficou conhecida como a “Batalha dos Aflitos”, em função de uma série acontecimentos classificados como extraordinários durante os mais de 90 minutos de jogo.

Nos textos que relataram esse jogo histórico vou tentar verificar que outros enunciados foram agregados, repetidos ou excluídos do discurso gremistas. O ano de 2005 é o período que marco como ruptura em função de que, no meu entendimento, ocorreu o surgimento da discursividade, hoje tão naturalizada, acerca da “imortalidade tricolor”. Mais uma batalha na vida do clube ou mais uma invenção na vida do Grêmio?

²⁸ A Confederação Brasileira de Futebol, entidade responsável pela organização do futebol brasileiro, na época, dividia as competições nacionais em três categorias: Série A, Série B e Série C. A Série “A” é tratada pela mídia esportiva como a primeira divisão do futebol brasileiro. Ela é composta pelos 20 clubes melhor classificados nas competições nacionais.

5. O RETORNO DO INFERNO: a configuração da imortalidade

O futebol brasileiro está comemorando. Quem ganha com o Grêmio na Série A são todos os apaixonados pelo futebol, porque futebol precisa de alma, de força, de raça. E isso o Grêmio tem de sobra. Parabéns, torcedor gremista.

Não bastava ser forte, aguerrido e bravo. Era preciso ser o Grêmio. O Grêmio teve garra, teve paixão, teve alma gaúcha. E a partir de agora retoma o seu devido lugar na elite do futebol brasileiro. Parabéns, tricolor e nação gremista. A Federação Gaúcha de Futebol se enche de orgulho e alegria por mais essa demonstração de força do futebol gaúcho.

O primeiro fragmento que trago para abertura deste capítulo faz parte de um texto encomendado pelo Clube dos 13²⁹ para ser publicado nos principais jornais gaúchos, em 2005, logo após a vitória do time contra o Náutico, de Pernambuco. A vitória do time recolocava o Grêmio em seu lugar de “hon-

²⁹ Texto do anúncio publicado pelo Clube dos 13 no jornal Correio do Povo, no dia 28 de novembro de 2005. A entidade é integrada pelos principais clubes brasileiros e foi criada no final da década de 80 para defender os interesses econômicos dos maiores clubes brasileiros. O presidente da entidade é justamente Fábio André Koff, ex-presidente do Grêmio. Originalmente, o Clube dos 13 é composto pelos seguintes times: Atlético Mineiro (MG), Bahia (BA), Botafogo (RJ), Corinthians (SP), Cruzeiro (MG), Flamengo (RJ), Fluminense (RJ), Grêmio (RS), Internacional (RS), Palmeiras (SP), Santos (SP), São Paulo (SP) e Vasco da Gama (RJ).

ra", ou seja, de volta à primeira divisão do futebol brasileiro. O segundo fragmento, da mesma forma, faz parte de um texto encomendado, no caso, pela Federação Gaúcha de Futebol³⁰. Ambos, portanto, fazem uma homenagem ao time que venceu a chamada "Batalha dos Aflitos". Retirei os excertos porque eles são importantes para a análise que proponho, já que indicam que o Grêmio adquiriu outra forma, ganhou uma singularidade, uma diferença.

A diferença de que falo está marcada nos dois textos. No primeiro, o Grêmio tem, e "de sobra", "alma, força e raça". No segundo, o texto indica um time que, para vencer a competição, não bastava apenas ser "aguerrido e bravo" (como diz a letra do hino rio-grandense), mas, antes disso, era "*preciso ser o Grêmio*".

Afinal, que Grêmio é esse? Certamente não é mais o mesmo de 1983, aquele caracterizado como um time do futebol gaúcho, que tinha raça, força, mas que também tinha talento, que era também um time do futebol brasileiro, que, em alguns momentos, mostrava a "magia", "o melhor do futebol brasileiro". Será que não era o do início da década de 90, do professor "Felipão", da "pegada", da "força", da "competência", do futebol coletivo, do conjunto, do grupo, do esforço, da briga pelo resultado, do futebol-empresa? Houve, será, uma transformação? Ou a esses enunciados apenas se agregam outros? O que não se falava a respeito do Grêmio de 95? Quais enunciados deixaram de fazer parte do universo enunciativo em torno do clube e quais agora estão presentes, conferindo-lhe uma outra configuração? São essas algumas questões que nortearão este capítulo.

Neste capítulo, então, tenho a intenção de focar a terceira e última ruptura, instituída e analisada aqui a partir de uma cena enunciativa: o jogo entre Grêmio e Náutico, ocorrido em Recife, capital de Pernambuco. Esta cena nos oferece pistas acerca, especialmente, de um novo enunciado que surgiu na época e que passou a integrar a discursividade gremista em torno da noção de "imortalidade". Tal noção, como vimos, não apareceu em nenhum texto analisado nos anos de 1983 e 1995 – nem nos textos da imprensa de modo geral,

³⁰Texto do anúncio publicado pela Federação Gaúcha de Futebol no Correio do Povo e na Zero Hora, no dia 30 de novembro de 2005.

nem nos textos dos profissionais identificados com o Grêmio, como é o caso de Paulo Sant'Ana, colunista de Zero Hora.

5.1 A cena enunciativa: o que foi a “Batalha dos Aflitos”?

Antes de entrar na análise dos textos jornalísticos propriamente ditos, é necessário descrever as condições que cercaram aquela partida e o que ela significava para o Grêmio. Em primeiro lugar, é importante lembrar que, no início da década de 2000, o Grêmio se envolveu numa profunda crise econômico-financeira, gerada em função da quebra da sua empresa-parceira, a suíça ISL – uma empresa de *marketing* que se associava a clubes brasileiros fornecendo enormes quantias financeiras para a contratação de jogadores. Em contrapartida, a empresa tinha os direitos sobre os mesmos e, junto a isso, parte da arrecadação do clube (seja com a venda de ingressos dos jogos ou com a venda de produtos associados ao clube, como camisetas e demais produtos).

No Brasil, a ISL estava associada ao Flamengo e ao Grêmio. A parceria foi anunciada pelo Grêmio como a grande redenção do clube, como a entrada do Grêmio na modernidade. Ao contrário do início dos anos 90, quando o clube investia em jogadores formados na suas categorias de base, o time agora passava a receber da ISL jogadores de seleção brasileira como Zinho, Rodrigo Fabri e, até mesmo, o volante da seleção argentina Astrada. Desta forma, o Grêmio quebrava uma tradição de apostar em contratações baratas e nos jovens e buscava atletas considerados caros para o nível econômico do futebol brasileiro – especialmente se comparado ao futebol europeu, por exemplo.

A quebra da ISL representou, portanto, uma derrocada financeira no clube, que viu o seu time sendo desmontado a cada ano por falta de dinheiro para contratar novos atletas ou mesmo para manter em dia os salários da equipe. Em 2003, o Grêmio sofreu muito para se manter na primeira divisão do futebol brasileiro, escapando da segunda divisão apenas nos últimos dois jogos da competição. Contudo, em 2004, o time acabou “caindo” para a Série B do

futebol brasileiro. Se para os gremistas, Tóquio é a Meca, a segunda divisão é o inferno – e foi lá que o Grêmio esteve o dia 26 de novembro de 2005.

5.2 “Sete homens e um destino”

A “Batalha dos Aflitos” começou no dia 26 de novembro, às 16 horas, no Estádio do Náutico, os Aflitos, em Recife, capital de Pernambuco. O Grêmio entrou em campo precisando de um empate para se classificar novamente para a primeira divisão do campeonato. Já no primeiro tempo, o time do Náutico perdeu um pênalti³¹. No segundo tempo, a partir dos 30 minutos, a partida adquiriu contornos peculiares: três jogadores do Grêmio foram expulsos, após a marcação de mais um pênalti contra o clube gaúcho. O time ficara apenas com sete jogadores em campo, além do goleiro. Ainda assim, os dirigentes gremistas, após uma confusão que envolveu até a polícia militar, ameaçaram retirar a sua equipe de campo. A decisão decretaria a vitória do time do Recife, o Náutico. Após longa paralisação, o time retornou ao campo e a bola foi colocada na marca do pênalti. O goleiro do Grêmio era Galatto, um jovem atleta que havia sido lançado como jogador profissional no ano de 2004. O jogador do Náutico bateu o pênalti, mas Galatto conseguiu defender a bola. O Grêmio estava a salvo, desde que mantivesse o placar até o final do jogo.

Mesmo restando poucos minutos para o término da partida, com apenas sete homens em campo, em um contra-ataque³², o Grêmio consegue fazer um gol. O gol foi marcado por um jovem promissor que havia sido colocado em campo, no início do segundo tempo do jogo. O jogador era Anderson, de 19 anos na época, cercado de histórias: o técnico Mano Menezes, cuja origem era os clubes do interior do Rio Grande do Sul, durante a disputa da competição, criticava o jovem jogador por alegar que ele não tinha poder de marcação, mesmo reconhecendo no jovem atleta habilidade e velocidade. O jovem era

³¹ Ocorre um pênalti quando um jogador comete uma falta dentro da área de seu próprio time (no caso, aquela que seu goleiro defende). O time infrator é penalizado com um chute direto de um jogador do time oponente, sem barreira, a onze metros da goleira.

³² Expressão utilizada para descrever a ação rápida do time que, ao recuperar a bola em posse do adversário, ataca rapidamente e surpreende o seu opositor.

considerado a maior “revelação” gremista desde o surgimento de Ronaldinho Gaúcho, em 2002.

O jornal Zero Hora do dia 28 de novembro de 2005 utilizou a linguagem dos quadrinhos para descrever, em página central, a vitória do Grêmio. O título da matéria era “Sete homens e um destino”. O texto do primeiro quadrinho funcionava como uma introdução à narrativa:

Uma bola na marca do pênalti no Estádio dos Aflitos. Uma torcida esperançosa; outra em desespero. Aos 59min40seg, o árbitro Djalmo Beltrami autoriza e o lateral Ademar, do Náutico, parte para a bola. Um destino será selado. Começa um capítulo que duraria 71 segundos, uma dramática e inacreditável seqüência de acontecimentos em que, no final, o desespero e a esperança trocariam de lado numa das maiores reviravoltas já vistas no futebol. Uma história escrita por duas pernas esquerdas.

O segundo quadrinho abria com o tempo de jogo: **59:40**

Ademar bate o pênalti com o pé esquerdo. É o momento decisivo. Com o Grêmio reduzido a apenas sete homens, após quatro expulsões, o gol virtualmente decretaria a classificação do Náutico e a eliminação do time gaúcho. O chute sai baixo, quase no centro do gol, mais para o lado esquerdo do goleiro gremista. Galatto voa e, com a coxa direita, desvia a bola para o escanteio.

O terceiro quadrinho: **59:50**

Decepcionados, os jogadores do Náutico se jogam ao chão com o segundo pênalti desperdiçado no jogo. Os gremistas correm para abraçar Galatto. A torcida vermelha e branca se desespera. A azul começa a chorar.

O quadrinho de número quatro: **60:10**

O escanteio é cobrado e a defesa do Grêmio afasta a bola, que sobra limpa para Anderson, na intermediária. Ele investe rumo ao campo adversário, pela esquerda.

O quinto quadrinho: **60:18**

Depois de tabelar com Marcelo Costa, Anderson tenta driblar o zagueiro Batata e sofre falta. Batata é expulso.

O sexto quadrinho: **60:47**

Atordoados, os jogadores da zaga pernambucana conversam. Anderson pede a bola e recebe o passe de Marcelo na cobrança da falta. Aproveitando a distração dos zagueiros, Anderson avança rumo à grande área, entre dois adversários.

O último quadrinho: **60:51**

Já adiante do goleiro, com classe, Anderson marca com pé esquerdo o gol épico. Os sete gremistas resistem mais nove minutos. Aos 70 minutos, o árbitro encerra o jogo. É a festa tricolor em Recife. O Grêmio está de volta à primeira divisão, depois de 363 dias. (ZERO HORA, 1995e, p. 10 e 11)

O jornal Zero Hora optou por descrever a vitória do Grêmio por meio de uma estrutura de linguagem que não é própria do jornalismo, mas sim da literatura humorística. Através do testemunho do repórter e a ilustração dos quadrinhos, a vitória do Grêmio é associada ao filme de faroeste norte-americano *Sete Homens e um Destino*.

Os quadrinhos, normalmente, falam de heróis e vilões, de valores, de comportamentos e atitudes. Trazidos para as páginas do jornal Zero Hora para descrever o jogo, eles têm, em sua estrutura narrativa, o drama e o ápice: o drama quando conta o momento do pênalti perdido pelo jogador do Náutico; o ápice quando o atacante gremista converte o gol. A relação que os autores da matéria fazem é direta com o clássico faroeste norte-americano *Sete Homens e um Destino*, enredo que conta a história de sete homens errantes que libertam um pequeno vilarejo mexicano dos saques de um bando.

O texto de abertura qualifica cada um dos acontecimentos. Fala em “esperança”, “desespero”, “drama” e “inacreditável”. São enunciações que passam os roteiros das histórias em quadrinhos. O herói como a esperança para a salvação e os seus inacreditáveis feitos para colocar ordem nas coisas. Os sete heróis tiraram o Grêmio do inferno e o recolocaram no seu destino: a primeira divisão do futebol brasileiro.

A narração da partida pela Rádio Gaúcha também dá pistas de como foi visto, interpretado e classificado o acontecimento pelos seus testemunhos, no caso, pelos jornalistas que estavam assistindo ao jogo. O narrador esportivo Pedro Ernesto Denardin narrou dessa forma o gol de Anderson:

A bola volta lá pro Anderson. Fechou pra dentro da grande área. Entrou livre. Vai marcar o gol. Atenção! Tem apenas o goleiro, atirou... É goooooo! Gooooo!! Inacreditável! Inacreditável!!! O Grêmio faz um gol logo depois de pegar dois pênaltis!! É inacreditável! Com sete homens em campo, o Grêmio tá fazendo uma façanha. É só o Grêmio. A sua força e a sua fé. Eu nunca vi disso. O mundo nunca viu nada parecido. O Grêmio está fazendo aqui uma façanha extraordinária. Uma façanha que não tem na história do futebol mundial. Sete homens em campo. Galatto pega o pênalti. E aí no rebote a bola é tocada pro Anderson.

Ele entra livre. Faz o gol. Ele é craque. O Grêmio tá na primeira divisão! O Grêmio tá na primeira divisão! *Você acredita em milagre? Milagre! Milagre!* (G7 PRODUTORA, 2006, s/p, grifos meus)

O jornalista coloca o acontecimento na ordem do sobrenatural: fala em milagre, informa que o lance do gol é “inacreditável”, diz que nunca “viu nada parecido”, que “só o Grêmio” poderia fazer algo assim. Fala, ainda, em “faça-nha extraordinária”. Portanto, se é só Grêmio que poderia fazer algo assim, esse Grêmio “tem algo diferente”. Não é um clube comum. É diferente. Vale destacar, mais uma vez, que essas enunciações ocorrem no exato momento do gol.

De certo modo, esse modo de enunciar o que ocorre na partida se reproduz no texto publicado em Zero Hora dois dias depois na descrição dos “dramáticos” 71 segundos. Os textos, com enunciações diferentes, se entrecruzam e se colocam na mesma ordem discursiva, já que tratam do extraordinário, do inacreditável, do destino, em suma, de um discurso da crença.

5.3 “Louvado seja, Imortal Tricolor”

A coluna do jornalista Paulo Sant’Ana no dia 28 de janeiro de 2005, na página 43, também é importante para compreender em que ordem os gremistas e jornalistas colocaram a vitória do Grêmio sobre o Náutico. Embora longo, reproduzo inteiramente a coluna do jornalista fortemente identificado com o Grêmio. É importante dizer que o colunista é reconhecidamente um representante da torcida gremista nos meios de comunicação social – condição dada pela própria Rede Brasil Sul (RBS), desde o final dos anos 70, quando o jornalista já participava com suas colunas no jornal Zero Hora e com os comentários na *Rádio e TV Gaúcha*. Por isso também a minha escolha em reproduzir parte de suas colunas nos momentos de conquistas do Grêmio, como o fiz nos capítulos anteriores.

Não se trata de tomar o santo nome de Deus em vão, é que *só causas sobrenaturais podem explicar o jogo de sábado em Recife*. Louvado seja Deus por esta graça suprema alcançada por nós gremistas. *Só Deus sabe* o quanto sofremos e fomos humilhados, *só Deus pode* ter-nos recompensado com está insuperável glória, tão estonteante que a estamos considerando superior a Tóquio-83. *Glória a Deus* nas alturas e paz na Terra aos Gremistas de boa vontade. Nunca os nossos espíri-

tos viveram tamanha felicidade após tanta desventura. *O Senhor é pastor de todos os gremistas e, como se viu sábado, nada nos faltará. Deus é justo, Deus é bom, e sendo justo, Deus não havia de magoarnos* assim com aquela injustiça que Satanás estava nos perpetrando até a entrada tardia de Anderson em campo. Mendes Ribeiro, que era espírita, desencarnou sábado em Recife com sua frase célebre: “Deus não joga, mas fiscaliza”. *Deus puxou-nos, num milagre estupendo, das portas do inferno para os sorvedoiros do céu.* O jogo de sábado não foi um fato esportivo, foi fato social, interessou até mesmo aos que não gostam de futebol. As imagens que vimos pela televisão, de Recife, tiveram o mesmo impacto daquelas que mostraram a queda das torres do World Trade Center, em Nova Iorque. O primeiro pênalti foi a primeira ponte derrubada. Minutos depois, a segunda torre caía, no segundo pênalti (incrivelmente o tempo decorrido entre a queda primeira e da segunda torre foi exatamente, em minutos, o tempo entre o primeiro e o segundo pênalti). Foi o mesmo impacto, nunca mais a humanidade esportiva esquecerá a queda das duas torres do Náutico na tarde dramática do sábado recifense e gremista. Pode ser que agora entendam a ira de que fui tomado em dois programas Sala de redação quando Anderson foi deixado preso num calabouço do Olímpico, no jogo contra o Santa Cruz, durante 90 minutos, só sendo tirado de lá, onde ficou a pão e água durante 90 minutos, para ser colocado em campo aos 91 minutos de jogo, na estupidez mais perplexa da história do futebol. Pode ser que agora, depois do gol milagroso de Anderson em Recife, que salvou uma raça e redimiu uma nação, entendam por que as pessoas que amam o futebol não entenderam como poderia isto ter sido feito a Anderson, que não se abalou com a ofensa e humilhação e ainda teve força para erguer o seu talento além das trevas em que foi colocado naquela sala secreta, e realizar aquele *gol luminoso e histórico* de sábado. O talento de Anderson passou por cima da birra provinciana e retrógrada de um treinador e dos que, azaradamente para as suas carreiras esportivas, apoiaram na imprensa a violenta esquisitice do técnico. Foram muitos os *heróis do grande e inolvidável – e eterno – feito gremista*. Mas há um que acreditou e que virou os céus, mares e terras para que está glória se perpetuasse na eternidade: Paulo Odone. Ou melhor, se assim o quiser, o Senador Paulo Odone. (SANT´ANA, 2005a, p.43)

Desta longa citação, mas necessária para a minha análise, vou destacar alguns trechos que me parecem indicativos da nova construção em torno do Grêmio que julgo aqui ocorrer. Em primeiro lugar, a chamada “Batalha dos Aflitos” deu as condições de possibilidade para o surgimento de um discurso religioso em torno do clube. De certo modo, o jornalista já havia, em outros momentos, feito referência a “Deus” (em fragmento já descrito no quarto capítulo, logo após a conquista do Grêmio da Libertadores de 1995). Contudo, a “Batalha” permitiu o surgimento de uma série de enunciações nunca antes lo-

calizadas nos momentos das conquistas (especificamente, claro, nos textos em que analisei).

Ainda assim, aparece aqui, pela primeira vez, a palavra “imortalidade” logo no título da coluna. Trata-se, por certo, de um termo que remete a enunciado que faz sentido para o universo gremista. Sob a forma de um adjetivo, a noção já aparece no hino oficial do clube, como sendo este um atributo próprio do Grêmio: “50 anos de Glória/Tens imortal tricolor/Os feitos da tua história/Canta o Rio Grande com Amor”. Lupicínio Rodrigues, autor da letra em 1959, faz ainda referência a outro “herói” do clube na estrofe: “Lara, o craque imortal/Soube o seu nome elevar/Hoje com o mesmo ideal/Nós saberemos te honrar”.

O enunciado a que a noção de “imortalidade” remete, proferida por Paulo Sant’Ana e entrecruzada com uma série de enunciações, não diz respeito àquele expresso pelas mesmas palavras utilizadas no hino escrito por Lupicínio Rodrigues. Se, por um lado, o hino immortaliza o Grêmio pela sua história (*50 anos de Glória/Tens imortal tricolor*), por outro, a “nova” imortalidade, além da história, está conjugada a outra série de enunciações relacionadas a um discurso religioso, da ordem da crença, posto em operação tão-somente a partir de uma cena enunciativa específica. O Grêmio aqui não é imortal apenas pela sua história, mas também é eterno porque protegido por “Deus”. A conquista permitiu ao clube tornar visíveis e enunciáveis as formas pelas quais possui a proteção divina – afinal, “Deus é justo, Deus é bom, e sendo justo, Deus não havia de magoar-nos”. Ainda assim, o gol de Anderson não foi uma ação de seu talento (possível de ser referido e desta forma descrito em 1983), ou da obstinação (possível em 1995), mas a partir da ação divina via execução de um “milagre”. O colunista, assim, tece em seu texto enunciações correlacionadas a uma discursividade épica, especialmente quando fala em batalha, glória, eternidade. O que quero dizer aqui pode ser resumido pela seguinte afirmação: a palavra, de fato, é a mesma; mas o objeto discursivo a que ela se refere não.

5.4 “A *morir*, Grêmio”

Uma semana antes da “Batalha dos Aflitos”, no caso, na edição do jornal de sábado, dia 12 de novembro de 2005, o mesmo colunista escreve um texto cujo título era “A *morir*, Grêmio” – referindo-se à penúltima partida do clube na competição, contra a Portuguesa, no Olímpico:

O Grêmio sobe hoje o seu último degrau da sua dramática, emocionante e alcandorada caminhada no rumo da volta à dignidade da primeira divisão. Não vou ser eu quem vai ensinar os bravos gremistas que irão ao Olímpico hoje o que devem fazer para serem testemunhas e protagonistas deste episódio histórico. A multidão tricolor terá somente que perfilar-se ao lado de seu time, gritando e cantando. Dos corações dos torcedores terá de jorrar o combustível para levar os jogadores à conquista redentora (SANT’ANA, 2005b, p. 43).

De forma semelhante, também aqui emerge uma série de enunciações correlacionadas a um discurso épico – um discurso que também se fez visível em 1983, quando o mesmo autor fez referência aos heróis farroupilhas para tratar da final ocorrida em Tóquio. Ainda assim, o discurso épico também esteve presente na rede de 1995, logo após a vitória da Libertadores da América daquele ano, quando Paulo Sant’Ana definiu o Grêmio como o conquistador da América. Contudo, aqui, em 2005, merecem destaque as novas articulações que agora parecem sustentar o discurso épico e que podem ser vistas, em alguma medida, já pelo próprio título da coluna: “A *morir*, Grêmio”. Trata-se de uma expressão espanhola, utilizada nos países sul-americanos – como se o Grêmio aqui não fosse um representante apenas do futebol gaúcho, nem do Brasil: sua constituição agora passa a ser instituída pela tradicional e conhecida “força” e “garra” do futebol uruguaio e argentino. Mais uma vez, a palavra “herói” é a mesma, mas o objeto discursivo a que ela se refere não.

A expressão “a *morir*” não nasce a partir do texto do jornalista, mas sim da própria torcida do Grêmio, que, em 2005, criou a torcida organizada “Alma Castelhana” – hoje conhecida como “Geral”. Trata-se de uma torcida e de um modo de torcer que repetem as mesmas práticas da torcida argentina, especialmente a do *Boca Juniors*, clube três vezes campeão mundial. O *Boca*, como é

conhecido na Argentina, é proprietário da *Bombonera*, estádio em forma de arena, onde os torcedores ficam muito próximos ao campo. Os torcedores do Boca cantam durante toda a partida, na tentativa de incentivar o time da casa, mesmo com resultado adverso. A configuração do estádio e a forma particular de torcer criaram uma idéia de que é quase impossível para o time adversário vencer o *Boca Juniors*, na *Bombonera*.

No Grêmio, a torcida organizada, primeiramente chamada de “Alma Castelhana”, depois de “Geral”, diferencia-se das demais torcidas brasileiras (e assemelha-se às torcidas argentinas), pois, além de incentivar o Grêmio todo tempo com canções de ordem, no momento de comemorar os gols do time, Ela faz a chamada “avalanche”: uma correria em disparada de todos os seus integrantes em direção ao muro que separa a arquibancada do campo de jogo, no Estádio Olímpico Monumental. A revista de circulação nacional Placar, especializada em futebol, em 2005, fez uma matéria sobre a nova torcida do Grêmio. O jornalista Leandro Behs descreve o comportamento da torcida:

Inspiradas nas torcidas do futebol argentino, os torcedores da Geral do Grêmio ou Alma Castelhana, importaram para o Estádio Olímpico a tradicional animação dos hermanos: cantos de incentivos ao time, muitas faixas (chamadas de trapos pelos freqüentadores da Geral), encencas com a polícia e... a avalanche! A cada gol do Grêmio, cerca de 5 mil torcedores desatam em correria descendo os 32 degraus até espremerem-se contra a mureta que separa a arquibancada do gramado. [...] apesar de não ver maior perigo na avalanche, o “castelhano”, de 44 anos, afirma que a comemoração ficou incontrolável: “A avalanche virou cultura no Olímpico. Agora, todos participam, até idosos. Não temos como evitar”. (BEHS, 2006, s/p)

As práticas da torcida “Alma Castelhana” fazem parte hoje da cultura do clube, que pretende construir um novo estádio no bairro Humaitá, na zona norte de Porto Alegre, a Arena – um projeto orçado em mais de 250 milhões de dólares. Uma das questões que entrou em pauta no momento da elaboração do Projeto Arena foi a designação de um espaço, hoje existente no Olímpico, para que o grupo possa reproduzir as mesmas ações, porém, agora no novo estádio a ser construído. O efeito, portanto, virou “marca” (e “registrada”) do clube, como disse em 2008 o vice-presidente de Planejamento do Grêmio, Eduardo Antonini, ao *site* UOL Esporte, quando o Projeto fora apresentado à imprensa:

A curiosidade ficou por conta da confirmação de que o clube exigiu e será destinado para a torcida tricolor fazer sua tradicional “avalanche”, ou seja, um espaço nas arquibancadas que não poderá ter cadeiras, pois os torcedores descem os degraus correndo, num efeito bonito, mas, ao mesmo tempo, assustador. “A avalanche é uma marca registrada do Grêmio”, declarou Eduardo Antonini, vice-presidente de Planejamento do clube gaúcho. (UOL ESPORTE, 2008, s/p)

Ainda sobre esse aspecto, outra prática presente na torcida “Alma Castelhana” são as canções de ordem executadas durante os jogos do clube. O ritmo da música é forte, e algumas são cantadas com sotaque “castelhano” – uma mistura entre o português e o espanhol, encontrado, principalmente, nas cidades fronteiriças entre o Brasil, Uruguai e Argentina. Algumas das letras dizem o seguinte:

Essa é a banda louca do imortal
Jamais nos matarão, pois eu sou da geral
Grêmio nós te seguimos a todo o lado
A banda quer festejar mais um campeonato
E vamos Grêmio!

Ou, ainda:

Vamos avante, vamos Grêmio
O mundo já te viu brilhar
És o clube que mais luta
Que nunca se entrega
Vamos Grêmio a ganhar

Essa é a geral do Grêmio
Você já ouviu falar
É a banda que mais copa
A banda que mais canta
Sempre vai apoiar!

Estas letras foram extraídas do *site* oficial da torcida Geral do Grêmio. Entre as mais 20 canções está o hino oficial do clube e o hino rio-grandense. Está também uma curtíssima, que diz: *Vaaaamos, vamos Grêmio Copeiro/ Eu*

canto pela glória/Alegria te peço. E outras tantas, que vociferam insultos contra o tradicional adversário, o Sport Club Internacional.

As ações da torcida da Geral do Grêmio mostram que houve uma transformação nas práticas da própria comunidade gremista durante os últimos anos. As práticas que passaram a ser exercidas pela torcida do Grêmio são uma invenção recente. Anteriormente, especialmente na década de 80 e entre os anos 90 e 2000, não havia registro de nenhuma dessas ações (muito menos de uma suposta vinculação direta entre o time e o universo argentino ou uruguaio). Ao contrário, a torcida do Grêmio era conhecida pela sua fleuma ao torcer e pelas constantes críticas e vaias ao time durante os jogos.

Entendo, desta forma, que tais práticas estão ligadas à própria discursividade gremista aqui emergente e que, como pode ser visto, é resultado de uma transformação em relação àquelas anteriores. O advento da “imortalidade”, do Grêmio “copeiro”, do “clube que mais luta”, do time “que não se entrega”, do Grêmio de “alma castelhana” são, todas elas, crenças que ajudaram a moldar a própria forma de torcer para o clube. Neste caso, em especial, trata-se de uma forma de torcer erigida sob uma nova “identidade” gremista, que se constitui nas arquibancadas do estádio Olímpico Monumental, mas que ganha espaço e visibilidade enunciativa também nas folhas dos jornais.

A emergência da noção de “imortalidade”, seja nas canções dos torcedores, seja na mídia impressa não está apenas ligada à história do clube, mas à idéia de não morrer nunca, de não desistir nunca, de estar abençoado por uma “força divina” que o protege de tudo e de todos, como no próprio texto do colunista de Zero Hora, o jornalista Paulo Sant’Ana.

É em função disso que elevo a “Batalha dos Aflitos” à condição de cena enunciativa: porque em função dela, é possível ver e dizer os novos modos, as novas relações que o Grêmio passa, também ele, a ser visto e dito.

5.5 Aí vem o Grêmio

Mas o que foi isso? O que foi que aconteceu no sábado passado nesse estádio de nome tão apropriado, os dos Aflitos, em Recife? Isso que o Grêmio fez não é normal. Não porque venceu o Náutico por um a zero, conquistou o título da Série B e retornou à primeira divisão. Não. Foi a forma como isso aconteceu. O que o Grêmio fez não foi apenas improvável. Foi impossível. A façanha do Grêmio em Pernambuco é única, nunca aconteceu antes, certamente jamais se repetirá. Foi uma seqüência de milagres. [...] O Grêmio venceu. O Náutico teve dois pênaltis a seu favor, o Grêmio teve quatro jogadores expulsos, e ainda assim o Grêmio venceu. O Grêmio é campeão da Série B. O Grêmio é campeão da segunda divisão. Campeão da segundona. Um título que o Grêmio não queria, mas que acabou se transformando na sua conquista mais espetacular, na vitória mais extraordinária, incompreensível e inacreditável de seus 102 anos de história (COIMBRA, 2005, p.01).

O fragmento de texto acima foi escrito pelo editor de esportes de Zero Hora, o jornalista David Coimbra. Publicado na capa do caderno especializado do jornal, trata-se de um texto que deveria resumir os principais lances da partida – o que se chama no jornalismo esportivo de “crônica do jogo”. Contudo, o que aparece aqui é a perplexidade do repórter diante do fato, pautada por uma escrita carregada de adjetivos e substantivos, tais como “façanha”, “inacreditável”, “extraordinário”, “milagres”, “espetacular”, “incompreensível”. Uma seqüência de termos que, como já dito, se referem a enunciados que fazem parte de um discurso místico-religioso e/ou épico. O título do texto de David Coimbra é misterioso: “Aí vem o Grêmio”. Será o Grêmio do futuro, pós-“segundona”, capaz de fazer façanhas, de vencer batalhas impossíveis, inacreditáveis, de realizar milagres? É o time do feito “extraordinário” que vem chegando? Talvez, então, não se trate mais da equipe de talento e criatividade, mas da equipe que tem garra, força, coragem e, sobretudo, que é marcada pela “imortalidade”.

No mesmo dia, o jornal Correio do Povo, por meio do texto do repórter Ilgo Winck, relatava a vitória do Grêmio:

Quando Lupicínio Rodrigues compôs o hino do Grêmio não imaginava que a expressão “imortal tricolor” acabaria por integrar-se à trajetória do clube. Nos anos que se sucederam, não foram poucas as vezes em

que o Tricolor, aparentemente exaurido e batido, foi além de suas forças, superou limites e, por acreditar que não era impossível, venceu. O que aconteceu sábado no dia 26 de novembro, de 2005, marca um desses momentos, senão o maior de todos, o mais dramático, *o que mais contribuiu para reforçar a lenda da imortalidade*. [...] O Grêmio realizava um feito homérico, construído por “sete Ulisses”, que não esmoreceram quando até os mais fanáticos gremistas já haviam desistido. O Grêmio sai das profundezas da Segunda Divisão iluminado pelos deuses do futebol. Volta ao seu lugar, porque nada pode ser melhor do que estar entre os grandes e seguir buscando o impossível (WINCK, 2005, p.01).

O texto do jornalista Ilgo Winck, com outras enunciações, com palavras diferentes, constrói uma narrativa épica de forma bastante semelhante àquela realizada pelo jornalista Davi Coimbra, de Zero Hora. Ambos os textos, embora produzidos por autores diferentes, em veículos diferentes, se entrecruzam e constroem uma narrativa épica a respeito do mesmo acontecimento. Eles se repetem, falam quase a mesma coisa. Aqui, portanto, não há autor, mas enunciados murmurantes, cuja existência é balizada por uma mesma matriz de sentido. A cena enunciativa em questão abre passagem para a emergência de um enunciado acerca “imortalidade” do time; do time, portanto, que não morre nunca: uma verdadeira irrupção para o (e do) time gaúcho. Como característico do conceito de enunciado, este não aparece sozinho, mas correlacionado a outros. É justamente essa característica (a de estar relacionado a outros enunciados) que nos permite dizer que se trata aqui de um enunciado que se transforma, posto que cria um novo sentido dentro do próprio discurso em torno do Grêmio. Como referido anteriormente, a “imortalidade” no contexto da “Batalha dos Aflitos”, não é a mesma do hino oficial do clube, escrito por Lupicínio Rodrigues, na década de 50.

Como ensina Foucault, definir o enunciado diz respeito a

[...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar os seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de negociações exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar porque não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar (FOUCAULT, 2009, p. 31).

Na estreiteza do acontecimento, a imortalidade se transformou e (re)apareceu tramada a outros enunciados que integram o campo discursivo das grandes narrativas épicas e mesmo ao lado do discurso religioso. Ali, no momento do jogo, não havia oportunidade para emergirem adjetivos como “competência”, “habilidade”, “criatividade”, mas apenas “iluminação”. Ilgo Wink chega a afirmar que a expressão “imortal tricolor” integra, desde sempre, a “trajetória do clube” – ou seja, é como se a imortalidade fosse palpável, objetiva, “real” e, sobretudo, *perene*; como se ela tivesse sido a marca indelével que acompanha o time desde sua existência, de forma imutável.

5.6 O Grêmio do estilo gaúcho, da predestinação, do estilo argentino: o Grêmio da “imortalidade”

O Grêmio de 2005 é descrito como aquele que saiu do inferno e se pôs no Olimpo. O Grêmio de 2005 não era apenas uma equipe que jogava futebol, mas que jogava pela vida. Esse, posso dizer, é o resumo da narrativa construída pela imprensa a partir do jogo final da série B entre Grêmio e Náutico. Tal construção ajudou a transformar o próprio discurso gremista, de forma que, agregado a outros enunciados viriam a compor um novo discurso. A narrativa de 2005, repleta de enunciações, repleta de enunciados que fazem parte de outros discursos que não somente os do futebol, mas principalmente das grandes histórias épicas, do campo da religião, deu novo sentido às antigas referências gremistas.

Por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas conseqüências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua e nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória, da materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo o acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e às conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo sua modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (FOUCAULT, 2009, p.31).

Localizando, dentro dessa descrição de Foucault, a “imortalidade” como um enunciado, a partir de sua relação interna com o próprio discurso gremista e, ao mesmo tempo, com à sua correlação com outros enunciados que fazem parte de outros discursos, faço o mesmo exercício do capítulo anterior e construo uma tabela com os termos que, presumo, façam parte da formação discursiva discurso em torno do Grêmio no ano de 2005.

Por mais arriscado que possa ser, afirmo que os termos que se referem a um conjunto disperso e nem sempre convergente de enunciados fazem parte e acabam por constituir diferentes formações discursivas sobre o Grêmio. Tra-se, por meio desta tabela, de tornar visível o que foi construído sobre o time ao longo dos últimos 30 anos, após as conquistas de 83, 95 e 2005, e o que isso tem a ver com a sua descrição. As conquistas foram tratadas aqui como fenômenos de rupturas na vida do clube: não por sua qualidade de “conquistata”, mas, sobretudo, porque foram elas que deram condições de possibilidade para transformar, continuamente, o discurso em torno do Grêmio.

Por meio desta tabela, visto, em alguma medida, mostrar os espaços por onde os três objetos discursivos Grêmio “se perfilam e se transformam”; visto mostrar, portanto, graficamente, como, a partir das estrelas trazidas pela camisa do time (e que mostram o número de títulos por ele conquistados), podemos aqui, teoricamente, montar uma “economia da constelação discursiva” (FOUCAULT, 2009).

| RUPTURAS DE UMA HISTÓRIA | 1983 | 1995 | 2005 | INCLUSÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 | EXCLUSÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983 e 1995 | REPETIÇÃO de elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio entre 1983, 1995 e 2005 |
|---|---------------------------------|--------------------------------|-----------------|--|--|---|
| Elementos que dizem respeito aos enunciados sobre o Grêmio | Heróis | Heróis | Heróis | | | Heróis |
| | Raça | Raça | | | | Raça |
| | Garra | Garra | Garra | | | Garra |
| | Talento | Força | | | Talento | |
| | Qualidade | Competência | Imortalidade | Competência | | |
| | Time brasileiro | Gaúcho | Gaúcho | | | Gaúcho |
| | Batalha | Futebol coletivo | Batalha | Futebol coletivo | | Batalha |
| | Criatividade | Determinação | Alma castelhana | | Criatividade | |
| | Força | Batalha | | | | Força |
| | Técnica | Representante do futebol-força | | | Técnica | |
| | Representante do futebol Gaúcho | Dominador da América | | Dominador da América | | |
| | | | | Pegada | | |
| | | Inacreditável | Inacreditável | Inacreditável | | Inacreditável |
| | | Superação | | Superação | | |
| | Copeiro | Copeiro | Copeiro | | Copeiro | |

CONSIDERAÇÕES FINAIS (O comentário final...)

Ao longo do período de construção do trabalho, entendi o motivo de Michel Foucault utilizar o verbo “arriscar-se” tantas vezes em *A Arqueologia do Saber*. Afinal, em minha prática de pesquisa, tudo o que era certeza sobre o objeto de pesquisa se tornava – a cada documento examinado, lido, analisado – incerteza. Dúvidas, inclusive, na formulação das próprias perguntas que fiz logo no início da caminhada: afinal, que objeto é esse? Vou falar do futebol ou vou falar do Grêmio? Que recortes terei que fazer para encontrar as próprias rupturas ou as discontinuidades ao longo da história do clube? Que história devo descrever? Poderia perguntar sobre possíveis e diferentes formações discursivas em torno do Grêmio ou mostraria apenas como foi forjado, em torno dele, um discurso épico, da imortalidade, do time “guerreiro”, “copeiro”, do “exército gremista”? Como o Grêmio se tornou um clube “diferente” em relação aos demais? Os períodos de 83, 95 e 2005 marcaram a existência de diferentes Grêmios? De que forma essas diferenças culminaram em um discurso em torno do clube, que é repetido tanto pelos seus torcedores, como também pela própria imprensa? Quais condições permitiram o nascimento dessa singularidade?

Trata-se de perguntas que, penso, posso respondê-las a partir de agora, pelo menos, parcialmente. Afinal, esta pesquisa não tem a pretensão de ser conclusiva ou mesmo definitiva. Ela apenas pretende dar pistas para outros trabalhos não apenas em torno do futebol, mas em torno da própria educação. Esta pesquisa, desde o início, esteve comprometida com a descrição de um regime de verdade em torno de um objeto discursivo (ou de três) e de como uma discursividade foi produzida, assimilada e circulou nas mais diferentes instâncias, suportes e instituições sociais.

Antes de tudo, também é importante lembrar que este é um trabalho de inspiração foucaultiana e que, como tal, está baseado em algumas de suas ferramentas teóricas, especialmente aquelas extraídas da obra *A Arqueologia do Saber*. Todos os meus olhares foram feitos a partir dessas lentes. E é com elas que construí toda a “arquitetura”, se posso dizer desta forma, da dissertação. As escolhas dos materiais, dos textos, também foram interessadas. Algumas vezes, apenas joguei para cima esses materiais e os deixei cair sobre essas mesmas lentes para, daí então, poder analisá-los. Os demais foram pincelados, entre tantos outros, a partir de caminhos já trilhados pelas análises do *corpus*. Contudo, todos eles foram escolhidos a partir de um critério preciso: o tempo dos acontecimentos em sua relação com as rupturas aqui delimitadas.

Esclarecida a minha caminhada, posso agora responder às perguntas que me propus. Em primeiro lugar, logo percebi que não havia como falar do Grêmio sem descrever a noção do que era jogar futebol no Brasil nos anos 80, 90 e 2000 e sem descrever a origem dessas idéias e, mais ainda, relacioná-las à própria noção do que é ser “brasileiro” e “gaúcho”. A partir de 58, quando a seleção brasileira conquista o seu primeiro mundial, na Suécia, com “Pelé e Garrincha”, dois “ícones” do futebol mundial, criou-se uma idéia de que no Brasil se joga o “melhor futebol do mundo”. Sobretudo, emerge aí uma noção de que a prática do futebol brasileiro estava relacionada à mais “pura arte”, à “criatividade”, à “habilidade”, à própria “molecagem” e à “malemolência” do sujeito brasileiro, do “carioca”, ou mesmo do “nordestino”. Ou seja, o jeito de jogar brasileiro estava pautado por um jeito de olhar a própria idéia de “nação brasileira” (com os limites e exclusões aí implicados). Essa foi a maneira que o

país encontrou de marcar uma diferença em relação aos outros – aos europeus, por exemplo. Trata-se, então, de uma construção discursiva segundo a qual o futebol brasileiro se destaca pela qualidade técnica, pela força do talento do “sujeito brasileiro”.

Da mesma forma, a compreensão do futebol gaúcho também está relacionada à noção do que é ser “gaúcho”: um homem cheio de “virtudes”, “valores”, de “coragem”, capaz de praticar atos heróicos na defesa de seus ideais e diante das adversidades impostas pelos outros. Falamos aqui, portanto, de uma noção que nasce, em alguma medida, em função das narrativas sobre a Revolução Farroupilha; narrativas que, antes de tudo, constroem, por sua vez, um regime de verdade em torno do que é “ser gaúcho”. Foi a partir desta compreensão que se instituiu também uma idéia de como se deve jogar futebol no Rio Grande do Sul, de como devem ser formados os seus times. Embora a Revolução Farroupilha tenha se originado, sobretudo, a partir de interesses econômicos de um grupo, o que se registra, o que se valoriza e se exalta sobre ela nas escolas, nos livros, no hino oficial do Rio Grande do Sul, são os ideais de seu povo, a resistência, a bravura, a coragem para defender o seu espaço geográfico, mesmo em “condições adversas”. São, pois, as “batalhas”, as “guerras”, a “luta” e o “herói” os termos privilegiados para a construção da ficção gaúcha.

O que estou me arriscando a dizer é que essa possível singularidade do “discurso gremista” é *feito* da prática discursiva em torno do povo gaúcho. Mas não é apenas isso! Ela também tem origem em tudo o que se diz em torno do futebol brasileiro, do futebol mundial e sul-americano. Em 1983, por exemplo, encontrei nos textos sobre o Grêmio nos quais estavam presentes enunciações que faziam referência ao futebol jogado pelo clube como “arte” – inteiramente coerente, portanto, com a característica do que há de “melhor do futebol brasileiro”. Também disseram que o Grêmio foi “heróico”, foi “bravo”, “corajoso”, que enfrentou “batalhas” (como a de “La Plata”, na Argentina). Essas enunciações, de fato, fazem parte do próprio discurso do futebol, de seu sistema discursivo, e, portanto, fazem sentido para toda uma comunidade (formada por qualquer time). Pode-se dizer do Santos, do São Paulo, do Fla-

mengo, do Atlético que, também eles, são (ou foram, em dados momentos) “heróicos”, “bravos”, “corajosos”. Contudo, a questão, parece-me, é entender que sentidos ganham “heróico”, “bravo”, “corajoso” *para o Grêmio e naquele momento* (1983). Ou seja, com que outros enunciados estas noções devem estar intrincadas para, juntos, produzirem um sentido específico – que aí, sim, não podem dizer respeito nem ao Santos, nem ao São Paulo, nem ao Flamengo...

As duas equipes de 1983 do Grêmio, como descrevi, reproduziam em campo os saberes da época que circulavam em torno do futebol brasileiro e do gaúcho. Sobre o Grêmio que conquistou a Libertadores, em julho daquele ano, se dizia que aquele era um time de “garra”, de “raça”, que vencia suas “batalhas” pelo “heroísmo” de seus jogadores. Mas também era exaltada a qualidade de jogadores como Renato, Tita, Osvaldo e do uruguaio De Leon. Isso aparece, principalmente, na montagem da equipe que iria enfrentar outra “escola de futebol”, o chamado “futebol-força” do Hamburgo, da Alemanha. Um futebol descrito como “objetivo”, voltado apenas para o resultado, que não se preocupava com a “beleza”, com a “arte”, mas com a competição, com a força, com a vitória. Também era o enfrentamento de uma equipe sul-americana, de uma país economicamente sub-desenvolvido contra os “poderosos”, os “ricos” europeus. Tudo isso estava em jogo. Todas essas idéias, todos esses sentidos ajudaram a construir a final entre Grêmio e Hamburgo e também a conquista do clube gaúcho.

Para jogar contra esse futebol “feio”, o técnico do Grêmio pediu para os seus dirigentes a contratação de jogadores como Mário Sérgio e Paulo César Caju, ícones do “futebol-arte”. Era o enfrentamento de uma idéia de futebol brasileiro contra os outros, os alemães. E o Grêmio se tornou o representante do próprio futebol brasileiro, com toda a sua capacidade técnica descrita pelos jornalistas da época, como descrevi a partir da análise dos documentos que apresentei no terceiro capítulo. Por outro lado, aquela conquista também foi entendida pelos gaúchos, pela sua imprensa, pelos seus torcedores, como uma vitória que reproduzia os “valores” que caracterizam a própria “alma do gaú-

cho”, o seu “jeito” de ser. Por isso, foram colocados em circulação enunciações que correspondem a uma matriz de sentido deste e para este povo.

Ainda assim, naquele momento foi estabelecida a oportunidade para o próprio Grêmio, como clube de futebol, se afirmar diante dos outros times brasileiros. A partir daquele momento, o Grêmio era campeão do mundo, e, justamente por isso, passava agora a ter uma *história* – uma história a ser narrada, a ser contada e, especialmente, a ser repetida. Ali começa uma narrativa na vida do clube, que não o restringia mais aos espaços geográficos do Rio Grande do Sul, mas, ao contrário, estendia o seu próprio significado como clube para outros espaços além Rio Grande. Para o Grêmio, não poderia haver história caso não houvesse essa conquista. O ano de 1983 é, a meu ver, o ano em que houve a ruptura, a descontinuidade principal; o ano do rompimento de uma tradição e a inauguração de outra tradição, no caso, que iria originar, décadas mais tarde, sua perpetuação por meio de idéias como de “imortalidade”, de clube de “alma castelhana”, de time “copeiro”, entre tantas outras. É ali, portanto, que o time, efetivamente, “nasce”.

Outra condição que ajudou a transformar o discurso do Grêmio, além de suas vitórias nos anos 90, foi a ruptura que ocorreu no futebol brasileiro na mesma década com a conquista do tetra-campeonato mundial pela seleção brasileira. Essa vitória abalou a própria noção de que a escola do futebol-arte era a melhor para o futebol nacional; abalou, portanto, a própria identidade do futebol brasileiro. Não são raras as vezes que os jornalistas se perguntam se é melhor ganhar jogando “feio” ou jogando “bonito”. O que houve aqui foi o aparecimento de um novo saber, de uma nova idéia de como o brasileiro tem que jogar futebol (ou uma nova forma de discursivamente pôr em operação a mesma dualidade). Como afirmação dessa idéia (dessa dualidade) surgiram símbolos, ícones não mais do futebol-arte (esses já existentes), mas daquele que agora pareceria ganhar outra importância, o futebol-força. É o caso de Dunga, treinador da seleção brasileira de futebol, desde 2007. Se Pelé e Garrincha eram símbolos de uma geração do futebol-arte, vencedora, tri-campeã do mundo, Dunga era a outra marca, era a diferença, o símbolo vencedor do futebol de resultados. Aquela estratégia de jogo preocupada com a ocupação

do campo, com a marcação do time adversário. O futebol “de resultado” privilegia a “competência” e não o talento, a efetividade, a produtividade. Enunciados que compõem o próprio discurso da globalização, da pós-modernidade e, de modo particular, do futebol-empresa.

Ao lado disso, também é possível dizer que as conquistas do Grêmio, a partir dos anos 90, principalmente as vitórias nacionais e internacionais, fizeram com que emergissem outras enunciações que passaram a compor o discurso gremista. Se elas não estavam no exterior do discurso, estavam no seu limite, como diz Foucault (2009, p. 51).

Essas condições permitiram que outros ditos sobre o Grêmio reaparecessem nesse período como a noção de um time “copeiro”, aquele que gosta de ganhar “copas”³³, exatamente como os argentinos e os uruguaios. Os clubes de futebol dos países vizinhos são considerados pela imprensa como “especialistas” nesse tipo de competição, em função do grande número de títulos que os clubes uruguaios e argentinos possuem, especialmente a Libertadores da América. Assim, como o Grêmio, a partir de 1989 até o ano de 1997 venceu diversas competições nessa modalidade, o clube acabou por incorporar esse adjetivo em seu discurso. Contudo, o sentido de “copeiro” não fica restrito à modalidade da competição, mas, sobretudo, aciona outros enunciados. Ou seja, o clube “copeiro” é aquele acostumado a disputar grandes decisões, “batalhas campais”, não se entregar mesmo quando está em desvantagem no placar ou na disputa. É aquele que conquista a vitória na base da “dedicação”, do “esforço” em campo. É aquele que “não se entrega nunca”.

Apenas para exemplificar o que estou dizendo: não se diz nada disso sobre o São Paulo, clube de futebol tri-campeão mundial e tri-campeão da Libertadores, mas se diz do Grêmio, apenas uma vez campeão mundial e duas vezes da Libertadores. O próprio rival do Grêmio que, nos últimos anos, obteve uma série de vitórias em competições internacionais, como o mundial de 2006 e a mesma Libertadores da América vencida pelo Grêmio, nos anos de 1983 e 1995, não é reconhecido como um time “copeiro”, ou de “alma castelhana”. O

³³ Competições em que os seus participantes participam de diversas fases. Normalmente, elas são disputadas em períodos curtos, pouco mais de 30 dias. Exemplos são a Libertadores da América, o Campeonato Mundial de Futebol (Copa do Mundo) e, no Brasil, a conhecida Copa do Brasil.

Internacional é um time gaúcho que também tem algumas características como “garra” e “raça”, mas que se sobressai pela sua “qualidade”, um atributo ainda do futebol brasileiro.

O que estou afirmando é que todas essas condições, esses discursos que fizeram parte da vida do Grêmio, nesses últimos 30 anos, colaboraram na construção, na ativação ou reativação de enunciados que funcionaram como máquina motriz do discurso gremista. Foi o conjunto dessas histórias, a partir das rupturas que o caracterizam, que permitem ao time ganhar contornos específicos. Não é, portanto, o time, em si, que produz isso, mas, ao contrário, tudo aquilo que foi posto em circulação no decorrer de três “quebras”, derivadas de momentos decisivos do clube. Não existe, portanto, uma relação causal ou mesmo de influência, mas contingências temporais.

O acontecimento do ano de 2005 tornou possível a repetição dos enunciados já descritos em cada um dos capítulos anteriores, porém com outros contornos e limites. Na chamada “Batalha dos Aflitos”, onde emergiu outra modalidade de discurso épico: ali irrompeu esse discurso épico em torno do Grêmio da chamada “imortalidade”, do time “guerreiro”, “valente”, “heróico”, “inacreditável”, “milagroso”.

Penso, portanto, que o discurso gremista foi criado dentro de um sistema discursivo que envolve o futebol, mas dentro desse sistema foi engendrada sua singularidade e a sua diferença. Como vimos nos textos, o Grêmio adquiriu uma diferença discursiva em relação aos outros, que merece ser estudada e pesquisada mais profundamente. Trata-se, por certo, de relações imbricadas, complexas, que precisam ser desconstruídas para serem mais bem entendidas. Foi o que tentei fazer, correndo todos os riscos a que me submeti desde o início da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPHEN, Ernst van. The portrait's dispersal: concepts of representation and subjectivity in contemporary portraiture. In: WOODALL, Joanna (Org.). *Portraiture. Facing the subject*. Manchester: Manchester University Press: 1997, p. 239-259.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ARAÚJO, Inês Lacerda. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. *Revista Aulas*, n.º 3 – dezembro de 2006 a março de 2007, p. 01-24.

BUENO, Eduardo. *Nada Pode Ser Maior*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DAMO, Arlei Sander. *Para o Der e Vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense e seus torcedores*. 1998. 273f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

_____. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v.13, n.23, 1991, p. 1-50.

DIESTMANN & DENARDIN, Claudio e Pedro. *Brasil de todas as copas*. S.D. Porto Alegre: Brasul Gráfica Editora, 2002.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). *Cultura Midiática e Tecnologias do Imaginário – metodologias e pesquisas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Ordem do Discurso*. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*, v. 22, jul./dez., 1997, p. 59-80.

_____. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n.º 114, nov. de 2001, p. 197-223.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Nova Dimensão, 1996.

FRAGA, Gerson Wasen. *A Derrota do Jeca na Imprensa Brasileira: Nacionalismo, Civilização e Futebol na Copa do Mundo de 1950*. 2009. 398f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

FREITAS, Letícia Fonseca. *Aprendendo a ser Gaúcho/a*. 2002. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBBSAWN, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. A produção em massa de tradições. In: HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LAMBERTY, Salvador Fernando. *ABC do Tradicionalismo Gaúcho*. Porto Alegre. Martins Livreiro, 2000.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do Poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 25 ed.

OLIVEN, Ruben. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, Claudia (Org). *Fronteiras da cultura*. Horizontes e terra antropologia na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993, p. 24-40

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Farrapos, liberalismo e ideologia. In: DACANAL, José Hildebrando (Org). *RS: Imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 05-29.

PETERS, Michael. Governamentalidade neoliberal e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 211-224.

PILOTTO, Fátima. A fabricação dos ídolos esportivos. In: *Anais da 23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação*, ANPED, Caxambu (MG), 2000, p. 1-17.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2007.

SOARES, Luis E. Futebol e teatro, notas para uma análise das estratégias simbólicas. In: *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, nº 33, 1979.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Fontes consultadas

BEHS, Leandro. Perigo: Avalanche! **Placar**, 2005. Disponível em: <http://photos1.blogger.com/blogger/3248/1682/1600/avalanche.1.jpg>
> acesso em: 10 de setembro de 2009.

CARLET, Wianey. **Zero Hora**. Porto Alegre, 03 de agosto de 1995, p.84.

CORREIO DO POVO. Fé. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 10 de dez. 1983. Esportes, p.13

COIMBRA, David. Aí vem o Grêmio. **Zero Hora**. Caderno de Esportes. Porto Alegre, 28 de novembro de 2005, p. 01.

DIESTMANN, Claudio. Agüenta coração. **Zero Hora**. Porto Alegre, 10 dez. 1983. Esportes, p.51.

DOMINGUES, Juan. Luiz Felipe mostra a força de um projeto. **Zero Hora**. Porto Alegre, 15 de agosto de 1995, p. 81

FERREIRA, Silvio. Entrevista. **Zero Hora**. Porto Alegre, 03 de agosto de 2009, p.65

GIUGLIANI Filho, João. Comunicado. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 1º dez. 1983. Esportes, p.18.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE . **Site do Grêmio**, 2009a. Disponível em: WWW.gremio.net/page/view.aspx?/=camp_bra81&language=0 Acesso em: 15 jun.2009.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. Bate mais forte o coração gremista. **Site do Grêmio**, 2009b. Disponível em: WWW.gremio.net/news/view.aspx?d=8353> Acesso em: 02 de jul. de 2009.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE(C). Koff, o presidente do Mundial. **Site do Grêmio**, 2009c. Disponível em: www.gremio.net/page/view.aspx?i=ent_fabiokoff&language=0 Acesso em 15 de julho de 2009.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. Bicampeão da Copa do Brasil invicto 1994. **Site do Grêmio**, 2009d. Disponível em: WWW.gremio.net/page/view.aspx?i=copa_94&language=0 acesso em: 07de ago. de 2009.

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE. **1983: O Ano Azul**. Porto Alegre: Vortéx Vídeo Produções, 2009. 1 DVD.

G7Cinema. **Inacreditável: A Batalha dos Aflitos**. Porto Alegre: TGD filmes, 2006. 1 DVD.

MARQUES, Dassler. Especial: Palmeiras X Grêmio. **Papo de Craque. Disponível em: [HTTP://dassler.blogspot.com/2007/10/especial-palmeiras-x-grmio.html](http://dassler.blogspot.com/2007/10/especial-palmeiras-x-grmio.html)** Acesso em: 18 de ago. 2009.

MUNDIAL 1983. Notas. Disponível em: <[HTTP://:mundial1983.blogspot.com](http://mundial1983.blogspot.com)> Acesso em: 05 de junho de 2009.

MOMBACH, Hiltor. Banguzinho. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 05 de agosto de 1995a, p.33.

MOMBACH, Hiltor . Pinta de campeão. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 17 de agosto de 1995b, p.33.

OLIVIER, Diogo. O dia em que Autuori se demitiu na entrevista coletiva. **Site Esporte Brasil**. Disponível em: [Http://espbr.com/noticias/dia-autuori-demitiu-entrevista-coletiva](http://espbr.com/noticias/dia-autuori-demitiu-entrevista-coletiva)> Acesso em: 10 de agosto de 2009.)

OSTEMARNN, Ruy. A hora do jogo. **Zero Hora**. Porto Alegre, 10 de dez. 1983. Esportes, p. 46.

KFOURI, Juca. A terra é azul. Viva o Grêmio. **Placar**. São Paulo, dez. 1983, p. 03.

PLACAR. São Paulo, n. 708, dezembro de 1983. P.6

SANT'ANA, Paulo. Casemiro pode jogar. **Zero Hora**. Porto Alegre, 10 dez. 1983a.Esportes, p.48

SANT'ANA, Paulo. Renato, meu herói. **Zero Hora**. Porto Alegre, 12 dez. 1983b. Esportes, p.42

SANT'ANA, Paulo. América tricolor. **Zero Hora**. Porto Alegre. 1º de setembro de 1995, p.91.

SANT'ANA, Paulo. Louvado seja, Imortal Tricolor. **Zero Hora**. Porto Alegre, 28 de novembro de 2005a, p. 43.

SANT'ANA, Paulo. A morrer, Grêmio. **Zero Hora**. Porto Alegre, 12 de novembro de 2005b, p. 43.

UOL ESPORTE. Consórcio se explica e promete estádio do Grêmio em dois anos.

UOL Esporte, 2008. Disponível em:

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/05/20/ult59u157671.jhtm>>

Acesso em 15 de agosto de 2009.

VEJA. São Paulo, junho 1982a, p. 43

VEJA. São Paulo, junho 1982b, p. 42

VEJA. São Paulo, julho de 1982c, p. 52- 53

WINCK, Ilgo. Nada pode ser melhor. **Correio do Povo**. Caderno Especial. Porto Alegre, 28 de novembro de 2005, p. 01.

ZERO HORA. Na raça, Grêmio vence Peñarol e conquista a Libertadores. **Zero Hora**. Porto Alegre, 28 de jul. 1983, Esportes, p.42

ZERO HORA. Grêmio humilha o Palmeiras em jogo tenso. **Zero Hora**. Porto Alegre, 27 de julho de 1995a, p. 84.

ZERO HORA. Estilo Luiz Felipe se consagra no final. **Zero Hora**. Porto Alegre, 14 de agosto de 1995b, p.6.

ZERO HORA. Sete homens e um destino. **Zero Hora**. Caderno de Esportes. Porto Alegre, 28 de novembro de 2005, p. 10 e 11.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)